

**VERA MARISA DE SOUZA RODRIGUES**

**CARAPINTADAS:  
ESTUDANTES NA FESTA E NA POLÍTICA**

Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Departamento  
de Antropologia do Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas  
da Universidade Estadual de  
Campinas, sob orientação do  
Prof. Dr. Antônio Augusto  
Arantes Neto.

Este exemplar corresponde à  
redação final da dissertação  
defendida e aprovada pela  
Comissão Julgadora em  
06/03/97

Banca:

<i>Antônio Augusto Arantes Neto</i> Prof. Dr. Antônio Augusto Arantes Neto	(Orientador)
<i>Marja Sueli Kofes</i> Profa. Dra. Marja Sueli Kofes	(Membro)
<i>Guita Grin Debert</i> Profa. Dra. Guita Grin Debert	(Membro)
Prof. Dr. José Luiz dos Santos	(Suplente)

março / 1997



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	T/UNICAMP
	R618c
V.	Ex.
TOMBO BC/	30075
PROC.	281197
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	10/05/97
N.º CPD	

CM-0005829-2

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

R618c

**Rodrigues, Vera Marisa de Souza**

**Carapintadas: estudantes na festa e na política / Vera Marisa de Souza Rodrigues. - - Campinas, SP: [s.n.], 1997.**

**Orientador: Antônio Augusto Arantes Neto.**

**Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Comunicação de massa e juventude. 2. Movimentos estudantis. 3. Meios de comunicação - Informação. 4. Estudantes. 5. Comunicação de massa - Aspectos políticos - Brasil. I. Arantes, Antônio Augusto. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.**

## AGRADECIMENTOS

Gostaria aqui de agradecer a algumas pessoas que foram importantes para que essa dissertação pudesse “acontecer”:

Ao Sérgio que, além do grande apoio e do incentivo para que eu realizasse os cursos, projetos, e ausências que o Mestrado exigiu, também digitou, tabulou e imprimiu textos de todas as fases desse trabalho.

À Bruna e à Laura que, mesmo sem entenderem porque a mãe tinha que ficar trabalhando, sempre deram “aquele” apoio.

Aos meus amigos da UNICAMP, Léa, Juliana, Joana, Alcides, Artur, Edson, Edinho, pelas conversas, perguntas e sugestões que sempre me levaram a repensar questões.

Ao Prof. Antônio Arantes, pela orientação e pela força .

E em especial aos meus pais, que sempre foram a garantia de tudo isso.

Agradeço ainda à CAPES e à FAEP pelas bolsas concedidas.

A MEU PAI.

## Índice:

Introdução	pag. 1
Capítulo 1- Anos Rebeldes e Impeachment	pag. 25
Capítulo 2- Quem é Carapintada	pag. 43
Capítulo 3- Criando Espetáculo	pag. 73
Capítulo 4- Na Festa	pag. 109
Capítulo 5- Na Política	pag. 148
Conclusão	pag. 171
Bibliografia	pag. 197

# INTRODUÇÃO

## I.

*Carapintadas* foi termo utilizado pelos meios de comunicação para designar os estudantes que reivindicaram, em passeatas, o *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello e que, ao pintarem o rosto, ganharam sua *marca distintiva*.

As matérias veiculadas, tanto em jornais e revistas, como pelos programas de rádio e televisão, apontavam para uma ambigüidade que, de acordo com seus autores, definia a ação dos estudantes que se manifestavam: apesar da "seriedade" dos seus objetivos (a saída de Collor do governo federal), suas manifestações eram também  *festa, carnaval, brincadeira*.

Entender o *carapintada* era uma questão que se apresentava ao leitor atento às diversas matérias e reportagens sobre as manifestações estudantis. Seus protagonistas poderiam ser definidos como sujeitos que agiam a partir de intenções premeditadas ou objetivos políticos definidos? Ou eram eles movidos pela festa, pela brincadeira espontânea?

O presente estudo pretende refletir sobre essa questão, partindo do pressuposto de que essa categoria, o *carapintada*, foi constituída no contexto de uma articulação particularmente importante entre a mídia e a política no Brasil. Esse pressuposto inclui as hipóteses de que:

1. a construção do *carapintada* foi realizada pela mídia a partir de um determinado *modelo* de jovem ou de juventude.
2. na definição do *carapintada* esteve presente a recuperação da memória de um período histórico específico- a década de 60. O

*carapintada* foi tanto identificado como contraposto ao jovem daquela época. Essa retomada do período- de 68, principalmente,- como *modelo* teve por estopim a veiculação da minissérie *Anos Rebeldes* pela *Rede Globo*.

3. foi possível observar as narrativas midiáticas ordenando, “dando lógica” às ações sociais<sup>1</sup>. As manifestações dos *carapintadas* se constituíram em *algo para ser visto pelos meios de comunicação*: a ação política se tornou um tipo de espetáculo definido.

Derivam hipóteses algumas questões centrais desse trabalho, a saber:

a. como entender os *carapintadas* levando em consideração a generalização do modelo de juventude proposto pela mídia (ainda que não aceitando-o)?

b. como perceber o *sujeito* no embricamento de suas ações com as narrativas da mídia?

c. no que a ação dos *carapintadas* difere da ação política em outros movimentos reivindicativos de massa, tais como a campanha pelas Diretas em 1984? O que essas ações têm em comum?

---

<sup>1</sup> O termo narrativa é usado com menos rigor do que o proposto por SOMERS: “(...) through narrativity that we come to know, understand, and make sense of the social world, and it is through narratives and narrativity that we constitute our social identities.

A narrativa ordena os eventos, garante-lhes significados, os colocam (located) em tempo/espaço determinados.

Quando falo em narrativas, estou tratando de textos produzidos para (ou com) as descrições dos eventos. Ainda assim, acredito ser possível pensar que as narrativas midiáticas possam ser pensadas como aquelas que a autora designou como *public narratives* (narrativas públicas) na medida em que se caracterizou por ordenar, moldar os eventos. A narrativa da mídia encontra legitimação na ação social.

SOMERS, Margaret- “The narrative constitution of identity: a relational and network approach in *They and Society*, vol 23/5- outubro de 1994.

## II.

"(...) discutir o processo de modelização do acontecimento, na medida em que os discursos apresentam um conjunto de designações bastante expressivo para ilustrar o trabalho de produção do *impeachment* (...)

1. "A CPI foi formada para responder a um caso que surgiu primeiro na imprensa, através de entrevista de Pedro Collor a Veja. A cada semana novos personagens são chamados a depor em CPI em função das reportagens de jornais e revistas". (Veja, 24/6/92)

2. "Há uma semana, alguém disse que o rei estava nu, o motorista Eriberto. Os fatos estão provando, no seu desenrolar, que ele não mentiu. Todas as denúncias de Eriberto, divulgadas com exclusividade por Isto É e apresentadas na CPI, estão confirmadas". (Isto É, 15/7/92) (...)

4. "Ainda que pertençam a esferas diferentes da vida nacional, a imprensa e a CPI se completam. Muitas das coberturas da imprensa servem de subsídios para a CPI, e vice-versa (...) Até agora, todas as notícias fundamentais sobre o caso publicadas pela imprensa foram corroboradas e complementadas na CPI e fora dela". (Veja, 29/7/92)

Os exemplos 1 e 2 dão conta não só da inserção da mídia no acontecimento (...) mas também, de um dispositivo muito mais estratégico, qual seja, a própria existência do acontecimento a partir do seu engedramento pela revista. Em outras palavras: o acontecimento passa a ter uma existência no circuito social no momento em que ele é produzido discursivamente, portanto, na hora em que ele recebe no mundo da revista classificação e tematização, aspectos para as

qual a mídia diz ao público sobre o que deve pensar, ter opinião e discutir (...)

Estamos diante de mecanismos significativos: basicamente a enunciação jornalística constituindo o próprio acontecimento político, no sentido de que não apenas mediatiza mas estrutura o próprio funcionamento de outros poderes (a CPI foi formada para responder um caso que surgiu na imprensa) (...)

O discurso jornalístico não só faz a descrição dos fatos reconhecidos socialmente, pelas instâncias públicas, como constrói no âmbito discursivo a própria esfera política, estruturando e modelizando os procedimentos de seu agir.

Portanto, bastante ilustrador desse poder de injunção que a mídia teve sobre o funcionamento da CPI é, sem dúvida, um certo papel de complementaridade que as esferas política e mediática exerceram no *impeachment* do presidente, o que já é atestado nos próprios enunciados jornalísticos (2 e 4)".<sup>2</sup> (grifos meus)

Retomando editoriais<sup>3</sup> das revistas *Veja* e *Isto É*, **FAUSTO Neto** (1994) demonstra a competência da mídia: muito além de descrever o evento<sup>4</sup>, tornando-o visível ao grande público, a imprensa (escrita, neste caso específico) produziu o *impeachment*, garantiu a ele existência quando o transformou em discurso jornalístico. A instauração da CPI só foi possível depois dos

---

<sup>2</sup> FAUSTO Neto, Antônio- "Vozes do Impeachment" in Mídia, Eleições e Democracia.

<sup>3</sup> O autor define o que é campo editorial: "articulado por vozes que operam em *off*, que presentificam a posição de um sujeito suposto de saber"; geralmente a posição do veículo enquanto "instituído" frente a uma determinada questão.

<sup>4</sup> Aqui, no caso em pauta, os acontecimentos que deram origem ao processo de *impeachment* de Collor, à instauração da CPI.

depoimentos de Pedro Collor á Veja; a relação de Collor com PC Farias só foi estabelecida depois que o motorista Eriberto determinou, nas páginas de Isto É, a veracidade das acusações ao presidente.

A cobertura jornalística aos eventos que desencadearam o processo de *impeachment* foi além de sua ação característica proposta pelo sentido estrito do termo (descrever): engedrou os acontecimentos na medida em que determinou a pauta da própria CPI.

Com respeito às grandes manifestações políticas populares, essa relação ação social/ mídia, ou engedramento do acontecimento político na (ou pela) cobertura jornalística é um foco de análise desde pelo menos a Campanha pelas Diretas- Já. Ainda que a maior emissora de TV brasileira não estivesse presente<sup>5</sup> naqueles atos, a ampla difusão dos eventos pelas TVs, rádios, jornais e revistas teve fundamental importância não apenas na apresentação dos fatos ao grande público, mas na “legitimação”<sup>6</sup> desses fatos. E, foi quando se “oficializou” a presença de locutores, pessoas de mídia<sup>7</sup> cuja função era garantir uma certa “organização” ao desenrolar do ato público.

Nas manifestações estudantis de 1992, essa relação (“intra- determinação”) entre as narrativas da mídia e a ação política (manifestações populares) se tornou ainda mais evidente.

---

<sup>5</sup> A ausência da Rede Globo nos primeiros comícios foi contornada pela própria emissora, nos comícios seguintes, quando foram enviados jornalistas para a cobertura. Mas os presentes aos atos não consideraram essa ação como legítima.

<sup>6</sup> Por “legitimação” estou entendendo a aceitação pública dos eventos.

A mídia<sup>8</sup> engendrou o evento, no sentido e na forma propostos por **FAUSTO Neto**, na medida em que, trazendo a *rua*-nela, as manifestações dos estudantes- para as páginas de jornais e revistas e para as telas de TVs, permitiu que a *rua* se (re)fizesse com aquilo posto pelos meios de comunicação.

Já nas matérias sobre as primeiras passeatas estudantis- aquelas que aconteceram no Dia do Estudante, 11 de agosto- a imprensa usou imagens, veiculadas na mídia, para caracterizar os eventos. Esses foram descritos como uma “retomada” dos *Anos Rebeldes*, destaque na Rede Globo.

A imprensa mostrou a década de 60- em especial 68- tal como apreendido na TV. Os manifestantes estudantis pró-*impeachment* “adotaram” aqueles anos como *modelo*, e os re-fizeram, incorporando aos atos as marcas nos rostos, o preto, a alegria.

Nesse processo de engedramento do evento, surgiu o *carapintada*. *Ator* nas manifestações sim, mas também *uma idéia, um conceito*, criados na (e pela) mídia ao descrever as passeatas<sup>9</sup>. O *carapintada* surgiu nos processos de escrever, re- escrever e descrever os atos estudantis de 1992. E é desse surgimento que trata essa dissertação.

---

<sup>7</sup> No caso das Diretas, o radialista Osmar Santos. Essa locução “oficial” aconteceu nos comícios de 1992, promovidos por entidades, como CUT, OAB, Movimento Ética na Política, mas não nas passeatas dos *carapintadas*.

<sup>8</sup> E agora não apenas a imprensa escrita, mas os meios de comunicação de massa em quase sua totalidade.

<sup>9</sup> E essa descrição tornou visível as passeatas, e legitimou-as ao grande público.

### III.

Se **FAUSTO Neto** mostrou o engedramento do acontecimento político na (e pela) mídia a partir de editoriais, ou daqueles textos onde estão colocadas as posições adotadas, as opiniões formalizadas ou oficializadas dos veículos de comunicação<sup>10</sup>, na presente dissertação tento compreender a maneira como os eventos foram descritos e o “surgimento” do *carapintada* tomando como material de análise as *reportagens*, produzidas por jornais, revistas e pelas TVs.

A reportagem<sup>11</sup> é basicamente o texto cuja função é narrar, descrever o acontecimento. É o momento em que é dada como pressuposta a tentativa de ausência do jornalista do texto<sup>12</sup>.

É fácil perceber nas narrativas<sup>13</sup> sobre as manifestações estudantis uma certa “homogeneidade”, uma forma comum: a recuperação da minissérie determinando a comparação com os atos estudantis de 68; a ênfase na alegria, na espontaneidade e no bom humor como elementos constitutivos das manifestações dos *carapintadas*; e a idéia sempre presente do ressurgimento do Movimento Estudantil.

Além dessa “forma comum”, as matérias ocuparam nos jornais e revistas espaços também bastante similares. Nos jornais,

---

<sup>10</sup> Naquele caso específico, nos editoriais das revistas *Veja* e *Isto É*.

<sup>11</sup> Esse termo, em meu trabalho, aparece como sinônimo de matéria jornalística.

<sup>12</sup> Não vou entrar no debate sobre a neutralidade do texto jornalístico. É dado que ela inexistente, e que a presença do repórter na matéria é bastante visível.

<sup>13</sup> Os textos produzidos.

fizeram parte das editorias *Geral* ou *Brasil*, do caderno referente à matérias locais e de cadernos especiais, como o Folhateen e o Cola<sup>14</sup>; estes últimos dirigidos ao jovem.

Nas revistas, as manifestações dos estudantes pró-*impeachment* do presidente renderam reportagens especiais, sempre de várias páginas e várias fotos.

E nas TVs, fizeram parte de noticiários, transmitidos tanto no meio do dia- e aí o foco das matérias era voltado para as passeatas estudantis, os eventos que aconteciam pela manhã-, como à noite- quando as matérias tratavam dos *carapintadas* e daqueles atos promovidos por entidades como CUT, OAB e Movimento Ética na política, que foram realizados, em São Paulo, sempre no fim da tarde e início da noite.

---

<sup>14</sup> Dos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, respectivamente- eram os cadernos veiculados na época e dirigidos ao público juvenil.

#### IV.

As manifestações estudantis aconteceram em espaço e momento determinados: as passeatas saiam do MASP, na Av. Paulista, e seguiam em direção ao Vale do Anhangabaú pela Av. Brfígadeiro Luiz Antônio, sempre durante a manhã. À tarde, aconteciam outros atos, estes protagonizados não apenas pelos *carapintadas*, mas também pela população (em geral).

Apesar dessa “determinação”<sup>15</sup>, é hipótese fundamental desse trabalho, como foi visto, que os eventos só são compreendidos na sua relação com as narrativas da mídia. Se os *carapintadas* ocuparam as ruas em momentos determinados, essa ocupação aconteceu muito em função do que dela foi mostrado.

Os eventos *carapintadas* se moldaram a partir da apropriação da *rua*<sup>16</sup>, na forma de passeata.

Em 1992, os estudantes foram às ruas, como havia acontecido em 1968. Essa retomada da *rua* para o político foi uma ação de cunho estritamente *coletivo*, em detrimento do individual. Pois a *rua* foi o espaço da *coletividade*, da *produção de uma igualdade*. E a *rua* foi o espaço, também da *construção da identidade carapintada*.

A *rua* se contrapôs ao *shopping*. Ainda que neste espaço fechado exista a criação de uma *sociabilidade* entre os frequentadores, esta é baseada em valores individuais, no

---

<sup>15</sup> De espaço e de duração.

<sup>16</sup> Levada para a mídia. A apropriação muito se deu pelo que foi dito na mídia.

consumo. A identidade que foi construída na *rua* teve por base valores de coletividade, portanto a negação da individualidade.

A *rua* garantiu, também, a *visibilidade da ação política* e a legitimidade dessa, quando traduzida em narrativas para a mídia.

É do processo de entendimento da *rua*, e da *rua* na mídia, que trata a presente dissertação.

## V.

As passeatas e manifestações públicas dos estudantes em 1992 podem ser pensadas como um *marco político* na História Brasileira, pois mesmo que sua influência efetiva na decisão dos parlamentares em cassar o mandato de Collor tenha tido alcance limitado, foram essas as manifestações que se tornaram *emblemas* da participação popular na campanha pró-*impeachment*<sup>17</sup>. Os *carapintadas* representaram o "povo", que estava "ausente" das praças públicas desde 1984, quando a campanha pelas eleições diretas levou às ruas centenas de milhares de pessoas em todo o país.

E as manifestações dos *carapintadas* podem ser pensadas também como marco no Movimento Estudantil. Mesmo que não tão bem organizados<sup>18</sup> como em épocas passadas, os estudantes *voltaram à cena da política nacional: sua ação ganhou visibilidade*.

A "transformação" das manifestações dos estudantes em emblema da participação popular e a visibilidade que elas tiveram resultaram da forma como foram veiculadas pelos meios de comunicação. Minha hipótese é a de que as passeatas dos *carapintadas* devem ser tratadas como prática política cuja principal característica foi a de ser construída em constante

---

<sup>17</sup> Foram as passeatas estudantis que ganharam maior destaque na mídia entre as manifestações de 1992.

<sup>18</sup> Ou diferentemente organizados.

diálogo com a mídia<sup>19</sup>, e como parte de uma tradição em mudanças políticas estudantis.

Esse diálogo pode ser percebido, por um lado, na recuperação das manifestações estudantis de 1968, recorrente nas matérias veiculadas na imprensa escrita e televisionada, como parâmetro para a definição do que seriam as manifestações dos *carapintadas*; e, por outro, pode ser percebido na elaboração de um *estilo*, criado pelos próprios estudantes, que foi marca das manifestações: a pintura dos rostos e o uso das cores (o preto, o verde, o amarelo) definiram o *carapintada*.

Ao entender as manifestações como *eventos mediatizados* (sempre na relação com os meios de comunicação), não apenas as reportagens sobre as passeatas estudantis da década de 60 podem servir como parâmetro para o estudo proposto, mas também sobressaem as feitas sobre as campanhas pelas eleições diretas como um elemento importante de comparação, pois nos grandes comícios de 1984 estavam presentes traços de um "estilo carnavalesco", sem dúvida exacerbado pelos *carapintadas*.

Dessa maneira, as relações entre as manifestações dos *carapintadas*, a luta estudantil de 68 e o movimento Diretas Já formam um importante eixo analítico desta pesquisa, como será visto ao longo do texto<sup>20</sup>. Mas não estou aqui propondo entender as passeatas de 92 como "determinadas" pelo desenvolvimento

---

<sup>19</sup> E aqui as manifestações dos *carapintadas* se comparam a mega eventos como o funeral do piloto Ayrton Senna, ou mesmo a desfiles de carnaval, ainda que estes não sejam definidos como políticos.

<sup>20</sup> Ver RODRIGUES, Alberto Tosi- "Estudantes na Política, em Tempos de Mobilização e Crise" in *São Paulo in Perspectiva*, 7 (1): 138-144, jan-mar de 1993. Toda a sua análise dos se constrói nessa comparação.

histórico do Movimento Estudantil ou dos movimentos de massa no Brasil, como faz RODRIGUES<sup>21</sup>. As lutas contra a ditadura militar e a campanha pelas Diretas foram tratados, na mídia, enquanto *elementos constitutivos das narrativas* sobre os episódios de 1992. E é nesse sentido que recupero os episódios: como (re)construções das ações políticas.

---

<sup>21</sup> Nesse sentido, o trabalho aqui apresentado difere fundamentalmente do de RODRIGUES. Sua pergunta básica é: o que aconteceu com o ME nesses últimos anos para que um evento como as manifestações dos *carapintadas* se tornasse possível? Vem daí a necessidade de toda a análise da conjuntura política de 1992 e dos anos precedentes.

## VI. (Não grupo...)

Se definidos apenas como “aqueles que participaram das passeatas pró- *impeachment* de Collor”, os *carapintadas* poderiam ser tratados enquanto um agrupamento *efêmero*, pois seria possível estabelecer limites temporais e espaciais esporádicos para a sua ação: *o momento e o local da passeata*.

Mas exatamente no fato de que a ação dos *carapintadas* apresenta essa “pouca consistência” nos seus limites reside a dificuldade em caracterizá-los enquanto um grupo social. O grupo demandaria como pressupostos limites “físicos” constituídos e permanência ao longo do tempo.

Essa noção de grupo perpassa análises e descrições de eventos como as realizadas por TURNER(1969).

TURNER<sup>22</sup> faz uso do conceito *drama social*<sup>23</sup> para a compreensão das relações entre grupos sociais, relações que estão em constantes modificações. Para ele, *drama social* é a *unidade* do processo social encontrada no empírico, caracterizada por seu dinamismo- por sequentes arranjos e rearranjos das relações que a compõem. E por ser unidade de um processo dinâmico, drama social necessariamente envolve a noção do conflito como o seu detonador. "Social dramas, then, are units of harmonic or disharmonic process, arising in conflict situations".

---

<sup>22</sup> Para esse debate usei "Social Dramas and Ritual Metaphors" in Dramas, Fields and Metaphors.

Conflito no texto aparece com dois sentidos: empiricamente, como conflito entre grupos sociais (ações, portanto, discordantes); analiticamente, como conflito entre estrutura e anti- estrutura (ou *communitas*). E é na dinâmica do *drama social* que símbolos são fabricados para a comunicação entre e inter grupos.

Porém, **TURNER** ao entender *drama social* como *ação pública e por isso observável no empírico*, estabelece fases para esse processo- brecha na ordem regulamentar, crises, ação para limitar a crise ("redressive action") e reestruturação (através ou da reintegração do grupo discordante à sociedade, ou da legitimação da cisão social). E é nesse ponto, que no meu entender, o conceito perde parte do dinamismo que o autor fez questão de enfatizar em diversos momentos do seu trabalho; pois se por um lado abre portas para a contingência (ou anti- estrutura, ou *communitas*), por outro a limita a funcionar dentro deste esquema pré- estabelecido.

E são o fato de que o conceito de **TURNER** pressupõe a delimitação empírica (clara) dos grupos em conflito e a maneira como ele restringe a ação dos grupos delimitados que inviabiliza a utilização de *drama social* na análise da ação dos *carapintadas*. Pois não é possível reduzir essa ação a um confronto entre jovens e governante- o que aconteceria se fossem estabelecidos os limites apontados acima<sup>24</sup>.

A análise do Estado balinês do século XIX realizada por **GEERTZ**<sup>25</sup> apresenta ao debate a possibilidade da utilização do

---

<sup>23</sup> Para ele uma metáfora para se pensar a realidade.

<sup>24</sup> Não é esta a hipótese de meu trabalho; pelo contrário, a idéia presente é de que a ação dos *carapintadas* "extrapola" o momento e o local em aconteceu.

<sup>25</sup> GEERTZ, C- Negara: O Estado- Teatro no Séc XIX.

conceito de *teatro*, ou *teatralização*, para o estudo do evento político.

Negara, o Estado em Bali, não se concretiza na organização da vida pública do cidadão ou na extensão, sobre o balinês, do poder coercitivo do rei, mas sim na teatralização, na ritualização da hierarquia. O Estado é *teatro*.

Assim, o que constitui a ação observável- a ação política, no caso descrito por **GEERTZ** é a ritualização da política. A realidade não existe independente da forma como ela é pensada; "o real é tão imaginado como o imaginário (pág. 170)".

Em Bali, a ação era a representação de uma hierarquia ideal. O *Estado-teatro* balinês tinha como necessária a permanência de uma determinada relação entre os grupos- a relação de hierarquia. A idéia de hierarquia ordenava o real, na medida em que sua "teatralização" reforçava, legitimava inclusive a constante existência de grupos inferiores e grupos superiores. Portanto, podemos pensar que os atores seguiam determinado "texto"...

Se adotarmos a forma como **CONNOR**<sup>26</sup> define a ação contemporânea- como *performance*, mutável a todo momento- é possível criticar a *teatralização* por pressupor a existência desse "texto" e a adequação dos atores a ele<sup>27</sup>.

A noção de *quase- grupos*, proposta por **MAYER**<sup>28</sup> pode trazer contribuições. Segundo este autor, os *quase- grupos* seriam caracterizados exatamente na fluidez de seus limites, porque sua

---

<sup>26</sup> CONNOR, S- Cultura Pós- Moderna.

<sup>27</sup> Em GEERTZ, esse "texto" seria a noção de hierarquia ideal e a ação dos atores estaria adequada a ele. Porm, essa idéia de separa real de ideal- texto/ação, não é pressuposto de GEERTZ.

constituição se daria propósitos definidos em um certo momento. Algumas características importantes: (1) a base que sustenta a relação entre os indivíduos é específica em cada caso; (2) não é entidade permanente pelo exposto no item anterior; (3) possui número limitado de membros. O *quase-grupo* é, portanto uma associação de indivíduos contextual e sem base formal. Essas características podem ser percebidas no agrupamento dos *carapintadas*- além da não existência clara de seus limites, a ligação dos indivíduos com a "vanguarda" do movimento era bastante tênue, até mesmo inexistente<sup>29</sup>.

O resgate dos conceitos definidos acima, para análise das ações dos manifestantes de 1992 é possível portanto, de maneira parcial, em aspectos definidos.

*Festa e Carnaval* me parecem muito mais adequados na reconstituição pretendida. Porque, ainda que tragam a *inversão da hierarquia cotidiana como estrutura fundamental* (e aqui o conceito não é utilizado com todo o seu rigor teórico), como queriam **DA MATTA** (1981) e **BAKTIN** (1987), são a *alegria* e a *espontaneidade* suas características fundamentais. Nesses pontos é que centro minha defesa do uso dos conceitos<sup>30</sup>.

Mas alegria e espontaneidade que definem a festa se opõem à *batalha*- característica de um certo conceito de ação

---

<sup>28</sup> MAYER, Adrian C.- "A importância dos 'quase-grupos' nos estudos das sociedades contemporâneas" in Antropologia das Sociedades Contemporâneas.

<sup>29</sup> O que foi possível nas matérias veiculadas. Se o dirigente tinha uma postura partidária claramente definida, esta não era importante para a massa estudantil.

<sup>30</sup> Alegria: as passeatas "carapintadas" puderam ser alegres porque a *guerra*- como a de 68- não aconteceu. O que abre uma brecha para se pensar que as manifestações de massa podem ser alegres, desde que não haja repressão, ou ainda, podem ser *caracteristicamente* alegres.

Espontaneidade da ação: parece haver algo mais, além da organização característica das manifestações, para explicar o grande número de pessoas que participaram das passeatas, mesmo não sendo esperado.

política eficaz, porque organizada. Conceito que, como veremos, é adotado nas narrativas produzidas pela mídia.

*Espetáculo* é o conceito que determina a visibilidade da ação. Tratar os eventos como *espetáculo* ou como *espetacularização da ação política* implica em percebê-los dotados de uma visibilidade própria, ou de uma estética própria<sup>31</sup>. E implica em compreendê-los como uma *ação coletiva*.

---

<sup>31</sup> Ver CANEVACCI.

## VII. (...Mas categoria)

Os *carapintadas*- como definidos acima- não formam um grupo, pois suas ações não permaneceram no espaço e no tempo: existiram apenas durante a passeata, não estão mais, portanto, envolvidos em um processo de interação.

*Então, quem é o carapintada?*

*Carapintada* é o estudante que pintou o rosto para participar dos atos. É o “novo rebelde” que, herdeiro de uma tradição política, dela se distanciou ao assumi-la de uma forma irreverente, com bom humor.

Mas *carapintada* é algo mais do que a personagem descrita acima. *Carapintada* se tornou *categoria* que é utilizada até hoje para designar uma *geração específica*- os jovens da década de 90- e seu *estilo*- uma atitude de indignação com as políticas instituídas e um sentimento de potencialidade, de capacidade de luta.

É da construção do *carapintada* que trata o presente trabalho. Parto da hipótese de que, assim como os eventos- as manifestações estudantis- só podem ser apreendidos, ou descritos, na sua relação com as narrativas da mídia, também a idéia de *carapintada* só surge na elaboração, no ordenamento dos eventos nos textos produzidos. O estudante só se torna *carapintada* nas páginas de jornais e revistas, e nas telas das TVs, portanto “fora” do espaço e do tempo efetivos da passeata, fora da *rua*.

*Categoria* é aqui entendida como conceito que tenta definir, caracterizar, um objeto ou parte dele. Conceito que deve ser amplo o possível para abarcar as diversas partes (ou as diversas formas) desse objeto.

*Categorias* estabelecem generalizações: são conceitos gerais classificatórios:

Não há grande preocupação, ao que parece, em definir teoricamente o que é *categoria*<sup>32</sup>. Pelo contrário, é conceito que só pode ser estabelecido pelo observador; nesse sentido é dado no empírico<sup>33</sup>.

Tomar *carapintada* como *categoria* implicou em definir uma *identidade* aos estudantes que participaram das passeatas. E a construção acontece nas páginas seguintes.

---

<sup>32</sup> Inclusive, o termo aparece raramente em dicionários e obras de referências em Ciências Sociais.

<sup>33</sup> É uma classificação proposta a partir da observação.

## VII.

A principal fonte que utilizo na construção da narrativa sobre o evento, que realizo no capítulo seguinte, é aquela composta por matérias jornalísticas e entrevistas publicadas na imprensa no período de junho a outubro de 1992<sup>34</sup>.

Claro está que a facilidade no manuseio de tal material (facilidade que se traduz na possibilidade de fáceis "observação" e reconstituição dos acontecimentos) ajudou na escolha da fonte, mas acredito que a melhor defesa da sua utilização está no fato de que, em alguns momentos, jornais e revistas (enquanto veículos de comunicação) se tornaram *agentes*<sup>35</sup> decisivos no desenrolar dos acontecimentos que levaram ao impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello. Cito aqui como exemplo fundamental dessa transformação da imprensa, de *veículo*<sup>36</sup> a *agente*, o depoimento do motorista Eriberto França, veiculado pela revista Isto É, que teve como pretensão se tornar a *prova* do vínculo de Collor ao esquema PC.

Narrativas ou análises dos acontecimentos com base no material de mídia devem levar em consideração que aquilo que está exposto não é mais o fato, mas sua *versão*- uma narrativa do fato. Afirmação que se em primeiro momento parece óbvia, muitas vezes vemos que não foi levada em conta em textos sobre as manifestações dos *carapintadas*.

---

<sup>34</sup> Fazem parte dessa fonte os jornais O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo, do período citado, e Diário Popular, nos meses de julho e agosto; e as revistas semanais Isto É e Veja.

<sup>35</sup> Como proposto por FAUSTO Neto.

<sup>36</sup> A imprensa, e a mídia em geral, deixa ter por função apenas tornar visível o evento, mas o constrói na medida em que o torna narrativa.

As análises realizadas por RUBIN<sup>37</sup> e PELLEGRINI<sup>38</sup> são exemplos de textos onde as falas dos *carapintadas*, base das análises, não são percebidas como elas mesmas constituintes de versões- de narrativas- dadas pelos veículos de comunicação<sup>39</sup>, mas são tomadas em uma "literalidade" inexistente.

"OS ESTUDANTES PERCEBERAM AS DIFERENÇAS DE FORMA E CONTEÚDO ENTRE AS MANIFESTAÇÕES QUE PROMOVIAM E AS QUE TELEVIVENCIAVAM. EM MUITAS FALAS ISTO FICOU ANOTADO (...)"

"A PERCEPÇÃO DAS DIFERENÇAS DA HISTÓRIA NÃO IMPEDIU, NO ENTANTO, QUE ACONTECESSEM IDENTIFICAÇÕES COM PERSONAGENS DA FICÇÃO: JOÃO ALFREDO E PRINCIPALMENTE HELOÍSA. A OUTRA ESTUDANTE DISSE: EM CADA UM DE NÓS BROTOU UMA HELOÍSA". ( em nota, a matéria de onde saiu a afirmação: **A força da galera** IN Isto É, São Paulo (1196):35, 2 de setembro de 1992) (grifos meus)- pág. 165

Reler os acontecimentos pela ótica da mídia levou RUBIN, no trecho acima, a exacerbar a importância da minissérie *Anos Rebeldes* na constituição dos acontecimentos. Anteriormente o autor já tinha afirmado (pág. 164):

"SEM A CONJUNÇÃO DE ASTROS, TALVEZ ANOS REBELDES PASSASSE EM VÃO, A NÃO SER PELO INUSITADO DO

---

<sup>37</sup> RUBIN, Antônio A.C.- "Política em tempos de 'mídia': impressões de crises" IN Comunicação e Cultura Contemporâneas

<sup>38</sup> PELLEGRINI, Tânia- " Fato e ficção: os limites da imagem" IN Teoria e Pesquisa 5

<sup>39</sup> Pois retiradas do contexto em que foram produzidas.

TEMA PARA A GLOBO. ASSIM SE ANOS REBELDES- AR NÃO FOI TUDO: AR FOI O OXIGÊNIO QUE FALTAVA PARA O FOGO DETONADOR DO INCENDIAR DE MOBILIZAÇÕES. COMO DECLAROU UMA ESTUDANTE: ANOS REBELDES SINALIZOU PARA A GENTE UM MEIO DE EXPRESSÃO: A PASSEATA (em nota: Couto, José Geraldo- **E no entanto eles novamente se movem** IN Folha de São Paulo, 6 de setembro de 1992, pág. 6 - Suplemento Mais). TALVEZ UMA SINALIZAÇÃO SIMPLES, MAS QUE CONJUGADA À OUTRA PERCEPÇÃO CONSTITUIU UMA CONJUNÇÃO EXPLOSIVA; 'HOJE EU PERCEBI QUE SEM MUDAR MUITO EU POSSO PARTICIPAR DA POLÍTICA' (em nota: **A força da galera** IN Isto É São Paulo(1196):32/33, 2 de setembro de 1992). OS ESTUDANTES E COM ELES A POPULAÇÃO GANHARAM ENFIM AS RUAS" (grifo meu).

Na narrativa dos acontecimentos que construo a seguir, tento evitar (o que não acontece no texto de RUBIN) tomar como *fato* aquilo que é *versão*- narrativa. Ela deve ser lida, assim, como uma nova narrativa construída a partir de versões dos eventos propostas por jornais e revistas.

**CAPÍTULO 1**  
***ANOS REBELDES E***  
***IMPEACHMENT***

## I.

Em início de junho de 1992 estava instaurada a "CPI do PC", Comissão Parlamentar de Inquérito encarregada de verificar as denúncias de corrupção e de tráfico de influências feitas por Pedro Collor, irmão do então presidente, contra Paulo César Farias, empresário amigo de Fernando Collor de Mello.

A idéia do *impeachment* ou da renúncia do presidente, ainda que descartada, começa a aparecer nos noticiários impressos já em meados deste mesmo mês, quando depoimentos do deputado Renan Calheiros e do ex- presidente da Petrobrás, Motta Veiga, vinculam Collor ao "esquema PC"<sup>1</sup>

As denúncias de participação do presidente Collor em esquemas de corrupção se avolumam nas semanas seguintes, com o aparecimento de cheques "fantasmas", supostamente assinados por pessoas ligadas a Paulo César, cujos destinos seriam o pagamento das contas da Casa da Dinda<sup>2</sup>.

Tais denúncias são confirmadas pelo depoimento de Eriberto França, motorista de Collor, publicado exclusivamente por Isto É em edição do dia 1 de julho de 1992<sup>3</sup>. Segundo ele, a participação de Paulo César Farias no pagamento das contas particulares do presidente e da primeira dama (via empresa Brasil-Jet) incluiu, além do subsídio à sua campanha, também a reforma dos jardins da Casa da Dinda, orçada em U\$ 2,5 milhões. Estava

---

<sup>1</sup> A denúncia era a de que o presidente sabia do esquema de corrupção e tráfico de influência montado por PC Farias.

<sup>2</sup>Residência do presidente.

<sup>3</sup>Edição que continha também entrevista com Fernando Collor de Mello.

provada, segundo as matérias publicadas, a ligação PC/ Fernando Collor.

O que se viu nas duas semanas seguintes foi o acirramento das denúncias contra Collor e a tentativa deste de tentar explicar, com a ajuda de Cláudio Vieira (secretário de Collor), a fonte do dinheiro utilizado em sua propaganda política. Estava montada a "Operação Uruguai": segundo Vieira<sup>4</sup>, um empréstimo naquele país teria garantido a Collor os fundos de campanha e o restante estaria sendo usado para despesas pessoais. Nova testemunha põe abaixo tal "operação"; Sandra de Oliveira, secretária de PC em São Paulo, contradiz, em depoimento mais eficaz do que aquele dado por Vieira, todas as provas apresentadas por este<sup>5</sup>.

Rumores de *impeachment* aumentam na última semana de julho e na primeira de agosto. A revista Veja, em matéria publicada em sua edição do dia 5 de agosto, afirmava que o *impeachment* era certo. "Tão certo que o PMDB, o PSDB e o PT acham que a iniciativa de tentar abrir o processo deve parecer espontânea. 'O povo é que tem que cobrar a saída do presidente', disse o senador Pedro Simon, requeitando um jantar de terça-feira em que o PMDB, o PSDB e o PT começaram a ensaiar um pacto que entregaria ao cidadão comum a iniciativa de tentar abrir o processo de *impeachment* contra Collor (...)". Se as campanhas pelo afastamento do presidente ainda não tinham mobilizado a população, o fato é que o *Movimento pela Ética na Política*, organizado por entidades civis, já se manifestavam em praça

---

<sup>4</sup>Em depoimento à CPI no dia 27 de julho.

<sup>5</sup>O depoimento de Sandra se deu 2 dias após o de Vieira- a secretária foi apresentada por Suplicy.

pública desde pelo menos 14 de julho quando, nas palavras de O Estado de São Paulo, "representantes da sociedade civil pedem (pediam) rigor na apuração das denúncias".

Quatorze de julho foi também a data do início da transmissão da minissérie *Anos Rebeldes* pela *Globo*. Narrativa romanceada da história de uma "turma de adolescentes envolvidos em política, paixões e a aura da revolução de costumes da era pós- pílula" (Folha de São Paulo, 12/07/92), *Anos Rebeldes* estreou na expectativa de ser um painel dos anos 60, onde os conflitos entre o coletivo e o individual, entre o idealismo e a ditadura, entre ser alienado e ser militante davam a tônica aos comportamentos. A trama da narrativa teve como foco Maria Lúcia (Malu Mader) e João Alfredo (Cássio Gabus Mendes), que têm romance tumultuado pela participação deste no movimento estudantil e na luta armada pós- golpe. Estão também no enredo Heloísa (Cláudia Abreu), a moça rica que vai para a guerrilha; Edgar (Marcelo Serrado), que bem- sucedido na profissão representa a vida que a protagonista gostaria de ter; e Galeno (Pedro Cardoso), o jovem escritor apenas simpatizante do movimento contra o golpe, mas que encontra problemas com a censura, entre outros.

A minissérie foi festejada por ter sido a primeira vez em que os dramas do período da ditadura militar apareciam na tela da TV e caracterizada como forma de "ajudar a conhecer uma época onde não se podia falar com liberdade<sup>6</sup>". Sílvio Giannini, articulista da Veja, escreveu para a edição do dia 15 de julho: "(...) Pela primeira vez a TV irá mostrar aos telespectadores o Brasil do

---

<sup>6</sup>Malu Mader, em entrevista a O Estado de São Paulo, 5 de julho de 92.

regime militar de 1964, quando se vivia num país de dois andares. No de cima, festejava-se a vitória sobre o 'perigo comunista', a retomada do crescimento econômico e a conquista da Copa de 70. No de baixo, movimentava-se a luta armada, a tortura, a clandestinidade e o exílio. No mundo real, desde aquela época o andar de baixo faz parte da História do Brasil. No mundo da TV, permaneceu trancafiado no porão das lembranças proibidas. (...) Mas esta é a primeira vez que uma emissora de TV se dispõe a levar ao ar uma tragédia que não apareceu sequer em seus telejornais da época(...)". E Carlos Chaparro, do Diário Popular, recomendou (em 14 de julho): "(...) Os 20 capítulos de *Anos Rebeldes* devem ser assistidos. A proposta dirige-se principalmente aos jovens. É a oportunidade de conhecerem melhor a história de um período recente de repressão policial - militar que sufocou os sonhos de liberdade de uma geração".

Se elogiada antes da estréia, *Anos Rebeldes* foi severamente criticada após alguns dias de exibição<sup>7</sup>: seu texto e cenário eram por demais saturados de citações de época e seus personagens, caricaturas<sup>8</sup>. Algumas manchetes de crônicas publicadas pela Folha de São Paulo confirmam essa tendência:

"Minissérie faz Geração 68 parecer bando de mauricinhos desmiolados" (texto de Luiz Antonio Giron do dia 16 de julho).

---

<sup>7</sup>O Estado de São Paulo manteve postura elogiosa ao longo das 4 semanas de exibição da minissérie: "*Anos Rebeldes* desperta reações emocionadas: a reconstituição de época agrada tanto quanto a trama romântica que conduz a ação na minissérie da Globo" (17 de julho).

<sup>8</sup>A reconstituição de época gerou, no entanto, equívocos. Detalhes vêm a tona a todo o momento e algumas vezes beiram a saturação(...) um único diálogo pode conter referências ao Teatro Oficina, ao artista Antonio Dias, à Galeria Relevo e à Maison de France. Até os integrantes da chamada geração 68 vão achar um exagero (Isto É, 15/07/92).

"Anos Rebeldes é exercício de cinismo global: minissérie -sobre o golpe de 64 joga a História na lata do lixo dos amores de um parzinho de novela" (Marcelo Coelho- 17 de julho).

"Anos cor- de- rosa: baile da saudade de Anos Rebeldes faz 68 virar um museu róseo e seus pretensos heróis, confeitos" (Luiz Ant. Giron- 19 de julho).

"Gosto de Anos Rebeldes. Não corresponde, porém, às expectativas iniciais", foi a afirmação de Carlos Chaparro na sua crônica 'História só de amor' (Diário Popular, 20 de julho).

Mas é fato que a minissérie repercutiu. Tanto que mereceu a atenção e um editorial, publicado no Noticiário do Exército<sup>9</sup>, desmentindo a visão de Gilberto Braga (autor da minissérie) dos fatos, uma série de depoimentos apaixonados<sup>10</sup> e um debate promovido por O Estado de São Paulo já ao final dos capítulos (16 de agosto).

A impressão que se tem é que *Anos Rebeldes* promoveu um retorno nostálgico aos anos 60. Na moda<sup>11</sup>, segundo afirmam os jornais, e nas discussões sobre o *comportamento da juventude*. O individualismo considerado característico dos jovens "atuais" foi contraposto à esperança, à

---

<sup>9</sup>Ver Isto É, 29 de julho de 1992.

<sup>10</sup>O Estado de São Paulo, 17 de julho.

<sup>11</sup> "Com a estréia da minissérie na Globo e o modismo anos 60 e 70 que está tomando conta das vitrines, vestir as roupas autênticas da época agora é super bacana"- O Estado de São Paulo, 18 de julho.

solidariedade e ao coletivismo daquela época. "Os tempos em que os jovens agitavam na política, ou na contracultura, me parecem muito mais atraentes. Minha geração é individualista, lê pouco, debocha de tudo, e não me excludo deste perfil, mas não gosto dele", afirmou Cláudia Abreu à revista Isto É (edição de 29/07), como quem "perdeu aquela festa"<sup>12</sup>

VEJA- NOS ANOS 60, MUITOS JOVENS LUTAVAM PELA LIBERDADE, CONTRA A DITADURA E HAVIA GRANDE POLITIZAÇÃO<sup>13</sup> (GRIFO MEU). HOJE, A CPI DO PC FARIAS NÃO AGITA AS RUAS. A CORRUPÇÃO É UM TEMA SEM APELO PARA MOBILIZAR A SOCIEDADE?

**JUDITH PATARRA-** DEPOIS DO GOLPE MILITAR, HOUE UM PROCESSO DE MOBILIZAÇÃO. MAS ELE FOI LENTO E RESTRITO A ALGUNS CENTROS URBANOS (...) ACREDITO QUE NÃO É IMPOSSÍVEL MOBILIZAR PESSOAS DE ALGUNS CENTROS MAIS POLITIZADOS PARA TENTAR MODIFICAR O ATUAL ESTADO DE COISAS. O MOVIMENTO DAS DIRETAS JÁ COMEÇOU EM 1983 COM UM PÚBLICO DE NADA E FOI CRESCENDO AOS POUCOS POR TODO O PAÍS. AGORA, O MESMO FENÔMENO PODE SE REPETIR.

A confirmação da resposta de Judith Patarra, historiadora que publicou um livro sobre Yara, a mulher de Lamarca, à repórter de Veja aconteceu nas ruas no dia 11 de agosto, em São Paulo<sup>14</sup>.

Na comemoração do Dia do Estudante, as entidades UNE (União Nacional dos Estudantes) e UBES (União Brasileira

---

<sup>12</sup> E sem me estender demais: "Hoje, infelizmente, não há mais lutas, só há complacência e individualismo" ( O Estado de São Paulo, 26/07).

<sup>13</sup> Aqui já está presente o que mais tarde se tornará constante: se referir à década de 60 como tempo de luta.

dos Estudantes Secundaristas) organizaram uma grande passeata, com concentração na Av. Paulista e ato final no Largo São Francisco, para pedir o *impeachment* do presidente Fernando Collor.

Manifestação que reuniu cerca de 20 mil pessoas e surpreendeu até mesmo os líderes estudantis por seu tamanho, a passeata do dia 11 recebeu ampla cobertura na imprensa. E nas matérias publicadas sobre o evento já estavam presentes duas idéias que dariam a tônica das descrições das manifestações posteriores: a alegria, a festa carnavalesca da manifestação, e a comparação dessa com os movimentos estudantis de 68. Comparação que foi adotada, inclusive, pela própria liderança: basta ver o cartaz produzido pela UNE e UBES, convocando os estudantes para essa passeata, que tinha como dizeres: *Anos Rebeldes- Próximo Capítulo: Fora Collor*.

"Os estudantes fizeram questão de levar para as ruas muitas bandeiras, faixas e fantasias, mostrando bastante descontração. Apesar do clima de festa, o presidente da UNE, Lindberg Farias, acha que a passeata foi muito séria (...)" e "(...) Mauro Panjera, da executiva nacional da UBES, disse que é necessário o estudante voltar às ruas para protestar contra 'os desmandos no País'. E concluiu: 'Estamos construindo nossos anos rebeldes'" foram trechos de matéria publicada no Diário Popular, em 12 de agosto, onde as idéias apontadas acima estavam presentes. O Estado de São Paulo levou a comparação entre 92 e 68 a quase uma sobreposição de imagens: "Os últimos capítulos da minissérie

---

<sup>14</sup>Essa entrevista foi publicada na edição do dia 12 de agosto. Como essa data corresponde à quarta-feira da semana em que a revista circula, e esta já está nas bancas desde o domingo anterior, é possível pensar que a entrevista ocorreu pouco tempo antes da primeira passeata dos estudantes.

*Anos Rebeldes*, da TV Globo, foram marcadas por manifestações em São Paulo e no Rio de Janeiro que colocaram o País na máquina do tempo: 1992 ou 1968? Nas ruas de São Paulo milhares de estudantes cantaram *Alegria, Alegria*, música de Caetano Veloso, tema da série. No Rio, os jovens saíram em passeata, pedindo o fim do governo Collor, repetindo o ideal de seus pais em 1968 pelo fim da ditadura militar". (16/08/92)

Ao que parece, os *carapintadas*- estudantes que participaram das passeatas e que, ao pintarem o rosto, ganharam uma *marca distintiva*- surgiram nas matérias sobre as manifestações de São Paulo (11/08) e do Rio de Janeiro (14/08). Com a Indignação Estampada no Rosto foi o título de uma série de reportagens publicadas no Jornal do Brasil (16/08), cuja a proposta era não só entender o significado da pintura no rosto dos jovens manifestantes, mas colocar esta prática dentro de um contexto mais amplo<sup>15</sup>. Vale recuperar parte das reportagens e dos dizeres dos participantes da passeata do Rio de Janeiro:

" 'FORA COLLOR' FOI O NOME DO ENREDO E TAMBÉM DA MAQUIAGEM. ESTAVA ESCRITO NO ROSTO, EM VERMELHO INDIGNADO, DE DÚZIAS DE REPRESENTANTES DA NOVÍSSIMA GERAÇÃO, EM SUA PRIMEIRA ENTRADA NO MOVIMENTO POPULAR, SEXTA-FEIRA PASSADA, EM PLENA AV. RIO BRANCO. UM RITUAL DE GUERRA? VONTADE DE SE ENFEITAR? PARA CHAMAR A ATENÇÃO DO ROSTO NESTA PAÍS DE FANTASMAS? TUDO ISSO: 'É A MARCA DA INDIGNAÇÃO NO CORPO, NA ALMA E NO SANGUE DOS BRASILEIROS HOJE', RESPONDEU O ESTUDANTE ELDER VIEIRA DURANTE A MANIFESTAÇÃO" (...)

---

<sup>15</sup>O jornal publicou uma série de momentos em que se pintou a cara: na guerra indígena, nos jogos coletivos, no circo, etc.

"PARA ROBERTA, A PINTURA NO ROSTO É A FORMA DE COMUNICAÇÃO IMEDIATA: 'CHAMA ATENÇÃO PARA O MOVIMENTO' " (...)

"VERDADE. PARA CHAMAR A ATENÇÃO DURANTE A PASSEATA, OS MILITANTES ABUSARAM DA VOCAÇÃO CARNAVALESCA DO BRASILEIRO (GRIFO MEU) (...) PARA O PSICÓLOGO CLÁUDIO CESAR M. SILVA, DE 27 ANOS, O 'PORTA-VOZ' DO GRUPO, A PINTURA SIMBOLIZA UMA BUSCA DE RENOVAÇÃO NO MOVIMENTO POPULAR: 'ESTAMOS CANSADO DE DISCURSOS FURIOSOS. QUEREMOS MOSTRAR NOSSA INDIGNAÇÃO DE UMA FORMA MAIS LEVE' ".

Em São Paulo, ainda segunda o JB, a iniciativa de pintar a cara partiu da garotas, que utilizaram seus batons para marcar 'Fora Color' em dezena de manifestantes. Mas o uso da pintura no rosto parece que ainda se restringiu a ala feminina.

Na descrição, ou na narração dos eventos, a imprensa (escrita) definiu o *carapintada* como estudante de colégio particular, que luta pelo grêmio independente, assiste Família Dinossauros, joga vôlei e cultua Jô Soares, Cazuzza ou Cláudia Abreu ("Cartilha dos Novos Rebeldes"- O Estado de São Paulo, 17/08); e generalizou esse "tipo" como o típico representante da juventude dos anos 90<sup>16</sup>.

Depois das primeiras manifestações, a questão do ressurgimento do movimento estudantil se tornou presença constante em jornais. A "volta dos rebeldes" foi a tônica dessas

---

<sup>16</sup> Daí a possibilidade da existência de matérias em que apenas um colégio é transformado em critério para a avaliação de outras escolas e seus alunos em paradigmas de atuação dos jovens- ver "Bandeirantes sintetiza a mudança" e "Geração cultiva atitudes conservadoras" em O Estado de São Paulo, 13/09/92; e ainda "Colégio tradicional adere à rebeldia" em Folha de São Paulo, 19/08/92.

reportagens<sup>17</sup>. E criou-se uma expectativa em relação à continuidade da mobilização dos jovens- já estava prometida uma passeata para o dia 25 de agosto.

Mas entre a passeata do dia do estudante e a prevista, Fernando Collor, em discurso em 13 de agosto, (quinta-feira), pediu à população brasileira para que, no domingo seguinte, mostrasse seu apoio à ele usando alguma vestimenta verde-amarela. "Convocando a população para que use as cores nacionais em defesa de seu mandato, o presidente Collor tenta revestir de uma aura de respeitabilidade e de conotações patrióticas o que se resume apenas a um interesse político pessoal; pretende que a bandeira do Brasil se converta em expressão de complacência com uma situação política insustentável (...) Os símbolos nacionais que foram levantados pela população nos grandes momentos de mobilização cívica e de luta pela democracia viram-se usurpados por um presidente sem condições políticas para governar (Folha de São Paulo, editorial do dia 15/08)". Estava deflagrada a "batalha das cores" e instituída com vigor a questão estética, nesse movimento e nos posteriores.

A resposta da população foi a ida massiva às ruas, trajando preto, em diversas capitais do país<sup>18</sup>. O preto simbolizou, conforme apontaram os diversos jornais e revistas pesquisados, o luto, a indignação, a vergonha pela maneira como o país estava sendo governado.

---

<sup>17</sup>"Filhos da Rebeldia: estudantes prometem mais gente nas ruas"- Folha de São Paulo, 16/08 e "Indignação ressuscita Movimento Estudantil"- O Estado de São Paulo, 17/08.

<sup>18</sup>O apoio a Collor se restringiu a uma manifestação de cerca de 300 pessoas em frente a Casa da Dinda, e à bandeiras nacionais compulsoriamente penduradas nas agências da Caixa Econômica Federal.

O luto foi recomendado e as manifestações foram programadas por políticos de oposição e por entidades civis<sup>19</sup>. Mas, apesar disso, um quê de espontaneidade e improvisação na forma das pessoas protestarem se contrapôs a uma preparação visual prévia. Se nas carreatas, cintos de segurança, carpetes de carro e sacos de lixo foram utilizados para marcar posição contra Collor, "muita gente se produziu para sair de casa, escolhendo a dedo a roupa preta para usar ou confeccionando bandeira" (Diário Popular, 17/08). Era a produção para a festa- comentário presente nas matérias posteriores.

Os *carapintadas* estiveram presentes na Cidade Universitária, palco de show de Margareth Menezes e de atos a favor do *impeachment*. "Bandeiras negras e caras pintadas podiam ser vistas por todo o campus da USP", segundo afirmou repórteres de O Estado de São Paulo (17/08). Mas as manifestações do domingo da "batalha das cores" se caracterizou pela participação de pessoas de diferentes idades e classes sociais, conforme o mesmo jornal.

Os dias seguintes ao "domingo de luto" e precedentes a falada passeata do dia 25 foram carregados de manifestações<sup>20</sup> e de matérias onde um modelo de cobertura jornalística aos eventos realmente se efetivou.

A descrição (realizada por jornais e revistas) das manifestações ocorridas partiu de um duplo movimento: sua

---

<sup>19</sup>Foram programados em São Paulo: 1. carreata- pelo PSDB, às 9 horas; 2. carreata- pelos Sindicato dos Bancários, PT e UNE, às 13 horas; 3. ato- por estudantes e Movimento de Revalorização do Cambuci, às 10 horas no Teatro Municipal, entre outros.

<sup>20</sup> A grande passeata no Rio de Janeiro no dia 21 de agosto.

aproximação e distanciamento da ação política dos jovens da década de 60<sup>21</sup>.

Como as manifestações estudantis de 68, as passeatas dos *carapintadas* se caracterizaram por ter um objetivo político- e prático- bastante claro (em 68, pedia-se a queda da ditadura; em 92, a queda de Collor) e por ter, intrínseco, um sentimento de *coletividade* (que se contrapunha ao *individualismo* que marcou a geração "shopping-center"<sup>22</sup>). Foi até possível se falar em "novos rebeldes" ou, ainda, na volta da "rebeldia juvenil"<sup>23</sup>, pensados como o ressurgimento do movimento estudantil<sup>24</sup>.

Mas, se "as palavras da garotada são duras, tem uma seriedade radical"- como as contra o regime militar instaurado com o golpe de 64- "as passeatas foram mais festas gigantescas que desfiles de sisudez marcial" (Veja, 19/08- grifo meu). E a alegria, o deboche e o bom humor crítico foram as características ressaltadas pela imprensa ao diferenciar os dois momentos históricos. Daí a comparação das passeatas "carapintadas" à *festa*, principalmente à *festa carnavalesca*. A pintura nos rostos e as fantasias foram consideradas, assim, parte da estética das manifestações dos *carapintadas*<sup>25</sup>.

---

<sup>21</sup> Ou aquilo que se convencionou chamar de ação política daqueles jovens: as imagens das passeatas, mostradas por *Anos Rebeldes*, e o comportamento dos personagens que, segundo se discutiu durante a exibição da minissérie, se assemelhava ao comportamento dos "jovens reais" de 68. Um exemplo é a questão da troca de um namoro estável pela militância, dilema vivido pelo personagem João Alfredo e por líderes estudantis.

<sup>22</sup> A geração da década de 90.

<sup>23</sup> "Alegria, Alegria"- Veja- 19/08.

<sup>24</sup> Movimento que, diferente do de 68, correu por fora de filiações partidárias.

<sup>25</sup> Listo aqui algumas matérias (ou trechos delas) que foram escritas no modelo dado acima:

\*"Indignação Ressuscita Movimento Estudantil"- O Estado de São Paulo, 17/08

\*"Novos rebeldes pedem *Impeachment* de Collor" (...) Os novos rebeldes e também parte da geração de 68 ocuparam ontem por três horas (...)"- Diário do Povo, 22/08

Em 25 de agosto, dia da votação, na Câmara dos Deputados, do relatório final da CPI, duas grandes manifestações aconteceram em São Paulo. Pela manhã, os estudantes, novamente convocados pelas UNE e UBES, realizaram passeata ("um cordão humano de quatro quilômetros", nos dizeres de O Estado de São Paulo, 26/08) que saiu da Av. Paulista com destino ao Vale do Anhangabaú, para onde estava marcado novo ato, este chamado por entidades civis.

Essa passeata pode ser considerada a "passeata-símbolo" das ações políticas dos *carapintadas* (em São Paulo)<sup>26</sup>. Porque, além de ser aquela que reuniu o maior número de participantes (falou-se em 200 mil), foi a mais caracteristicamente moldada (pela imprensa) dentro do "modelo" de descrição da manifestação "carapintada". O mesmo tipo de construção de matéria jornalística, relatado acima, pode ser encontrado na cobertura divulgado por jornais e revistas. Bastante presentes estavam a influência da minissérie *Anos Rebeldes* e a utilização das noções de  *festa e carnaval*, e também *performance e teatro*, para a descrição das manifestações estudantis. Mas, ao invés de trazerem os jovens vestidos totalmente de preto<sup>27</sup>, as crônicas começaram a mostrar os *carapintadas* como responsáveis pelo resgate do verde e do amarelo como símbolos da nação<sup>28</sup>.

---

\*\*Ato dos 'novos rebeldes' para centro do Rio: a manifestação dos estudantes pró- *impeachment* foi uma festa, com alas de diversas cores(...)"- O Estado de São Paulo, 22/08

\*\*"Abismo separa 68 do carapintada de 92"(...) "a mudança mais visível está no ritual, na liturgia das manifestações", observa o jornalista Zuenir Ventura (...) 'A liturgia tornou-se mais alegre, quase um teatro de rua' "- O Estado de São Paulo, 24/08

\*\*Herança da ditadura leva jovens de volta às ruas"- Hoje em Dia, 25/08

<sup>26</sup> Da mesma forma que a Passeata dos Cem Mil pode ser considerada a passeata símbolo das manifestações contra a ditadura militar- ainda que não dentro do modelo de batalha.

<sup>27</sup>O preto foi marca do "domingo de luto".

<sup>28</sup>Algumas matérias sobre os atos do dia 25/08:

Os estudantes participaram das comemorações do dia 7 de setembro, mas a outra grande passeata ocorreu no dia 18. Foi a última (em São Paulo) antes da votação do *impeachment*, e novamente a precursora de um ato marcado para o Vale do Anhangabaú.

Uma leve mudança pôde ser percebida no tom das reportagens. Se O Estado de São Paulo manteve a descrição do evento no molde já analisado, a Folha de São Paulo divulgou matéria onde estava presente uma perceptível crítica. "Mais agressivos, estudantes voltam às ruas: palavrões marcaram palavras- de- ordem do protesto que reuniu menor número de adolescentes em São Paulo", foi a manchete (19/09). E ainda: (...) "As lideranças estudantis custaram a admitir que a manifestação de ontem foi menor. Antônio Parente, 25, e Mauro Panzarra, 22, os coordenadores- gerais da UBES atribuíram a frequência menor à greve dos professores da rede estadual. O presidente da UNE, Lindberg Farias, 22, arriscou outra explicação: 'O primeiro período das manifestações foi até o dia 26, quando a CPI votou o relatório. Agora estamos em uma fase intermediária que só vai ter um novo pique lá pelo dia 30'".

---

\*\*"A primeira passeata a gente nunca esquece: cerca de 200 mil adolescentes fazem ato festivo pelo *impeachment* do presidente Collor no centro de São Paulo"- Folha de São Paulo, 26/08

\*\*"Filhos arrastam mãos e memórias para a rua"- Folha de São Paulo, 26/08

\*\*"São Paulo vive 12 horas de manifestações"- O Estado de São Paulo, 26/08

\*\*"Programa Legal"- Veja, 26/08

\*\*"A força da galera: a geração coca- cola deixa os shoppings, vai às ruas e lidera com bom humor o movimento a favor do *impeachment* de Collor"- Isto É, 2/09

\*\*"Os rebeldes com causa estão na rua: com suas caras pintadas e debochados gritos de guerra contra a corrupção e a favor da saída de Collor, a geração dos shoppings protesta na cidade, revela suas novas lideranças, organiza grêmios nas escolas, faz renascer a mobilização estudantil e descobre que a política não precisa ser uma coisa chata"- Veja SP, 9/09

E, realmente, os estudantes se pintaram novamente para esperar a aprovação do *impeachment*, no dia 30 de setembro de 1992.

Está embricado no texto acima o processo da construção da narrativa dos acontecimentos realizado pela mídia. Toda descrição das manifestações estudantis de 1992 se pautou na elaboração de *modelos*: de ação política, de juventude, de comportamento.

A base dos modelos está em 1968, nos *Anos Rebeldes*<sup>29</sup>. A minissérie, segundo a imprensa, deu o tom, e os jovens de 1992 entraram na afinação. Retomando RUBIN (pág. 164): "*Anos Rebeldes* sensibilizou pela forma passeata como alternativa de expressão, como possibilidade de experimentar algo novo que gerações de jovens anteriores viveram. O específico conteúdo daquelas manifestações passadas talvez até não importasse tanto. Interessava o gesto, o ato de expressar".<sup>30</sup> De 1968 se transportou a forma passeata, que se tornou modelo de ação política para 1992.

Além da construção de modelos, a mídia recorreu à *generalização* das características de estudantes que, genericamente, dizemos que pertencem à classe média, estudam em colégios particulares e possuem uma série de facilidades, para descrever o *carapintada*.

---

<sup>29</sup> Tomar 68 como modelo não implica em que as ações dos jovens "carapintadas" devam ser entendidas como cópia fiel. Pelo contrário, a imprensa foi pródiga em protestos contra a idéia de cópia: a alegria, o deboche foram marcas de distinção.

<sup>30</sup> É importante notar que o modelo é aquilo que a minissérie impôs como ação da juventude da época.

## **Cronologia das manifestações em São Paulo**

**01/06/92-** INSTALAÇÃO DA CPI PARA INVESTIGAÇÃO DAS AÇÕES DE PAULO CÉSAR FARIAS.

**01/07/92-** ERIBERTO FRANÇA FALA À REVISTA ISTO É, TESTEMUNHANDO A RELAÇÃO ENTRE PAULO CÉSAR FARIAS E O PRESIDENTE COLLOR.

**14/07/92-** A *REDE GLOBO* INICIA A TRANSMISSÃO DE *ANOS REBELDES*, MINISSÉRIE AMBIENTADA NOS ANOS 60.

**30/07/92-** DEPOIMENTO DA SECRETÁRIA SANDRA DE OLIVEIRA NEGANDO A VERACIDADE DO EMPRÉSTIMO REALIZADO POR CLÁUDIO VIEIRA NO URUGUAI QUE JUSTIFICARIA O DINHEIRO EMPREGADO POR COLLOR EM REFORMAS DE SUA CASA.

**11/08/92-** NO DIA DO ESTUDANTE, DOIS GRANDES ACONTECIMENTOS: A RECEPÇÃO AOS "GAROTOS DO VOLEI" QUE GANHARAM A MEDALHA DE OURO OLÍMPICA E A PRIMEIRA PASSEATA ESTUDANTIL A FAVOR DO *IMPEACHMENT* DO PRESIDENTE, PROMOVIDA PELAS UNE E UBES; FIM DE *ANOS REBELDES*.

**13/08/92-** EM DISCURSO A MOTORISTAS DE TÁXIS, COLLOR CONCLAMA A POPULAÇÃO A UTILIZAR AS CORES DA BANDEIRA BRASILEIRA CONTRA "AQUELES QUE AGEM DE MÁ FÉ".

**16/08/92-** DOMINGO DA "BATALHA DAS CORES": O PAÍS SE VESTE DE PRETO PARA REINVIDICAR O *IMPEACHMENT*. NASCE A ESTÉTICA DAS MANIFESTAÇÕES.

**25/08/92-** RELATÓRIO FINAL DA CPI É APROVADO PELA COMISSÃO; GRANDE PASSEATA DOS ESTUDANTES.

**30/08/92-** EM DISCURSO NO RÁDIO E TV, O PRESIDENTE TENTA SE DEFENDER DAS ACUSAÇÕES.

**07/09/92-** DURANTE AS COMEMORAÇÕES DO DIA DA PÁTRIA, SÃO REALIZADAS MANIFESTAÇÕES A FAVOR DO *IMPEACHMENT*, INCLUSIVE PELOS ESTUDANTES.

**11/09/92-** MANIFESTAÇÃO LIDERADA POR SINDICALISTAS.

**18/09/92-** PASSEATA DE ESTUDANTES NA AV. PAULISTA E MANIFESTAÇÃO.

**30/09/92-** O CONGRESSO APROVA O *IMPEACHMENT* DE COLLOR. MANIFESTAÇÕES DE COMEMORAÇÃO.

**CAPÍTULO 2**  
**QUEM É *CARAPITADA*?**

## I.

### A PERSONAGEM

"Ao se vestirem nelas (fantasias), as pessoas perdem suas identidades sociais rotineiras. Transformam-se, na verdade, em novas personagens impessoais e coletivas (grifo meu). Não são mais pretos, brancos, mulheres, homens, velhos e moços, são apenas Clóvis. De indivíduos passam à representação coletiva". **Personagem** no sentido de MAUSS<sup>1</sup>: papel que o indivíduo preenche nos dramas sagrados, assim como desempenha um papel na vida familiar. É dessa maneira que ZALUAR<sup>2</sup> descreve o Clóvis, presente nos carnavais do Rio de Janeiro.

É possível pensar o *carapintada* também como uma personagem das manifestações: ao se pintarem, os jovens perderam suas identidades marcadas pelas distinções sociais rotineiras, e se tornaram *carapintadas*, ou ainda, "jovens rebeldes". Os atributos de juventude e rebeldia foram resgatados em outros momentos com o uso da *máscara* (as marcas pintadas nos rostos) ou com a referência ao *pintar a cara*. A apresentadora Hebe Camargo, por exemplo, pintou em seu rosto traços de verde e amarelo quando, em um de seus programas, criticou a atitude de membros do Congresso Nacional. Durante a passeata do dia 11 de agosto de 1994- Dia do Estudante- promovida pela UMES, apenas alguns jovens se pintaram, mas *carapintada* foi palavra usada como adjetivo de "estudante". "Sou estudante *carapintada*, a

---

<sup>1</sup>Mauss, Marcel- *Uma Categoria do Espírito Humano: a Noção de Pessoa*- mimeo.

<sup>2</sup>Zaluar, Alba- "O Clóvis ou a Criatividade Popular num Carnaval Massificado" IN *Cadernos do Centro de Estudos Rurais e Urbanos*, nº 11, setembro de 1978, pág.53.

minha escola não vai ser sucateada" foi um dos "gritos" propostos pelos dirigentes para a manifestação. Ainda como um último exemplo, o *carapintada* apareceu como marca do movimento estudantil durante o discurso de uma dirigente da UJS (União da Juventude Socialista) em reunião ocorrida em Campinas em 1994. "Vamos pintar a cara para eleger o Lula", ela disse. Como contraponto, é interessante notar que, durante as manifestações de 1992, nenhum dos líderes do movimento pintou a cara. Não tenho nenhum registro de Lindbergh Farias, Parente ou Gislaine de cara pintada. Posso propor como explicação para o fato dos líderes não terem pintado o rosto durante as manifestações estudantis a noção que eles possuem de ME. Nesta é forte a idéia de uma *vanguarda*, da liderança destacada da massa do movimento<sup>3</sup>.

Então posso admitir, por hipótese, que *carapintada*, enquanto personagem, passou por um *processo de construção*. Processo que foi visível nos meios de comunicação de massa impressos.

A construção do *carapintada*- o estudante que participou ativamente de passeatas e atos pró- impeachment- se deu no cruzamento de duas definições: a dos movimentos políticos de massa brasileiros (e dentro deles as manifestações estudantis pró- impeachment, ainda que com ressalvas) como *carnavalescos*; e a da "geração shopping- center" (a qual pertence e se distancia o *carapintada*) como o contraponto da "geração 68".

---

<sup>3</sup> A liderança pressupõe o grupo instituído: liderança pode ser pensada, inclusive, como um dos atributos do grupo.

## II.

### CARNAVAL NA POLÍTICA

A idéia de que o carnaval e a política no Brasil se confundem foi destaque na crônica "Sem carnaval não existiria a política", de Matthew Shirts (colunista de O Estado de São Paulo).

"NESTE CONTEXTO, CHEGAR A CONSENSOS, CRIAR IDENTIDADES E SE ENCONTRAR ENQUANTO POVO EXIGE CRIATIVIDADE. É EXATAMENTE O QUE SE VÊ NO CARNAVAL, NO FUTEBOL E EM OUTRAS FESTAS POPULARES. FOI POR ISSO, POR EXEMPLO, QUE A CAMPANHA DAS DIRETAS EM 1984 FOI TÃO INSTIGANTE E BONITA: ELA LANÇOU MÃO DAS TRADIÇÕES POPULARES URBANAS PARA TENTAR CHEGAR A UM AVANÇO POLÍTICO (...)

"É POR ISSO QUE OS EUA NÃO SERVEM COMO TERMO DE COMPARAÇÃO. LÁ, A FESTA ESTÁ CADA VEZ MAIS DISTANTE DA POLÍTICA. AQUI, QUANTO MAIS FESTA HOVER, COM DIREITO A BOCA- DE URNA, BANDEIRAS E CARNAVAL, MELHOR: A POLÍTICA SERÁ MAIS RICA E A IDENTIFICAÇÃO COM O PROCESSO DE REPRESENTAÇÃO SERÁ MAIOR".<sup>4</sup>

Trocando em miúdos: na imprensa, as grandes manifestações políticas brasileiras assumem a forma do *carnaval* ou, em termo mais geral, da *festa*. Pelo menos desde 1984<sup>5</sup>, como mostram três matérias publicadas na revista Veja durante o mês de março daquele ano.

---

<sup>4</sup> Crônica sobre as eleições majoritárias e proporcionais de 1994 publicada em *O Estado de São Paulo*, em 5 de outubro de 1994, no caderno Cidades.

<sup>5</sup> E por isso 1984 deve ser um marco para comparação.

O autor de "Carnaval da Política", matéria da edição de 14 de março (pp 22 a 27), enfatiza a presença do tema *diretas* no carnaval daquele ano.

"DEPOIS DE VINTE ANOS DE SEPARAÇÃO, O CARNAVAL E A SÁTIRA POLÍTICA FORAM NOVAMENTE VISTOS DE MÃOS DADAS NOS SALÕES E AVENIDAS DO BRASIL - E, COMO NOS VELHOS TEMPOS<sup>6</sup>, FICOU PROVADO QUE OS DOIS NASCERAM UM PARA O OUTRO (...) NA QUARTA-FEIRA DE CINZAS ESTAVA EVIDENTE QUE MILHÕES DE BRASILEIROS HAVIAM DECIDIDO QUE, COM O CARNAVAL DE 1984, CHEGARA O HORA DE, SEMPRE COM BOM HUMOR, VOLTAR A FALAR DE POLÍTICA E, EVENTUALMENTE, FAZER REINVIDICAÇÕES NOS QUATRO DIAS DE FOLIA."

Com esse lead, o repórter inicia uma exaustiva descrição de como a campanha pelas *diretas* se incorporou a desfiles, bailes e blocos carnavalescos com a introdução, nestes, de bonecos que representavam políticos, de sambas- enredo sobre o tema e de marchinhas (com letras re- arranjadas) reivindicando o voto direto para presidente.

Ao invés de incorporar a política ao carnaval, as outras duas matérias que mostro neste texto sobre o tema demonstram a realização do "processo" inverso, ao apontarem para um "estado de espírito carnavalesco", eufórico mesmo, do público presente aos atos, e ao registrarem a condição de *espetáculo, teatro* ou *desfile* das manifestações.

---

<sup>6</sup>Aqui pode estar uma referência à manifestações pré- 64.

Em "O Grito da Candelária" ( Veja, 18 de abril de 1984):

" 'É UM ESPETÁCULO ESPANTOSO, IMPRESSIONANTE', ENTUSIASMAVA- SE SOBRAL PINTO NO PALANQUE".

" (... ) O PALANQUE REFLETIU O CLIMA DE EUFORIA REGISTRADO NA AVENIDA."

"ALHEIOS AO SOM DOS AUTO- FALANTES, MUITOS DELES (MANIFESTANTES) DISTRAIAM- SE JUNTO A BARRAQUINHAS DE SANDUÍCHES E REFRIGERANTES QUE DERAM AO ATO UMA CERTA APARÊNCIA DE QUERMESSE DO INTERIOR."

"ASSIM, NA CINELÂNDIA, A 400 METROS DO PALANQUE, CENTENAS DE CARIOCAS FORAM APRESENTADOS AO 'DRAGÃO DAS DIRETAS' ".

"COM VARIADOS GRAUS DE AGRESSIVIDADE, O BOM HUMOR CARIOCA PRODUZIU NUMEROSOS CONCORRENTES PARA O 'DRAGÃO DAS DIRETAS' ".

"VESTIDOS COMO PRESIDÁRIOS, COM ÓCULOS ESCUROS E PRESOS UM AO OUTRO POR GRILHÕES COM BOLAS DE ISOPOR QUE SIMULAVAM FERRO, OS IRMÃOS PAZ- EMANUEL JOSÉ, 34 ANOS, CARLOS ALBERTO, 38, E PAULO SÉRGIO, 35- EXPLICAVAM QUE APENAS HAVIAM APROVEITADO AS FANTASIAS DO CARNAVAL. 'ASSIM COMO O CARNAVAL, O SAMBA E A CACHAÇA', COMPARAVAM EM CORO, 'AS DIRETAS SÃO UMA INSTITUIÇÃO NÃO SÓ PARA O CARIOCA COMO PARA TODO O POVO BRASILEIRO' ."

"ENCENAÇÕES DESSE GÊNERO AJUDARAM A PLATÉIA DA CANDELÁRIA A ATRAVESSAR UM COMÍCIO EM QUE 51 ORADORES VIRTUALMENTE REPETIRAM AS MESMAS PALAVRAS DE ORDEM, COM LIGEIRAS PAUSAS PARA AS APARIÇÕES DOS ARTISTAS. E

CONTRIBUIRAM PARA SUGERIR AOS NOVIÇOS QUE A MILITÂNCIA POLÍTICA NÃO É NECESSARIAMENTE ABORRECIDA".<sup>7</sup>

"ALUNOS DA ESCOLA MARTINS PENNA IMPROVISARAM UMA PEÇA TEATRAL" (LEGENDA DE FOTO)

"OS IRMÃOS PAZ: REVIVENDO O CARNAVAL"  
(LEGENDA DE FOTO COM OS IRMÃOS VESTIDOS DE PRESIDÁRIOS E CARREGANDO O CARTAZ: LIBERDADE PARA VOTAR)

Em "Festa na Rua" (Veja, 28 de março de 1984):

"À FALTA DE CELEBRIDADES E DE VERBAS DO GOVERNO, A CRIATIVIDADE FICOU POR CONTA DOS MANIFESTANTES. O ATOR E DIRETOR DE TEATRO AMIR HADDAD, 46 ANOS, VESTIU- SE DE REI E, AO LADO DE SUA 'CORTE', CIRCULAVA ENTRE O POVO ACONSELHANDO, EM TOM IRÔNICO, QUE VOLTASSEM PARA CASA: 'EU ARRANJO UM PRESIDENTE PARA VOCÊS', EXPLICAVA."

A descrição das manifestações de rua como *carnaval*, *feira* ou mesmo *teatro* também foi a tônica das matérias publicadas sobre os movimentos políticos de 1992. Textos como "espetáculo", "o povo em movimento", "manifestações com carga de bom humor, deboche, irreverência", e ainda "ruas tomadas com naturalidade por multidão de cidadãos indignados, mas capazes de batalhar por seus direitos", "tradição: o assunto é sério, mas nada

---

<sup>7</sup>Ver como este foi também um aprendizado dos "carapintadas": eles "descobriram" que a política não precisa ser algo chato!

impede o clima de carnaval" e "belo programa: além de divertido, resgata valores sérios" foram utilizados para definir tanto as passeatas estudantis como aquelas promovidas por entidades como OAB, CUT, etc (o chamado Movimento pela Ética na Política).

Será mera coincidência as semelhanças visíveis nas reportagens impressas analisadas, entre as campanhas pelas diretas e pelo *impeachment* de Collor? Ou realmente a *alegria*, a *festa*, o *carnaval* e o *teatro* são características intrínsecas das manifestações políticas populares no Brasil pós- repressão?

Tal dúvida não parece fazer parte dos comentários (e das descrições) dos jornalistas sobre (e dos) atos e passeatas pró- *impeachment*. Alguns textos (novamente retirados de notícias veiculadas pela revista Veja) são exemplares para mostrar com que "autoridade" se falou sobre as características das manifestações políticas brasileiras:

"INICIADO POR ESTUDANTES EMBALADOS POR *ALEGRIA*, *ALEGRIA* NA TRILHA SONORA DE *ANOS REBELDES*, O MOVIMENTO PELO IMPEACHMENT EXIBE, DESDE O INÍCIO, AQUELA TRADIÇÃO COMUM ÀS GRANDES MANIFESTAÇÕES POPULARES DO PAÍS. COMO NAS DIRETAS JÁ, QUANDO SE PROMOVEU O COLAPSO DO REGIME MILITAR EM COMPANHIA DE UM DRAGÃO, RODAS DE SAMBA E UMA INFINIDADE DE ANEDOTAS SOBRE OS PODEROSOS DE PLANTÃO, MAIS UMA VEZ O ASSUNTO É SÉRIO, MAS NADA IMPEDE O CLIMA DE CARNAVAL" (EDIÇÃO DE 26 DE AGOSTO DE 1992- PÁG. 36). (GRIFO MEU)

"COMO BOA FESTA QUE É, A PASSEATA NÃO EXIGE, MAS RECOMENDA O USO DE ROUPA CERTA" (VEJA SP, EDIÇÃO DE 26 DE AGOSTO DE 1992- PÁG. 29).

"CADA POVO TEM UMA MANEIRA PRÓPRIA DE FAZER HISTÓRIA. NA ROMÊNIA, O COMUNISMO FOI DERRUBADO A FERRO E FOGO, COM CENTENAS DE MORTES E A EXECUÇÃO SUMÁRIA DO DITADOR NICOLAE CEAUSESCU E SUA MULHER. NA CHECOSLOVÁQUIA, O STALINISMO RUIU SILENCIOSAMENTE DEVIDO À "REVOLUÇÃO DE VELUDO", O MOVIMENTO QUE, A PARTIR DE REUNIÕES DE ARTISTAS E INTELLECTUAIS, ACABOU POR CORROER AS BASES DO PODER. NO BRASIL, O BRIO CÍVICO TENDE A EXTRAVASAR NA FORMA DE UM HUMOR CORTANTE, DO ESCRACHO ABERTO. AS MANIFESTAÇÕES TÊM UM QUÊ DE CARNAVAL, DE DESFILE DE ESCOLA DE SAMBA". (GRIFO MEU)

A cobertura jornalística se pautou, assim, por enfatizar uma ambigüidade<sup>8</sup> que foi considerada, nos textos produzidos, intrínseca às manifestações- desde pelo menos as pelas diretas- apesar de carnavalescas, festivas, eram *sérias*, pois possuíam objetivos políticos determinados<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Atribuída às manifestações pela própria imprensa

<sup>9</sup> Essa mesma ambigüidade foi enfatizada pela cobertura jornalística das diretas.

### III.

#### 1968 NÃO TERMINOU...

Se o "caráter" dado como ambíguo das manifestações de 92 foi a característica que as determinou como pertencentes àquele grupo que mais acima nomeei como *movimentos políticos de massa brasileiros*<sup>10</sup>, foi também a idéia de que "mesmo carnavalescas, as manifestações eram sérias", a responsável pela aproximação- e pelo afastamento- das passeatas dos *carapintadas* ao modelo instituído de ação política: as manifestações, principalmente estudantis, contra a ditadura instaurada em 1964.

Os *carapintadas* só podem ser definidos no contraste com seus antecessores de três décadas atrás. As manifestações estudantis de 68 serviram como modelo, como molde (como objeto passível de cópia) para se construir as definições dos estudantes de 92.

Pequena matéria estampada na primeira página do caderno Cidades de O Estado de São Paulo (22 de agosto de 1992) é um ótimo exemplo de como a construção das descrições dos movimentos pró- *impeachment* se deu no "processo" de aproximação e afastamento das passeatas de 68.

Elaborada na forma de depoimentos de participantes de passeata a favor do impeachment no Rio de Janeiro, a matéria "Manifestação une filhos e pais da geração de 68" tanto equiparou como distanciou 92 de 68.

---

<sup>10</sup> Ainda que a inclusão das manifestações estudantis nos movimentos de massa deva ser feita com ressalvas.

" 'NUNCA TINHA PARTICIPADO DE UMA PASSEATA COM MEU FILHO', DISSE O ESTATÍSTICO CARLOS ALBERTO FREITAS, 48 ANOS. 'É UMA EMOÇÃO'. ELE INTEGROU O MOVIMENTO ESTUDANTIL NO FINAL DOS ANOS 60, COMO MEMBRO DO DIRETÓRIO ACADÊMICO DA ESCOLA NACIONAL DE ESTATÍSTICA E PARTICIPOU INCLUSIVE DO CONGRESSO DA UNE EM IBIÚNA, SÃO PAULO, NOS ANOS DA REPRESSÃO POLÍTICA."

"MARIA ELOÍSA MENDONÇA, DE 39 ANOS, FUNCIONÁRIA DO BANCO DO BRASIL, ESTAVA TRABALHANDO NA AGÊNCIA, NO CENTRO, MAS NÃO RESISTIU: FOI PARA A RUA VER O FILHO SÉRGIO, DE 21 ANOS, DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, REPETIR OS SEUS PASSOS QUANDO PROTESTAVA NAS RUAS, 24 ANOS ATRÁS, COMO SE FOSSE UMA VIAGEM NO TEMPO."

Se os dois trechos acima apontam para a aproximação entre os dois momentos históricos, dois outros depoimentos, incluídos na mesma matéria, distanciam 92 de 68:

" 'É UM APRENDIZADO DE CIDADANIA, SEM A REPRESSÃO DE NOSSA ÉPOCA, E POR ISSO MUITO MAIS ALEGRE', DISSE EMOCIONADO MARCELO CORREIA, DE 44 ANOS, PROFESSOR DE MATEMÁTICA DO COLÉGIO CEAT, EM SANTA TEREZA, AO LADO DA FILHA JOANA, DE 14."

"PARA O EX- LÍDER ESTUDANTIL WLADMIR PALMEIRA, HOJE DEPUTADO FEDERAL (PT), A DIFERENÇA FUNDAMENTAL DA NOVA GERAÇÃO NO PROTESTO É A DESCONTRAÇÃO (GRIFO MEU): 'VÊM DE SANDÁLIAS E BERMUDAS E ATÉ PARAM PARA TOMAR UMA CERVEJINHA, SEM REPRESSÃO'."

A questão que "salta" imediatamente da leitura do material sobre o período é: porque 1968 foi adotado como modelo de ação política?

Apesar de tomar a adoção desse modelo como dado para minha análise, posso aqui esboçar respostas que, é claro, não têm o caráter de conclusivas, mas permitem levantar hipóteses sobre o "funcionamento" da mídia.

A primeira resposta é bastante óbvia- 1968 é, "por definição", o modelo de ação política em comparação ao qual se analisa qualquer manifestação estudantil. As lutas estudantis de 68- e não só as brasileiras- são os paradigmas para a construção de narrativas sobre as manifestações posteriores<sup>11</sup>.

E é possível se pensar no retorno dos anos 60 graças à minissérie *Anos Rebeldes*, que teve sua veiculação iniciada dias antes das primeiras passeatas dos *carapintadas*. O resgate de 68 como esse modelo de ação política pela imprensa foi um processo iniciado já em matérias sobre a minissérie. Foi comum a ênfase no papel didático de *Anos Rebeldes*, que estaria contribuindo para conscientizar uma juventude carente de informação, para construir o retrato do Brasil, para resgatar a memória. Em falas reproduzidas no material divulgado pela mídia impressa, atores reivindicaram para si o caráter missionário de suas atuações, ajudando na criação de um painel sobre os anos em que não se falava com liberdade, anos em que as pessoas, menos individualistas, eram capazes de deixar de lado projetos pessoais para se engajar em lutas em prol do coletivo. Construiu-se assim, os "verdadeiros"

---

<sup>11</sup> Delimitar os *carapintadas* na comparação com os militantes de 68 fragiliza tanto a descrição dos jovens de 92 como o resgate da memória das lutas passadas. Pois estaria se concretizando o resgate de tempos heróicos, de momentos ideais, e a construção de mitos.

*anos rebeldes*: a luta pelo fim da repressão, a luta pelo Brasil livre, a luta por valores como generosidade, paixão, igualdade e justiça. Construiu-se os *rebeldes*: que mostravam sua indignação, agitavam na contra- cultura, e eram a vanguarda da luta pelas transformações sociais.

E em contraste com os *Anos Rebeldes* e com os jovens de 68, construiu-se os *carapintadas*.

Até o momento, tratei em conjunto todas as manifestações pró- *impeachment* do presidente Collor. Mas é possível diferenciá-las em pelo menos três "tipos": as passeatas estudantis propriamente ditas<sup>12</sup>, as manifestações realizadas no "domingo de luto"<sup>13</sup>, e os atos programados por outras entidades como CUT, OAB, partidos políticos, etc<sup>14</sup>.

Se  *festa* serviu para definir os atos do domingo, 16 de agosto, e as manifestações estudantis, existiram diferenças nas formas de descrever essas ações que merecem ser abordadas.

A identificação da  *festa* com o  *carnaval* e também com o  *show*<sup>15</sup> foi a característica das descrições das passeatas estudantis.

---

<sup>12</sup> As de São Paulo aconteceram nos dias 11 e 25 de agosto, e 18 de setembro.

<sup>13</sup> No dia 16 de agosto, foram promovidas carreatas e passeatas em diversos pontos da cidade, como no Centro e no Ibirapuera. Atos que incorporaram o teatro e até um abraço no Teatro Municipal.

<sup>14</sup> Dois desses atos aconteceram nos dias 25 de agosto e 18 de setembro e serviram como final para as passeatas dos estudantes. Mas neste ponto do texto tratarei apenas dos dois primeiros "tipos" de manifestação.

<sup>15</sup> As manifestações estudantis incluíram ações que são adotadas em shows de rock, como o salto sobre a multidão.

"AS MANIFESTAÇÃO DOS ESTUDANTES PRÓ-  
IMPEACHMENT FOI UMA FESTA, COM ALAS DE DIVERSAS CORES,  
QUE ENGARRAFOU TODA A ÁREA CENTRAL DO RIO" (SUB- TÍTULO  
DE MATÉRIA, O ESTADO DE SÃO PAULO, 22 DE AGOSTO DE  
1992, CADERNO CIDADES).

"FESTA NA PASSARELA: DEU A IMPRESSÃO DE QUE O  
CARNAVAL TINHA MUDADO DE MÊS. A ALEGRIA ERA A MESMA.  
A PASSISTA ANÔNIMA NÃO PAROU DE 'CANTAR'. A EMPOLGAÇÃO  
DOS JOVENS FOLIÕES CONTAGIOU A AVENIDA, ASSIM COMO AS  
ALEGORIAS COLORIDAS, ESPALHADAS POR ALAS QUE DAVAM UM  
SHOW DE EVOLUÇÃO" (LEGENDA DE FOTO- O ESTADO DE SÃO  
PAULO, 22 DE AGOSTO DE 1992, CADERNO CIDADES).

"QUANDO O SISTEMA DE AUTO- FALANTES ATACOU O  
ROCK COMIDA, DO TITÂS, O ANHANGABAÚ VIROU UMA DISCOTECA  
AO AR LIVRE" (O ESTADO DE SÃO PAULO, 26 DE AGOSTO DE  
1992, CADERNO CIDADES).

"A 'FESTA DA DIGNIDADE' MUDOU O RITMO DA  
CIDADE E A ALEGRIA LEMBRAVA OS TEMPOS DE SHOW"  
(LEGENDA DE FOTO- O ESTADO DE SÃO PAULO, 26 DE AGOSTO  
DE 1992, CADERNO CIDADES).

"ATÉ A DANÇA DA CHUVA APARECEU NA PASSEATA.  
DESDE A CONCENTRAÇÃO NO MASP, O GRANDE HIT FOI UMA  
COREOGRAFIA DANÇADA AO SOM DE TAMBORES QUE FAZIAM UM SOM  
FORTE E SECO- COMANDADOS PELOS BATUQUEIROS DE PLANTÃO,  
QUE ANDAVAM EM CIMA DOS CARROS DE SOM" (FOLHA DE SÃO  
PAULO- 26 DE AGOSTO DE 1992, CADERNO FOLHATEEN  
ESPECIAL).

A festa do "domingo de preto" foi mais identificada a atos teatrais e à "batalha das cores"<sup>16</sup>.

"COM BANDEIRAS E PALAVRAS DE ORDEM, PAULISTANOS DE TODAS AS CLASSES E IDADES FORAM PARA AS RUAS E FIZERAM DO LUTO A COR DA FESTA" (SUB-TÍTULO DE MATÉRIA- O ESTADO DE SÃO PAULO- 17 DE AGOSTO DE 1992, CADERNO CIDADES).

"SE OS PAULISTANOS DECIDIREM RESPONDER ÀS CONVOCAÇÕES FEITAS PELO PRESIDENTE COLLOR E PELA OPOSIÇÃO PARA DEMONSTRAR ATRAVÉS DAS CORES SUA POSTURA POLÍTICA, PODE- SE ESPERAR PARA HOJE UMA BATALHA COLORIDA PELAS RUAS DA CAPITAL" (DIÁRIO POPULAR- 17 DE AGOSTO DE 1992, PÁG. 12).

"MANIFESTAÇÃO TERÁ ATÉ ENTERRO" (MANCHETE- DIÁRIO POPULAR- 16 DE AGOSTO DE 1992, PÁG. 10).

"MUITA GENTE SE PRODUZIU PARA SAIR DE CASA, ESCOLHENDO A DEDO A ROUPA PRETA PARA USAR OU CONFECCIONANDO BANDEIRAS" (DIÁRIO POPULAR- 17 DE AGOSTO DE 1992, PÁG. 12).

---

<sup>16</sup> Foi nesta data instituída a marca estética dos movimentos pró- *impeachment*- o luto. Daí a importância desses protestos para a reconstrução dos movimentos dos *carapintadas*.

#### IV.

### GERAÇÃO "CARAPINTADA" É GERAÇÃO "REBELDE"?

Os estudantes que participaram das passeatas pró-*impeachment* fizeram parte, segundo a imprensa, daquela que se convencionou chamar *geração shopping-center*, ou ainda, *geração coca-cola*<sup>17</sup>.

Freqüentar shoppings-centers, comer em MacDonald's e, claro, tomar coca-cola parecem ser as marcas da "geração anos 90". Marcadamente consumistas e individualistas, estes jovens "quando saiam da escola, viam TV, passeavam nos shoppings, jogavam vídeo-game, divertiam-se em festinhas de fim-de-semana e namoravam" (Veja SP, 9 de setembro de 1992, pág.12). Frustrada, alienada e desinformada, a juventude pré-*impeachment* navegava em período de vazio de ideologia, de extrema apatia.

Como eles mesmos diziam, em jornais e revistas:

"EU ERA UMA PATRICINHA, QUE GOSTA DE COCA-COLA E HAMBÚRGUER, E VIVIA EM SHOPPINGS-CENTERS" - FALA DE MARLETE MARQUES RESENDE, 18 ANOS, ALUNA DO 2 GRAU NO COLÉGIO MUNICIPAL MARCONI E MORADORA NO BAIRRO GUTIERREZ, DE CLASSE MÉDIA ALTA, EM BELO HORIZONTE (ISTO É, 2 DE SETEMBRO DE 1992, PÁG. 32).

---

<sup>17</sup> Referência talvez a música *Geração Coca-Cola*, do grupo Legião Urbana, que tem como refrão:

Somos os filhos da Revolução  
Somos burgueses sem Religião  
Nós somos o futuro da Nação  
Geração Coca-Cola.

Crítica clara ao consumismo.

"HÁ UM MÊS (ANTES, PORTANTO, DAS PASSEATAS), EU DIRIA QUE DETESTAVA A MINHA GERAÇÃO, QUE O PESSOAL ERA ALIENADO"- DEPOIMENTO DE ELAINE BARRETO SANTOS, DE 15 ANOS, ALUNA DO PRIMEIRO ANO DE MAGISTÉRIO NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO NO RIO DE JANEIRO (PUBLICADO NA SEÇÃO "PONTO DE VISTA" DE VEJA, 26 DE AGOSTO DE 1992, PÁG. 110).

A imagem da "geração shopping- center" surgiu nas páginas de jornais e revistas como antítese da "geração dos anos 60". Essa sim idealista, e com ideais que envolviam o coletivo. Como a minissérie ensinou aos telespectadores e aos repórteres, os anos 60 foram tempo em que os jovens eram capazes de se engajar em causas políticas (mais do que isso, se engajar em partidos políticos), discutir o cinema novo e execrar o consumo de coca- cola. Tempo em que "engajados" colocavam o coletivo acima dos interesses pessoais e trocavam namoradas pela militância política. Tempo em que o ídolo era Che Guevara.

Mas...

"A GERAÇÃO COCA- COLA DEIXA OS SHOPPINGS, VAI ÀS RUAS E LIDERA COM BOM HUMOR O MOVIMENTO A FAVOR DO IMPEACHMENT DE COLLOR" (ISTO É, 2 DE SETEMBRO DE 1992).

"COM SUAS CARAS PINTADAS E DEBOCHADOS GRITOS DE GUERRA CONTRA A CORRUPÇÃO E A FAVOR DA SAÍDA DE COLLOR, A GERAÇÃO DOS SHOPPINGS PROTESTA NA CIDADE, REVELA SUAS NOVAS LIDERANÇAS, ORGANIZA GRÊMIOS NAS ESCOLAS, FAZ RENASCER A MOBILIZAÇÃO ESTUDANTIL E DESCOBRE QUE A POLÍTICA NÃO PRECISA SER UMA COISA CHATA" (VEJA SP, 9 DE SETEMBRO DE 1992).

Com esses sub- títulos as duas grandes revistas paulistas documentam a *saída* da juventude "coca- cola" dos shoppings - locais de consumo, portanto espaço onde o que conta é a individualidade- e sua permanência nas ruas - espaço público, das manifestações. Nas matérias estão presentes a oposição **shopping/rua**, que se refere a **individualidade/coletividade** e a **público/privado**.

É ainda exemplar o texto desta propaganda, publicada na Veja (7 de outubro de 1992- págs. 32-33) como *Homenagem da Abrasce- Associação Brasileira de Shoppings-Centers- e de todos os 12600 lojistas e 122753 funcionários que operam nos seus 88 shoppings* (com foto de jovens de caras pintadas):

*Geração Shopping-Center 'A geração que não aceita rótulos saiu dos shoppings, foi para as ruas e entrou para a história. O nome dela agora é Brasil'*

Pois o caráter negativo da "geração shopping-center" perde sua força quando o redator utiliza o verbo *sair* para denotar não a *mudança de espaço* (como em *saiu dos shoppings para as ruas* ) e de *estado* (características), mas a *origem* dos jovens. Agora, recém- saídos dos shoppings, eram os jovens *carapintadas*

Mas quem são esses jovens que, apesar de diferentes daqueles da "geração 90" (porque *sairam dos shoppings*), ainda pertencem a ela? Quem são, afinal, os *carapintadas*?

É possível afirmar, dentro da linha de análise proposta neste texto, que enquanto movimento de massa <sup>18</sup>, as passeatas dos *carapintadas* adotaram o tom carnavalesco. Esta parece ser uma das explicações, dentre outras fornecidas pela imprensa<sup>19</sup>, para as caras pintadas dos manifestantes.

Mas, mesmo evocando a tradição carnavalesca de movimentos políticos brasileiros, as caras pintadas foram *marca exclusiva dos estudantes*. Porque, antes de tudo, elas eram marca de *geração*.

Geração que, segundo repórteres e jornalistas de plantão, deixou de lado valores individualistas (identificados na idéia de *frequentar shoppings*)<sup>20</sup> e adotou atitudes que, voltadas para o coletivo, implicam num certo grau de idealismo- *atitudes políticas*. Exemplar é este trecho da crônica "O presidente Collor recriou a UNE", de Arnaldo Jabor, publicada na Folha de São Paulo, em 26 de agosto de 1992 (pág. 11):

"ASSIM COMO OS ANOS 60 SE INSPIRARAM EM FIDEL E PARTIRAM PARA UMA ERA DE LUTA E ILUSÃO SÓ DETIDA PELA DUREZA DAS VERDADES POLÍTICAS, AGORA, POR UM DETALHE DA TV, ENTENDERAM O QUE É A BELEZA DE UMA VIDA VOLTADA PARA INTERESSES NÃO PESSOAIS".

Era o idealismo da "geração 68" de volta graças aos *Anos Rebeldes*<sup>21</sup>.

---

<sup>18</sup> 200 mil estudantes na principal passeata- dia 25/08/94.

<sup>19</sup> Ver, por exemplo, a série de matérias intitulada "Com a Indignação estampada na cara", publicada no Jornal do Brasil- Caderno B- do dia 16/08/92, onde uma série de explicações para o rosto pintado e outra de personagens que usam o rosto como veículo de mensagens são elencadas.

<sup>20</sup> Dai a saída desses jovens dos shoppings.

<sup>21</sup> Eram comuns, em depoimentos publicados nas matérias, frases do tipo: "Brotou uma Heloísa em cada um de nós" (referência à personagem da minissérie que se tornou guerrilheira) ou "Estamos fazendo nossos anos rebeldes".

## V.

### NEM "REBELDE" NEM "COCA-COLA"

Mas o jovem não saiu do shopping para a rua como cópia fiel do seu modelo. A construção do *carapintada*, encontrada em páginas de jornais e revistas, é muito mais elaborada do que a simples afirmação de que a juventude dos anos 90 re-descobriu as lutas pelo coletivo e os valores generosos e idealistas dos estudantes pós-golpe.

"A MINISSÉRIE *ANOS REBELDES*, EXIBIDA PELA REDE GLOBO, AJUDOU, SEM DÚVIDA, A INSPIRAR A RAPAZIADA QUE OCUPA AS RUAS. A INSPIRAÇÃO, PORÉM, NÃO RESULTOU EM MIMETISMO. HÁ QUASE UM ABISMO ENTRE OS MENINOS QUE PINTAM *FORA COLLOR* NAS CARAS E OS QUE EM 1968 FAZIAM PASSEATAS PEDINDO O FIM DO REGIME MILITAR" ("ABISMO SEPARA 68 DO CARAPINTADA DE 92" - O ESTADO DE SÃO PAULO, 24 DE AGOSTO DE 1992)<sup>22</sup>.

Uma das grandes diferenças entre as duas juventudes estaria, exatamente, na vocação carnavalesca e teatral do *carapintada*<sup>23</sup>, que foi aquele capaz de misturar indignação e uma surpreendente capacidade de estar alegre<sup>24</sup>. Os *carapintadas* 'vão transformar o Brasil com muito mais alegria', segundo palavras de Alfredo Sirkis em "Estudantes voltam às ruas com novas idéias" (O Estado de São Paulo, 24 de agosto de 1992). A outra seria o a-

---

<sup>22</sup> Essa matéria considero exemplar. Mesmo afirmando que as diferenças entre os *carapintadas* e os jovens de 68 ultrapassam a questão do a-partidarismo e da alegria dos jovens de 92, o autor não consegue definir quais seriam essas diferenças. O que poderia ser considerado diferença aparece como "elo de ligação" entre as duas gerações.

<sup>23</sup> Mesmo que a falta desta vocação em movimentos de 68 pudesse ser explicada pelo fato dos estudantes estarem lutando contra o regime militar e o exército nas ruas. Explicação, aliás, bastante simplista.

<sup>24</sup> Ver Isto É, 2 de setembro de 1992, pág. 32.

partidarismo assumido pelos manifestantes de 92. De acordo com repórter da Veja<sup>25</sup>, a quase totalidade dos estudantes que participaram das manifestações não pertencia a nenhum partido político e nunca tinha participado de alguma reunião política.

A vocação carnavalesca e o a- partidarismo serviram também para diferenciar os *carapintadas* de seus líderes (a liderança do movimento estudantil instituído, como UNE, UBES e grêmios). Estes sim identificados fielmente aos manifestantes de 68, pois aderiram a partidos políticos e tinham posturas e discursos parecidos ao "modelo" (talvez, por isso, em nenhuma foto foi possível ver um líder estudantil de cara pintada).

A questão das "namoradas" ilustra essa identificação. Um dos problemas vividos pelo personagem João Alfredo era escolher entre a militância política e o namoro. Desse dilema parecem ter sofrido também os líderes estudantis, de acordo com "Lideranças decidem trocar namoradas por militância" (O Estado de São Paulo, 17 de agosto de 1992). Os *carapintadas*, pelo contrário (se levarmos em consideração "Benito e Daniela trocam telefones na rua", publicada no "Folhateen, Folha de São Paulo, 26 de agosto de 1992), trouxeram o namoro para o espaço da militância, o *espaço público*.

Se, como vimos, o *carapintada* não se adequa plenamente ao modelo "geração 68", também não se distanciou completamente da "geração shopping-center".

O que aproximou a juventude "carapintada" aos "rebeldes"<sup>26</sup> foi a *ação política*, e toda a noção de coletivo nela

---

<sup>25</sup> Ver Veja SP, 9 de setembro de 1992, pág. 13.

<sup>26</sup> Como foram chamados pela imprensa os militantes de 68, depois da minissérie.

envolvido; o que manteve essa juventude "presa" à sua própria geração foi o *consumo*.

"HOJE DESCOBRI QUE, SEM MUDAR MUITO, TAMBÉM POSSO PARTICIPAR DA POLÍTICA" (FALA DE MARLETE MARQUES RESENDE, DE 18 ANOS, ISTO É, 2 DE SETEMBRO DE 1992).

"PONCHO E CONGA NÃO COLAM MAIS: ENTRE MUITAS OUTRAS COISAS, A MOÇADA DEMONSTROU NA PAULISTA QUE MANIFESTAÇÃO NÃO É SINÔNIMO DA VELHA TRIÁDE BARBA- BOLSA- CAMISA XADREZ. ATÉ TOPS DECORADOS COM ADESIVOS COMPARECERAM..." (LEGENDA DE FOTO- FOLHATEEN- FOLHA DE SÃO PAULO, 26 DE AGOSTO DE 1992)<sup>27</sup>.

Portanto, no meio do caminho entre a "geração shopping- center" e a "geração 68", o *carapintada* é a possibilidade de unir o ideário político ao consumo individual, de ligar a passeata ao batom e à malhação na academia.

É possível afirmar que o processo de construção do *carapintada* se iniciou antes mesmo das passeatas pró-*impeachment* acontecerem. Pois o modelo **legitimado** pela mídia de ação política- a luta estudantil pelo fim da ditadura militar- foi elaborado em matérias que tratavam exclusivamente da minissérie. Nesse sentido, portanto, antes dos estudantes saírem às ruas.

Com a ocupação das ruas pelos jovens, esse modelo heróico de existência juvenil foi tomado como base para se definir aquele que foi chamado de *carapintada*.

O *carapintada*, como foi visto, só pode ser definido em contraste com o modelo; do qual se aproxima, pois retoma os

---

<sup>27</sup> A passeata estava na moda.

ideais coletivos; e do qual se distancia, porque mantém seus valores de consumo (individuais).

E nesse processo, o *carapintada* se tornou mais do que máscara, do que papel. *Carapintada* se tornou sinônimo de uma geração. Pintar a cara passou a ser a marca da juventude da década de 90. *Carapintada* se tornou, nesse sentido, **categoria**.

O jovem da "geração coca-cola", não mais individualista, mas cioso de sua cidadania, foi generalizado como o típico representante dos jovens, *capaz de unir o ideário político ao consumo individual*.

Está claro que a categoria criada não recobre uma totalidade de indivíduos homogênea. Mas esse processo de tornar iguais todos os *carapintadas*, realizado pela mídia, vai ao encontro da idéia de que a esta interessava incluir na categoria "todos" os jovens, como *público* em potencial.

## VI.

Exatamente “construir “ esse “laço” entre um público geral seria a característica da televisão geralista, tal como proposta por **WOLTON**(1996).

Voltada para o *grande público*, a televisão geralista se caracteriza por ter na base uma *programação*<sup>28-</sup> que sustenta a relação entre informação e divertimento apresentados<sup>29-</sup> por promover *laços sociais* e por pressupor uma certa *igualdade*- todos estão vendo a mesma coisa<sup>30</sup>.

A televisão geralista se dirige a todo mundo, constituindo um dos laços sociais das sociedades de massa. Não institucionalizado<sup>31</sup> o laço social engendrado pela TV é mais uma “idéia de coletividade”. “O espectador, ao assistir à televisão, agrega-se a esse público potencialmente imenso e anônimo que a assiste simultaneamente, estabelecendo assim, com ele, uma espécie de laço invisível” (pag.124).

Essa televisão estabelece, assim, o sentimento de pertencimento a um *grande público*, que não pode ser definido por critérios sociológicos (como o de classe social), mas é antes de tudo uma idéia (uma generalização)<sup>32</sup> .

---

<sup>28</sup> No sentido de uma grade de programação, ou estruturação dos programas apresentados.

<sup>29</sup> Informação e divertimento constituem aspectos da realidade: o mundo objetivo, histórico, e o mundo do lazer e da distração.

<sup>30</sup> A televisão geralista se contrapõe à televisão fragmentada que, concebida para um público específico, se caracteriza por se especializar, portanto por limitar o número de programas apresentados; a televisão fragmentada tem por pressuposta a pluralidade de públicos, portanto a diferença.

<sup>31</sup> Como laços garantidos pelas instituições sociais.

<sup>32</sup> Por isso o autor pode afirmar que a proposta da TV geralista é seduzir e mobilizar um público que não existe, mas que lhe confere vida e sentido.

Ora, é possível pensar que as matérias jornalísticas impressas eram voltadas para uma idéia de público geral, tal como o público da TV.

Vale a digressão acima, pois a ida dos estudantes às ruas para pedir o *impeachment* de Collor significou (como proposto em minha dissertação) a “ efetivação”, a concretização de sentimentos de coletividade, de pertencer a uma história comum e de existir enquanto cidadão, em muito dados pela mídia. Significou a concretização de “ laço social”<sup>33</sup> , a criação de uma identidade: o *carapintada*.

---

“Todas as televisões visam o público de classe média, que é mais uma referência e um horizonte do que uma realidade sociológica. Aí está a originalidade da sociedade brasileira. A despeito de suas profundas desigualdades sociais, de suas disparidades geográficas, das distâncias entre as grandes cidades do sul e do resto, a *classe média* parece uma espécie de referência comum no Brasil. O que é prova de uma certa integração ou, pelo menos, prova da existência de um imaginário do consumidor comum a todas as classes sociais (grifo meu). Esse modelo de classe média urbana é projeto de uma espécie de identificação da maioria dos brasileiros (pag. 162)”

<sup>33</sup> No sentido proposto por WOLTON: construído na ( ou dado pela) mídia.

## VII.

"PODERIAMOS COMPARAR SISTEMATICAMENTE AS CONDIÇÕES DE VIDA, O MERCADO DE TRABALHO, O ORÇAMENTO DO TEMPO, ETC, DOS "JOVENS" QUE JÁ TRABALHAM E DOS ADOLESCENTES DA MESMA IDADE (BIOLÓGICA) QUE SÃO ESTUDANTES: DE UM LADO, AS COERÇÕES DO UNIVERSO ECONÔMICO REAL, APENAS ATENUADAS PELA SOLIDARIEDADE FAMILIAR; DE OUTRO, AS FACILIDADES DE UMA ECONOMIA DE ASSISTIDOS QUASE LÚDICA, FUNDADA NA SUBVENÇÃO COM ALIMENTAÇÃO E MORADIA A PREÇOS BAIXOS, ENTRADAS PARA TEATRO E CINEMA A PREÇOS REDUZIDOS, ETC. (...) DITO DE OUTRA MANEIRA, É POR UM FORMIDÁVEL ABUSO DE LINGUAGEM QUE SE PODE SUBSUMIR NO MESMO CONCEITO UNIVERSOS SOCIAIS QUE PRATICAMENTE NÃO POSSUEM NADA EM COMUM" (PIERRE BOURDIEU, "A JUVENTUDE É APENAS UMA PALAVRA" IN QUESTÕES DE SOCIOLOGIA)

Esse "formidável abuso de linguagem" foi cometido quando os *carapintadas* foram tratados como a "geração 90". Tento aqui recuperar o processo de criação da categoria, realizado pela mídia:

Nas matérias veiculadas por diversos jornais durante a cobertura do processo de *impeachment* do Presidente Fernando Collor, o *carapintada*, ou o manifestante jovem e estudante, foi construído em comparação com a juventude dos "anos rebeldes"-protagonista da minissérie de Gilberto Braga transmitida pela Globo pouco tempo antes das grandes passeatas. A "geração 68" retratada pela Globo era, como nas palavras de Marcelo Rubens Paiva, "uma minoria de uma minoria de uma classe média alta carioca que ia ver filmes do Godard e Fellini e ia no Opinião assistir show da Nara Leão", mas ainda assim um modelo. É fácil observar tal comparação no material jornalístico:

"AO ASSISTIR A MINISSÉRIE "ANOS REBELDES", DA REDE GLOBO, ANDRÉIA DEPAROU- SE COM OUTRA VERGONHA QUE A ATINGIU AINDA MAIS: VERGONHA DA APATIA DOS JOVENS" (JORNAL DO BRASIL, 16 DE AGOSTO DE 1992, CADERNO B)

"OS FILHOS DOS FILHOS DA DITADURA ESTÃO DE VOLTA ÀS RUAS. É BEM VERDADE QUE O MOMENTO POLÍTICO É OUTRO E QUE A REPRESSÃO E TORTURA NÃO FAZEM MAIS PARTE DO MUNDO MODERNO. MAS, DE QUALQUER FORMA, ELES TÊM MOTIVOS PARA LUTAR POR SEUS IDEAIS, AINDA QUE NÃO TÃO BEM ORGANIZADOS QUANTO SEUS PAIS. HOJE, ELES LUTAM POR MENSALIDADES MAIS DIGNAS EM SEUS COLÉGIOS E ATÉ POR UMA MORALIZAÇÃO DO PAÍS." ("HERANÇA DA DITADURA LEVA JOVENS DE VOLTA ÀS RUAS"- HOJE EM DIA, 25 DE AGOSTO DE 1992)

"A MINISSÉRIE "ANOS REBELDES", EXIBIDA PELA REDE GLOBO, AJUDOU, SEM DÚVIDA, A INSPIRAR A RAPAZIADA QUE OCUPA ASA RUAS. A INSPIRAÇÃO, PORÉM, NÃO RESULTOU EM MIMETISMO. HÁ QUASE UM ABISMO ENTRE OS MENINOS QUE PINTAM "FORA COLLOR" NAS CARAS E OS QUE EM 1968 FAZIAM PASSEATAS PEDINDO O FIM DO REGIME MILITAR." ("ABISMO SEPARA 68 DO CARAPINTADA DE 92"- O ESTADO DE SÃO PAULO, 24 DE AGOSTO DE 1992)

"A PANFLETAGEM ELETRÔNICA, PATROCINADA INVOLUNTARIAMENTE PELA REDE GLOBO COM A MINISSÉRIE ANOS REBELDES, AJUDOU A ENGROSSAR AS MANIFESTAÇÕES. A ONDA JOVEM QUE GANHOU AS RUAS ERA EM BOA PARTE INSPIRADA NAS PERSONAGENS JOÃO ALFREDO, UM MILITANTE QUE ABDICA DA VIDA PESSOAL EM FAVOR DA LUTA ARMADA, E HELOÍSA, UMA ADOLESCENTE DE CLASSE MÉDIA ALTA QUE SE TRANSFORMA EM GUERRILHEIRA" (ISTO É- 2/09/92).

"(...) AGORA OUTRA MINISSÉRIE, ANOS REBELDES, DEU O EMPURRÃO QUE FALTAVA PARA EU E OUTROS ESTUDANTES SAIRMOS ÀS RUAS NA SEXTA- FEIRA, DIA 14, UNIDOS NUM GRITO SÓ: 'FORA COLLOR'. HÁ UM MÊS DETESTAVA MINHA GERAÇÃO, QUE O PESSOAL ERA ALIENADO(...) EU SABIA MUITO POUCO SOBRE OS "ANOS REBELDES" (...) COM A MINISSÉRIE PROCUREI CONVERSAR MAIS, APRENDER MAIS SOBRE AQUELA ÉPOCA" ("PONTO DE VISTA"- VEJA- 26/08/92).

"TANTO NO RIO COMO EM SÃO PAULO AS MARCHAS DA JUVENTUDE REFLETIRAM OS ANOS REBELDES. 'A GENTE ERA MUITO DESINFORMADA, SÓ SABIA QUE TINHA HAVIDO UMA DITADURA', EXPLICA ELAINE BARRETO SANTOS (...)" (VEJA-19/08/92).

Os *carapintadas* foram tratados pela imprensa como herdeiros diretos da ação política da "geração de 68". Eram os "filhos dos filhos da ditadura", os novos rebeldes. E se o conteúdo de sua ação os aproximava dos jovens de 68, a forma como esta se realizou foi a marca distintiva dessa "nova rebeldia". As passeatas pró- *impeachment* de Fernando Collor se caracterizaram pelo bom humor, pela alegria, pelo carnaval. Não faltou o deboche e a ironia, o luto alegre e o rosto pintado. Enfim, uma festa.

Estava criada, segundo a mídia, uma nova estética<sup>34</sup>: as passeatas estavam "colorizadas", ganhando o tom irreverente do carnaval; os jovens passaram a utilizar o próprio corpo como suporte para as mensagens, surgindo as pinturas nos rostos e as bandeiras enroladas como vestimentas. A explicação dada na imprensa para essa alegria foi simples (e simplista)<sup>35</sup>. Dá para ser alegre quando o país é democrático, quando não se tem que lutar contra a polícia, e quando a tortura não se coloca como uma perspectiva possível.

---

<sup>34</sup>Tal estética encontrou respaldo na enorme quantidade de fotos veiculadas junto com as matérias sobre as manifestações- tomadas gerais e closes dos participantes eram obrigatórios para validar a idéia de alegria e irreverência.

<sup>35</sup>exceção para Veja, 19 de agosto de 1992: "Cada povo tem uma maneira própria de se fazer História. Na Romênia, o comunismo foi derrubado a ferro e fogo, com centenas de mortes e execução sumária do ditador Nicolae Ceausescu e sua mulher. Na Checoslováquia, o stalinismo ruiu silenciosamente devido à "revolução de veludo", o movimento que, a partir de reuniões de artistas e intelectuais, acabou por corroer as bases do poder. No Brasil, o brio cívico tende a extravasar na forma de um humor cortante, de escracho aberto. As manifestações têm um quê de carnaval, de desfile de escola de samba.

Mas, esse processo de generalização não é "assumido" de maneira tranqüila. Se a alegria foi festejada nas páginas de jornais e revistas como marca positiva dos *carapintadas*, essa mesma alegria serviu como base para outros jovens se pensarem como distintos daqueles que participaram das manifestações<sup>36</sup>.

"ELES (DA ANOS REBELDES) QUERIAM FAZER ALGUMA COISA PARA O PAÍS, QUERIAM MUDAR. OS JOVENS DE AGORA SAIRAM PARA AS RUAS PARA MOSTRAR QUE ELES TAMBÉM PODERIAM FAZER AS MESMAS COISAS DOS ANOS 60. SÓ QUE EU LI NUMA REPORTAGEM QUE FALAVA QUE ACHAVA INTERESSANTE OS JOVENS LUTAREM PELOS SEUS DIREITOS, MAS QUE ELES ESTAVAM LEVANDO TUDO NA BRINCADEIRA. MUITOS ESTVAM LÁ PORQUE QUERIAM TIRAR O COLLOR, MAS O RESTO ESTAVA A FIM DE PAQUERAR, FICAR."

"OS JOVENS DA SÉRIE TINHAM O OBJETIVO CERTO (...) ELES (OS JOVENS ATUAIS) VIRAM A SÉRIE, SE IMPRESSIONARAM, E QUIZERAM FAZER IGUAL. MAS ELES NÃO ESTAVAM PREPARADOS."

"EU FUI LÁ PARA ME MANIFESTAR, DEFENDER O QUE EU PENSAVA. MAS QUANDO EU CHEGUEI LÁ NÃO TINHA COMO FAZER ISSO. DE TRINTA ESTUDANTES DE CARA PINTADA, DE CARA VERDE- AMARELA, QUATRO ESTAVAM LÁ PARA LUTAR, PARA SE DEFENDER, PORQUE QUERIAM UM BRASIL MELHOR. GRANDE PARTE FOI PARA SE MOSTRAR, QUERIAM APARECER."

(ESTUDANTES DA 8. SÉRIE DE UMA ESCOLA PÚBLICA)

Os estudantes da escola pública, ao resgatarem a "seriedade" dos jovens dos anos 60 como a marca que os distinguia dos "alegres" *carapintadas*, construíram uma identificação entre eles próprios- "jovens trabalhadores"- e os

---

<sup>36</sup>As falas a seguir foram recolhidas em entrevista coletiva com alunos da 8. série de Escola Pública do Jardim Amazonas, periferia de Campinas, em 17 de novembro de 1992.

"jovens rebeldes da década de 60". Ambos são sérios, não se utilizam da brincadeira e da espontaneidade em suas lutas. Nessas falas, luta não combina com alegria.

Ainda, a pesquisa PERFIL DO JOVEM BRASILEIRO<sup>37</sup> aponta para o fato de que, mesmo aqueles que poderiam se identificar diretamente com a denominação, ainda apresentam restrições:

"Será que os jovens se sentem caras-pintadas?"

Eles dizem que não, pois essa denominação não partiu deles. De repente, por todos os cantos, passaram a nomeá-los de cara pintada. Não sabem muito bem porque começaram a pintar a cara, de onde veio isso. O significado e a origem são desconhecidas. Nas passeatas, eles eram pintados por outras pessoas. Além disso, esses jovens não querem se comprometer com um rótulo. Amanhã, querem estar livres para fazer o que bem entenderem. Aqueles jovens que foram às passeatas conseguem apropriar-se melhor do nome "cara-pintada", pela vivência, e identificam-se com o grupo. (...)"

---

<sup>37</sup> Realizada por SENSO- Agência de Estudos do Comportamento, em 1992, teve como objetivos principais " identificar como se estruturava a relação dos jovens com as diversas facetas de suas vidas: atividades, escola, política, religião, sexo, drogas, etc, e conhecer seus valores". Organizada para ser divulgada em escolas particulares, essa pesquisa privilegiou estudantes que não trabalhavam, em sua maior parte pertencentes a essas escolas.

**CAPÍTULO 3**  
***CRIANDO ESPETÁCULO***

## I.

As manifestações estudantis de 1992 foram eventos que se caracterizaram por ter na exacerbação dos elementos estéticos a possibilidade de se tornarem visíveis. Os atos de *pintar a cara, caprichar na fantasia ou de criar coreografias*<sup>1</sup> foram fundamentais para os *carapintadas* se colocarem (se definirem) enquanto *atores políticos*. Em muito, com os rostos pintados os estudantes legitimaram suas reivindicações- "apesar da 'seriedade' do objetivo exposto (a saída de Collor do governo federal), essa ação acontecia enquanto  *festa, carnaval, brincadeira* (ver Apresentação).

Mas garantir a visibilidade da ação com a inclusão de elementos estéticos no movimento político não foi na verdade um ato inovador. Sem voltarmos demais no tempo, na campanha pelas Diretas, em 1984, já estavam presentes o uso de cartazes, faixas e fantasias<sup>2</sup>. Como será discutido no capítulo seguinte, o Carnaval foi introduzido no cenário político.

Então, se isso é correto, cabe indagar o que de fato diferencia os movimentos dos estudantes em 92 de outras manifestações populares ou mesmo de outras intervenções estudantis no espaço público.

---

<sup>1</sup> Que transformaram as manifestações em grandes desfiles, como os de carnaval.

<sup>2</sup> As lutas estudantis da época de Getúlio Vargas já se utilizavam de caricaturas, faixas e cartazes.

## II.

Uma hipótese plausível seria que, mesmo utilizando a elaboração de "marcas de visibilidade" <sup>3</sup> como recurso para se colocarem como atores políticos- um recurso não original<sup>4</sup>- os *carapintadas* foram os *primeiros* definidos (ou caracterizados, ou ainda, determinados) por uma dessas marcas: *o pintar o rosto*.

As pinturas nos rostos<sup>5</sup> permitiram definir os manifestantes não enquanto grupo (ver Apresentação), mas enquanto *geração*. O *carapintada- personagem-* se tornou sinônimo do jovem da década de 90 (ver Capítulo 2 )- portanto *categoria*.

A transformação de "personagens" em "categoria" não foi processo presente nas descrições de movimentos reivindicativos como a campanha Diretas-Já, por exemplo<sup>6</sup>. Os irmãos presidiários, o rei, ou o "dragão das diretas" (ver pág. ), "representaram" os manifestantes, mas não *eram* (sinônimos de) todos os manifestantes. Se presidiário, rei ou dragão foram *fantasias* usadas, bem ao estilo carnavalesco, não se tornaram *máscaras*<sup>7</sup>, como os traços nos rostos e o luto dos estudantes em 1992.

---

<sup>3</sup> Não é apresentado aqui como conceito. Trata-se apenas de uma maneira de expressar a idéia de que certos elementos estéticos como a própria pintura, fantasias, danças, cartazes, etc., presentes nos movimentos "carapintadas" e em outros, tornam esses movimentos visíveis, existentes, ou legitimados.

<sup>4</sup> Pois é adotado como característica dos movimentos políticos nacionais.

<sup>5</sup> Não apenas 'Fora Collor' era pintado. Além de traços verde- amarelo, era possível ver jovens que pintavam os símbolos do anarquismo e dos hippies em seus rostos. Assim, não apenas o que foi pintado significava, mas o próprio ato de pintar a cara era a mensagem.

<sup>6</sup> E nem em outros movimentos aqui também apresentados.

<sup>7</sup> No sentido de ZALUAR

As exacerbações da forma e do uso das "marcas de visibilidade"<sup>8</sup> permitiu também, ou melhor, facilitou a apropriação das manifestações dos *carapintadas* pela mídia. Foi a *forma* como as passeatas aconteceram que as tornaram tão "noticiáveis", tanto pela imprensa escrita como pelas TVs e rádios. É possível afirmar, nesse sentido, que as passeatas foram fotografadas, televisionadas e comentadas porque eram (também) visualmente (esteticamente) relevantes<sup>9</sup>.

E, em contrapartida, muitos dos integrantes se pintaram exatamente porque estavam presentes máquinas fotográficas e câmaras de TV. Algumas matérias publicadas em jornais mostraram a sensibilidade de repórteres para a idéia de que as passeatas tiveram visual construído.

"Sabendo que poderiam sair no noticiário da noite ou na primeira página de um jornal, os estudantes de agora foram às ruas cuidadosamente vestidos. Como quem vai a uma festa."

**(O Estado de São Paulo, 30 de setembro de 1992)**

A televisão e os outros meios de comunicação foram *efetivamente*, no caso das manifestações de 1992, os *veículos de exposição da ação política*. Pela mídia, os *carapintadas* se tornaram atores políticos reconhecidos (e legitimados) pelo público-a população<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Processo no qual o pintar o rosto é o ato característico, exemplificador.

<sup>9</sup> Claro está que este é apenas um motivo. Não é possível reduzir a importância das manifestações "carapintadas" apenas ao seu aspecto formal.

<sup>10</sup> Esse processo de exposição já vinha desde as Diretas-Já.

As ações dos *carapintadas*, por seu turno, tenderam a se tornar adequadas a regras que não as das ações políticas, mas àquelas dos meios de comunicação. As manifestações estudantis (como ação política) se constituíram enquanto *espetáculo*.

### III.

As imagens das manifestações estudantis de 1992 que utilizei para esta análise foram veiculadas nos telejornais da TV Cultura dos dias 11, 18 e 25 de agosto daquele ano. Essas imagens estão disponíveis no acervo da Fundação Padre Anchieta.

As matérias publicadas em jornais e revistas- dadas as suas características- me permitiram recuperar com mais rigor os episódios (principalmente em sua ordem cronológica) e realizar uma descrição mais apurada do *carapintada*, ou melhor, de *como* o *carapintada* foi definido (pela imprensa). Mas são as reportagens televisivas que garantem uma visualização melhor daquilo que chamei de "exacerbação das marcas de visibilidade". Na TV se realiza o *espetáculo*<sup>11</sup>.

"O Dia dos Estudantes começou às 9h., com uma concentração no vão livre do MASP, na Av. Paulista. O ato foi organizado pela UNE (União Nacional dos Estudantes) e pela UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas). Os manifestantes pediram mais ética na política e mais verbas para a área de educação, e também gritaram palavras de ordem a favor do *impeachment* do presidente Collor, acusado pelos estudantes de ceder o Ministério da Educação para Eraldo Tinoco apenas para agradar o PFL e barrar o pedido de *impeachment* no Congresso. A passeata terminou no Largo São Francisco, em frente à Faculdade de Direito da USP".

**(TV Cultura, dia 11 de agosto de 1992)**

---

<sup>11</sup>Optei por 1. recuperar, no corpo do capítulo, as narrações dos repórteres para as imagens referentes às manifestações e 2. colocar, em negrito, uma pequena descrição daquilo que acontecia na tela da TV.

Mas ali ainda não eram os *carapintadas*. As imagens de TV mostravam as aglomerações, os gritos de guerra e as bandeiras, mas eles só surgiram em reportagens sobre as manifestações posteriores ao Dia do Estudante (neste dia eles ainda não haviam pintado o rosto)<sup>12</sup>.

Muito daquilo que foi dito sobre os estudantes no material impresso pôde ser então visto. O jovem lutador, ciente de suas reivindicações e participante de um ato político pela primeira vez, *era o carapintada*.

" (...) - O que você espera com essa manifestação?

- Ah, eu espero justiça, né?

**(entrevista com jovem manifestante)**

- Eu estou super contente porque eu acho que está na hora mesmo dos jovens se unirem e lutarem por um Brasil melhor. Fazer desse Brasil um país honesto, sem injustiça.

**(entrevista com moça de preto)**

- O pessoal tem que tomar consciência que o voto é importante, entendeu? Na hora de votar.

**(entrevista com rapaz sem rosto pintado)**

---

<sup>12</sup> As matérias que se seguem são sobre essas manifestações, principalmente as do dia 25 de agosto.

E esse estudante que ia à luta, também cantava e dançava, inventando músicas e coreografias.

" (...) No aquecimento para a manifestação, a bandinha dos estudantes ensaiava coreografia e atacava com palavras de ordem em ritmo de samba. **(a imagem mostra estudantes de caras pintadas, cantando e dançando, acompanhados de tambores)**. Os manifestantes traziam faixas e camisetas com seu recado, que na maioria das vezes estava mesmo na cara (...). "

As narrações construídas para as cenas de TV mantiveram aquele mesmo eixo de oposições, desenvolvido na mídia impressa: a seriedade da proposta política contraposta ao bom humor, ao clima de carnaval; a espontaneidade da manifestação se chocando com a idéia de uma preparação prévia.

A idéia da *preparação* das manifestações é importante na narrativa que se constrói com as (ou ainda, a partir das) matérias televisionadas. Pois se os atos a favor do *impeachment* foram quase uma *brincadeira* (marcados pela *espontaneidade*), a construção do *visual* do *carapintada*- por ele mesmo- foi uma *elaboração*. Os rostos com as cores da bandeira nacional, as roupas pretas, as músicas inventadas e coreografadas e, ainda, as camisetas desenhadas, apontavam para um espontâneo que ficou somente no nível da "ação efetiva"<sup>13</sup>. A oposição entre a elaboração do ato e a brincadeira na ação permeou a construção das matérias.

---

<sup>13</sup> E não da elaboração dessa ação.

"(...) **(cena de um estudante sendo pintado)**

-Quantas pessoas você já pintou hoje?

-Mais de cem, com certeza.

-Por que você está se dedicando a fazer isso?

-As pessoas estão vindo para pintar porque hoje está ocorrendo um movimento importante, um resgate das cores da bandeira brasileira. O que é muito importante para essa gente jovem que está aí na rua e é a primeira vez dessa moçada (...)."

"A discussão do *impeachment* começou nos corredores do Congresso, ganhou as páginas dos jornais e recentemente foi parar nas ruas **(cenas das manifestações, com jovens de caras pintadas)**. Manifestações como as dos estudantes na semana passada e a dos artistas ontem estão acontecendo diariamente em várias capitais do país. Esse clima de mobilização tomou conta até de quem nunca participou de nenhum ato público e jamais fez política. Esse micro empresário **(cena do rapaz telefonando para amigos)** lançou a semana passada campanha *Faça Você Mesmo*. Basta telefonar para 7 amigos convidando para atos públicos e buzinas que vão acontecer nos próximos domingo e segunda-feira. Ele mesmo ensina como manifestar a insatisfação com a crise política de forma caseira. Um saco de lixo preto na frente da casa se transforma na bandeira dos inconformados **(cena do rapaz colocando o saco no seu portão)**.

**(entrevista)**

Já os alunos da Faculdade de Direito do Largo São Francisco resolveram confeccionar as faixas que vão usar na manifestação programada para o dia 25.

**(entrevista)".**

"Não havia nada muito organizado. Por isso a quantidade de estudantes no dia 25 de agosto surpreendeu. Eram universitários, secundaristas e até estudantes de 1º Grau. Jovens que nunca tinham se interessado pela política, mas foram à luta, com uma extrema dose de bom humor (**cenar das passeatas estudantis com os jovens de caras pintadas**) (...)."

É interessante notar como a própria idéia de organização anterior é desfeita logo no início da matéria seguinte, que descrevia o ato do dia 25 de agosto.

As narrações dos atos a favor do *impeachment*, que resultaram na construção de um *espetáculo televisivo*<sup>14</sup>, mantiveram uma certa "linha mestre".

Em primeiro lugar, todas as matérias tinham por muito bem demarcadas as *personagens centrais*- os estudantes de caras pintadas. Ainda que outras pessoas aparecessem em vídeo, como pais e professores, as falas sempre enfatizavam a importância da participação estudantil.

"(...) - Mas essa foi uma decisão dela. Foi ela que pintou a camiseta, ela que lê jornal e sabe o que está acontecendo. (**fala de mãe que acompanhou a filha na passeata**)".

---

<sup>14</sup>Como é possível ver nas diversas matérias dos telejornais.

"(...) - Como o senhor vê essa manifestação dos jovens hoje?

- Com muita alegria, a juventude conscientizada, lutando pela sua pátria com muita garra. Fico feliz.

**(fala de senhor presente à passeata)"**

"(...) - Por que é importante trazer o filho em uma manifestação como esta?

- Olha, a gente tá vivendo um momento histórico, né? Muito importante e ele tem que aprender. A gente não teve essa oportunidade quando a gente tinha essa idade.

- Que lição eles estão aprendendo hoje aqui?

- Lição de patriotismo, de civismo, de saber que o país é nosso, não é desses caras aí.

**(entrevista com pai carregando filho nos ombros)".**

Outro recurso utilizado para definir o *carapintada* foi o de contrapô-lo àquele estudante que não participou das manifestações. Nesse caso, mesmo que sendo identificado ao manifestante, porque pertencente a uma mesma *geração*<sup>15</sup>, esse estudante se opôs naquilo que caracterizou o *carapintada*- sua *participação política*<sup>16</sup>. Esse mesmo processo de construção do personagem, e da matéria, pode ser visto nas reportagens veiculadas em jornais e revistas.

---

<sup>15</sup> Inclusive com os mesmos hábitos de consumo.

<sup>16</sup> A matéria que estruturou a definição do *carapintada* dessa maneira, nem por isso tratou esse estudante de forma negativa.

"(...) mas um outro mar ficou de fora da manifestação, e não vão participar da próxima, no dia 18. Como Maria Isabel, de 14 anos, estudante da 8ª série. Ela gosta de música, cinema, e até de política, mas não lê jornal, prefere saber das notícias pela TV, onde vê de longe as manifestações.

-Eu tenho um certo medo, de ir, lutar pra caramba, e no final não dar certo.

-Medo da decepção, então?

-Medo da decepção.

Gustavo, 17 anos, também não foi à manifestação do Anhangabaú. Seus amigos do colégio Bandeirantes foram quase todos, mas ele está mais preocupado com o futebol, e com o vestibular. No final deste ano, presta direito na São Francisco.

-Muita gente que eu conheço foi por embalo, assim, vontade de matar aula. Falou... vamos lá...Vai indo, vai passando, sem saber o porque.

-Dia 18 você vai?

-Não.

Para este dirigente da UNE, o importante é participar<sup>17</sup>. Quem foi no embalo, segundo ele, se envolveu e deve voltar no dia 18. O encontro dos estudantes será no Masp, com passeata até o Vale do Anhangabaú.

- Tem que participar. Tem que manifestar, tem que colocar para a opinião pública o que você está sentindo, aquilo que você percebe, qual é a sua perspectiva de futuro, né? E sair desse individualismo...".

Assim, os *carapintadas* estiveram com os microfones e câmeras voltados a eles- uma grande exposição televisiva; mesmo que definidos pelas falas dos "outros".

---

<sup>17</sup> Ver como o dirigente da UNE é o único que não tem nome.

Um segundo ponto que caracterizou a estrutura das narrativas foi a determinação clara do *espaço da ação- do cenário*. Porque as passeatas estudantis tiveram um percurso fixado, isso ficou bastante fácil.

As passeatas saiam do MASP, desciam a Av. Brigadeiro Luiz Antônio e desembocavam no Largo São Francisco, em frente à Faculdade de Direito da USP. Até esse momento, *eram as passeatas dos carapintadas*.

Depois, a multidão de estudantes se dispersava em pequenos grupos, que ocupavam os espaços, agora do Anhangabaú, com danças, cantos e brincadeiras.

Essa "diluição gradual" da manifestação dava lugar ao adensamento de outra manifestação- na parte da tarde, após o expediente trabalho, acontecia o ato promovido pelo Movimento Ética na Política. Sem personagens definidos, o foco das lentes e os microfones se abriam para o público.

"(...) A população tomou o centro da cidade para defender a ética na política. São estudantes, empregadas domésticas, garçons, engenheiros e advogados. gente de todas as profissões, de todas as idades e de todas as classes sociais (***cenas das manifestações***). Algumas delas passaram o dia todo protestando contra o governo Collor, pedindo o afastamento do presidente, como o estudante de 2º grau uniformizado com a bandeira brasileira que percorreu as manifestações de bicicleta (***close no rapaz com uma bandeira como boné e em sua bicicleta***).  
(*entrevista*)

O garçom preferiu assistir o momento histórico de camarote.

**(entrevista)**

Na manifestação democrática, a minoria teve espaço. Num único e pequeno cartaz, o office-boy defendia: ruim com ele, pior sem ele.

**(entrevista)**

A empregada doméstica Dagmar improvisou uma bandeira e foi de verde para a praça.

**(entrevista)**

A menina de 9 anos, já entende tudo de CPI.

**(entrevista- close na menina vestida de gata da CPI, para pegar os ratos).**

À noite, famílias inteiras participavam, os pais trazendo os filhos nos ombros. Hoje, foi uma lição importante para o futuro.

**(entrevista com um pai)"**

"A manifestação começou cedo. Às 8 horas da manhã os estudantes já estavam saindo do colégio em pequenos grupos que se encontraram na R. da Consolação. Dali, a passeata foi engrossando e entrou na Av. Paulista em direção ao MASP. Dessa vez, além do preto também tinha verde-amarelo, numa manifestação que juntou pais e filhos, professores e alunos **(cenas das manifestações com entrevistas com uma mãe, afirmando que foi sua filha quem decidiu participar, com jovens de caras pintadas falando da importância das manifestações).**

A Polícia Militar chegou a calcular 40 mil pessoas na frente do MASP, na primeira manifestação do dia.

(...)

Da Paulista, os manifestantes desceram a Av. Brigadeiro Luiz Antônio a caminho do centro da cidade. Nas escadarias da Catedral da Sé um grupo de estudantes já esperava a chegada das passeatas. Da Praça da Sé os estudantes vieram para o Vale do Anhangabaú, que serviu de palco para a segunda grande manifestação do dia, organizada pelo Movimento Ética na Política (**cenas das manifestações dos estudantes e das manifestações da tarde. Segundo a repórter, estas últimas lembraram o movimento pelas diretas, que reuniu gente de todas as partes da cidade**).

É importante notar que a construção das manifestações enquanto espetáculo, realizada principalmente pela TV, teve como pressuposto uma definição dos *carapintadas* nos moldes já discutidos no capítulo anterior: as narrativas, as entrevistas ou, as falas inseridas nas imagens enfatizaram os jovens estudantes como "lutadores", cientes de suas reivindicações, ainda que pela primeira vez. Mas com as cenas é que se pode perceber como as passeatas se constituíram em algo para ser visto.

A ênfase dada, pelos meios de comunicação, na preparação das passeatas possibilitou a facilidade com que o espectador pode visualizar as manifestações como espetáculo, *quase como um teatro*. Ainda que admitindo a espontaneidade da manifestação e até uma certa "falta de organização" (na passeata, aqui pensada como movimento político<sup>18</sup>), as matérias de TV tiveram o cuidado de mostrar os jovens se pintando, se vestindo- "como se fossem para uma festa".

---

<sup>18</sup> Essa não era a opinião de líderes, mas aparece na fala da mídia.

## IV.

E, se entendermos espetáculo como *algo para ser visto* por um determinado público (PAVIS, 1983), é possível afirmar que a *espetacularização* é atributo de toda ação política.

É nesse sentido que recupero Negara, de Clifford GEERTZ. Na obra, o autor define o Estado Balinês do séc. XIX como *espetáculo*, como "a dramatização pública das obsessões dominantes da cultura balinesa: a desigualdade social e o orgulho do status (pág.25)". O Estado Balinês era um *Estado- Teatro*.

Negara aponta para o fato de que a espetacularização, entendida como processo de "externalização" de significados políticos, portanto de legitimação política, não é característica apenas das sociedades contemporâneas.

O partir do pressuposto de que *ser espetáculo* é característica de toda a ação política coloca para o presente debate questões fundamentais: por que estabelecer, como fizeram autores que analisaram as manifestações estudantis de 1992, como conceito fundamental o de *espetacularização da política*, e as entender como momentos privilegiados? O que torna as ações dos *carapintadas* tão importantes para o estudo?

Uma primeira resposta me parece bastante óbvia. Em 1992, os veículos de comunicação de massa, que já eram constituintes da cena política as *Diretas- Já*<sup>19</sup>, exarcebaram sua participação: A. enquanto "*agentes*"<sup>20</sup> da ação- os meios tiveram a

---

<sup>19</sup> Quem não se lembra das vaias que a Rede Globo levou dos manifestantes durante o histórico comício do Vale do Anhangabaú, em 1984, por não ter dado a devida cobertura aos eventos, como as outras emissoras de TV, de rádio, e jornais.

<sup>20</sup> No senti do proposto por FAUSTO Neto.

função de "criar" ações, como no caso do motorista Eriberto (mais do que ele, foi a revista Isto É que "provou" a relação PC Farias/Collor); B. enquanto *provedores de espaço para a exposição de ações políticas*.

E, retomando a direção de debate proposta a partir do texto de **GEERTZ**, uma outra possível resposta aponta para o fato de que, se a "espetacularização" em Bali era mecanismo de legitimação de manutenção política, a inclusão dos meios de comunicação de massa no cenário político- ou na construção delegarantiu para a ação política um novo espaço- e nesse sentido implicou em um *redimensionamento da ação política*.

É com base na hipótese de existência desse redimensionamento que seguem as análises das passeatas dos *carapintadas* em 1992, expostas a seguir.

**RUBIN**, criticando dois modelos explicativos para a relação política e mídia (porque não problematizariam essa relação)<sup>21</sup>, afirma que, "nos tempos de Collor", a dinâmica entre a comunicação e o conteúdo político aconteceu de forma inovadora.

Em um primeiro momento, caracterizado pelas aparições de Collor em mil imagens: no "jet sky", na moto Kawasaki, na Ferrari, no Miragi, no ultraleve, no ultra pesado Scania, em submarinos, em carros de combate, como esportista, como soldado, como intelectual, a mídia preencheu os espaços de exposição tomando público aquilo que deveria ser privado, escondendo aquilo que deveria ser público<sup>22</sup>. Há um

---

<sup>21</sup>1. modelo tradicional: a política "funciona" apenas complementada pela mídia. A comunicação aparece tratada apenas como conteúdo.

2. modelo "pós-moderno": a política se encanta pela mídia, se transforma em espetáculo, se despolitiza- perde conteúdo.

É nessa direção segue uma possível crítica a OLALQUIAGA(1992) e JAMESON(1991). Segundo eles, o espetáculo pode ser entendido como uma realidade apartada do sujeito (simulacro)

enfraquecimento da demarcação público/privado; há uma visitação entre os campos.

O estouro de escândalos- principalmente com as declarações de Pedro Collor à revista Veja que possibilitaram a instalação da CPI e com o depoimento do motorista Eriberto à Isto É, permitiu à mídia dirigir os acontecimentos. O trabalho investigativo dos repórteres moldou a CPI<sup>23</sup>.

Mas, segundo **RUBIN**, foi a minissérie *Anos Rebeldes* que, detonando um potencial latente de mobilização (estudantil), estabeleceu uma nova dimensão na relação política/mídia. Não a política como conteúdo da mídia; nem a mídia como definidora da política. Mas criou-se um espaço onde as ações dos estudantes foram mais do que vividas: foram televivenciadas com as cenas de 1968. Os jovens de 92 sentiram, pela televisão, aquilo que gerações passadas lutaram nas ruas. Ouvindo **RUBIN**:

---

construída na relação com os meios de comunicação. A construção desse “real simulado” corresponderia a desestruturação do sujeito, causada pela perda de seus referenciais tempo/espaço. A ação política dos carapintadas, nesse entendimento, seria “paródia” de algo que lhes é dado pelos meios de comunicação. Ora, que eles recuperam algo fornecido, isso é verdade. Porém, essa recuperação envolve a elaboração, a construção de uma identidade a partir da ação, pensada no sentido de GIDDENS: os jovens recuperaram o que era dado na mídia para constituir suas experiências políticas. Não se trata portanto de compreender esse processo como constituído por uma relação causa- efeito entre os meios de comunicação e a ação política, mas de entender a reflexividade do processo de construção da experiência e da identidade.

WOLTON também pensa a construção da identidade (em seu trabalho, ele fala da identidade construída a partir dos folhetins brasileiros) com o pressuposto de que o sujeito re-estrutura aquilo que é dado:

“Todos conversam sobre as novelas, o que mostra à perfeição a tese do laço social que é a televisão. Mas não é só a realidade que inspira as novelas; são também as novelas que influenciam a realidade por uma espécie de ida e volta entre a ficção e a realidade, talvez única no mundo (pag.163)”

“Existe, na qualidade da preparação, a realidade formal e na audiência, um fenômeno social raro de interação. A dimensão de jogo, de participação, ao mesmo tempo que de distanciamento, de ironia compartilhada, fazem desses programas um verdadeiro ritual de “estar junto” (pag.165)”

<sup>22</sup> Retoma Sennett, mesmo que esse autor não tivesse tratado diretamente do tema.

<sup>23</sup>Era a mídia determinando os fatos políticos.

"Anos Rebeldes sensibilizou pela forma passeata como alternativa de expressão, como possibilidade de experimentar algo novo que gerações de jovens anteriores viveram. O específico conteúdo daquelas manifestações passadas talvez até não importasse tanto. Interessava o gesto, o ato de se expressar. Atrizes, como Malu Mader e Cláudia Abreu,, e telespectadores do seriado declararam terem descoberto uma recente história do Brasil, sempre esquecida nos colégios. A diferença é que ela não chegava através da fria letra, mas televivenciada, em cenas e atos com emoções".

Processo não simples, esse da criação dos novos velhos atos políticos. Se houve a identificação dos jovens com os personagens da ficção (não tão ficção assim)<sup>24</sup>, "os estudantes perceberam as diferenças de forma e conteúdo entre as manifestações que promoviam e as que televivenciavam. Hoje havia talvez menos ideologia, mais consideração pela individualidade e maior humor" (pag. 165)<sup>25</sup>.

Foi um processo de *recriação*: os jovens retomaram 1968 com os olhos e a sensibilidade de 1992. "Essa sensibilidade contemporânea alimentava a consciência presente nas manifestações de que elas se produziam para as ruas, como experiência a ser vivenciada, e também para a dimensão pública "conformada" pelos media e constituída no momento fundante do estar no mundo e da sociabilidade tardia ou nos tempos pós-

---

<sup>24</sup>"(...) A identificação não provinha tanto da força das idéias professadas pelos personagens, antes derivavam dos comportamentos e do gesto de fazer (...)"

<sup>25</sup>Rubin é refém do discurso da mídia- sempre tomado como fato, e não como versão- ver como todas as falas dos jovens usadas no texto foram retiradas de jornais (portanto elas mesmas versões dos jornalistas). Essa versão fragiliza o texto de Rubin que, no meu entender, é mais encantador do que o de Weber.

modernos" (pag. 165). Como nos panfletos (em nota: "Brasil mostra sua cara". Panfleto dos DCEs da UFBA, UNEB e da UNE).

" Nós não vivemos este passado, mas estamos fazendo história de forma bem natural. Muita gente na rua é excitante, ninguém ou quase ninguém presta atenção a discursos esquematizados e tradicionais, todo mundo quer gritar, cantar e a passeata vira uma festa em si. Mas, apesar da festa, com certeza as pessoas sabem porque estão protestando."

Essa nova relação mídia/política foi o elemento inovador presente nas manifestações dos *carapintadas*, segundo a análise proposta por RUBIN. A ação política tradicional se refez porque os atores tinham uma "sensibilidade afinada com os "media" e com seus circuitos culturais" (pag.166). E os meios de comunicação se alimentaram dos movimentos sociais. Esse foi o espaço construído com o *espetáculo*.

Maria Helena WEBER também se atém à construção do *novo espaço* da política nos meios de comunicação. Construção que teve os *carapintadas* como o *símbolo estético*. Em resgate da autora, que afirma que as performances das caras e corpos permitiram à mídia introduzir um elemento estético inovador e garantir que o texto político fizesse parte da pauta de discussão: "esta ação pode ser representada pelos caras pintadas como indicadores, categoria ou novo ângulo provocado pela mais nova tribo tupiniquim, favorecendo a cobertura jornalística, facilitando jargões e exemplos. Os caras pintadas construíram a síntese, a

sinopse híbrida de qualquer enfoque sobre política, utopia, juventude e futuro" (pag. 172).

Com o *carapintada*, a política foi *pauta* dos meios de comunicação- aquilo que não atraía, de repente seduziu.

Mas houve troca. A política se transformou, também, em um gancho publicitário. Vendeu- se partidos, revistas, jornais, e ténis, com caras e corpos pintados.

A minissérie, com **WEBER**, ganha menos destaque (e menos importância):

"*Anos Rebeldes*, o seriado da Globo, (antes de ser do País) colaborou no processo de resgate da estética da política , mas não provocou o engajamento ou provocou adesões partidárias como insistem alguns ufanistas. Foi importante como espaço de visualização de um fragmento histórico do país de 60/70 (pag.173)".

Mesmo sendo utilizados para preencher colunas ou minutos, com ilustrações ou fotos, os *carapintadas* representaram as brigas políticas sedutoras<sup>26</sup>. Pois como explica **WEBER**:

"(...) os mídias não têm espaço para a política, na sua forma cotidiana, porque não atrai, não seduz. A dinâmica sedutora dos mídias, especialmente da televisão, privilegia a esfera individual e subjetiva e o fato político é integrado como espetáculo. (...)

Os caras pintadas desequilibraram o linguajar duro determinado pelo conteúdo político indigesto e complexo porque

---

<sup>26</sup> Essas brigas, segundo a autora, foram travadas na arena das fantasias e das cores.

confronta o receptor da mensagem com a realidade e a sua responsabilidade sobre ela, contrariando todos os outros conteúdos veiculados que isentam o receptor de ver suas contradições. A política é resgatada como tema e associada a produtos, serviços, programas humorísticos através dos signos, palavras de ordem e personagens da CPI, da Presidência." (pag. 175)

A ação política tradicional- pensada com ênfase no conteúdo- e seu espaço são modificados. Não basta aos estudantes que saiam às ruas para que seu movimento ganhe existência social. É preciso, isso sim, que as passeatas sejam televisionadas, fotografadas e veiculadas em jornais e revistas; é preciso que se tornem públicas e espetaculares. O estudante só se legitima como *carapintada*, e legitima a sua ação, pela intervenção da mídia.

É por isso que aponto algumas ressalvas para a análise proposta por **CANEVACCI** (1990), apesar da leitura de sua obra apontar para a conclusão, que defendi ao longo deste capítulo, de que os meios de comunicação de massa criaram um novo espaço para a ação política.

Admitindo que "movimentos políticos de oposição desses últimos vinte anos inventaram (...) novas formas de comunicação verbal, corporal e comportamental" (grifo meu), o autor cria "modelos comunicativos" definidos por ele como códigos alternativos, irreprodutíveis porque perderiam sua capacidade de comunicação na medida em que seriam veiculados pela mídia. **CANEVACCI** não trata diretamente da passeata, mas acredito que esta poderia ser um modelo alternativo entre *assembléia* e *cortejo*

(os outros modelos propostos são: *reunião, grafite, slogans, faixas, folhetos*).

No uso das definições de *assembléia* e *cortejo*, tais como postas pelo autor, estariam minhas ressalvas. A hipótese de que os modelos perdem sua capacidade de comunicar e de que os participantes da situação (no caso da *assembléia, cortejo* e *reunião*) são transformados em meros espectadores sem ação, quando os modelos são reproduzidos<sup>27</sup>, não se verifica na análise das passeatas dos *carapintadas*. Ao contrário do afirmado por **CANEVACCI**, é exatamente quando foram reproduzidas, principalmente pela TV mas também pelos jornais, revistas e rádios, que as *passeatas* ( e a *assembléia* e o *cortejo*) ganharam significação. As passeatas emocionaram e os *carapintadas* agiram da maneira que vimos porque estavam presentes câmeras e microfones<sup>28</sup>. Minha hipótese é a de que, diverso do que afirmou o autor, a TV (e os outros meios de comunicação de massa) não é mais um limite para esses *modelos comunicativos*, mas sim se tornou a possibilidade da existência desses modelos da forma como aconteceram.

---

<sup>27</sup> Reproduzido está no sentido de *ser veiculado*, transformado em produto da mídia de massa.

<sup>28</sup> A participação dos meios de comunicação também foi fundamental para determinar o significado da morte (e do cortejo fúnebre) do piloto Ayrton Senna.

## ÍTEGRA DAS NARRAÇÕES DAS MATÉRIAS PELOS REPÓRTERES E FALAS DOS ENTREVISTADOS

"O Vale do Anhangabaú, no centro de São Paulo, já foi palco dos grandes comícios pelas diretas já, e foi escolhido agora para ser a sede de uma manifestação marcada para hoje à tarde. Os organizadores da manifestação pró- *impeachment* passaram a manhã dando os últimos retoques na aparelhagem de som (**cenas do vale com caminhões, operários trabalhando em caixas de som, e do palco**) e no palanque, onde serão feitos os discursos. O *Movimento pela Ética na Política*, que reúne entidades como CUT, CGT, PNBE, OAB e UNE esperam nessa manifestação mais de um milhão de pessoas. As palavras de ordem vão ser *Basta de Corrupção, Ética na Política, Fim da Impunidade e Impeachment Já*, além do slogan *Venha Resgatar o Verde e o Amarelo*. Ao contrário da semana passada, quando a maioria dos paulistanos saiu às ruas vestindo preto, os organizadores desse encontro pedem que as pessoas venham para cá de verde e amarelo. E várias presenças já foram confirmadas aqui no Vale do Anhangabaú hoje à tarde. Entre elas, a prefeita Luiza Erundina e também o presidente do Partido dos Trabalhadores, Luiz Inácio Lula da Silva. A

manifestação está marcada para às 5 horas da tarde."

"O Dia dos Estudantes começou às 9h., com uma concentração no vão livre do MASP, na Av. Paulista. O ato foi organizado pela UNE (União Nacional dos Estudantes) e pela UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas). Os manifestantes pediram mais ética na política e mais verbas para a área de educação, e também gritaram palavras de ordem a favor do *impeachment* do presidente Collor, acusado pelos estudantes de ceder o Ministério da Educação para Eraldo Tinoco apenas para agradar o PFL e barrar o pedido de *impeachment* no Congresso. A passeata terminou no Largo São Francisco, em frente à Faculdade de Direito da USP".

**(TV Cultura, dia 11 de agosto de 1992)**

"(...) No aquecimento para a manifestação, a bandinha dos estudantes ensaiava coreografia e atacava com palavras de ordem em ritmo de samba (**a imagem mostra estudantes de caras pintadas, cantando e dançando, acompanhados de tambores**). Os manifestantes traziam faixas e camisetas com seu

recado, que na maioria das vezes estava mesmo na cara (**cena de um estudante sendo pintado - recupero aqui a entrevista**).

- Quantas pessoas você já pintou hoje?

- Mais de cem, com certeza.

- Por que você está se dedicando a fazer isso?

- As pessoas estão vindo para pintar porque hoje está ocorrendo um movimento importante, um resgate das cores da bandeira brasileira. O que é muito importante para essa gente jovem que está aí na rua e é a primeira vez dessa moçada.

A população tomou o centro da cidade para defender a ética na política. São estudantes, empregadas domésticas, garçons, engenheiros e advogados. Gente de todas as profissões, de todas as idades e de todas as classes sociais (**cenar das manifestações**). Algumas delas passaram o dia todo protestando contra o governo Collor, pedindo o afastamento do presidente, como o estudante de 2º grau uniformizado com a bandeira brasileira que percorreu as manifestações de bicicleta (**close no rapaz com uma bandeira como boné e em sua bicicleta**).

- Você veio aqui para a manifestação de bicicleta?

- De bicicleta.

- Você está desde que horas participando?

- Desde as nove horas da manhã.
- E vai ficar até que horas?
- Até acabar. Até o Collor cair.

O garçom preferiu assistir o momento histórico de camarote.

- O que o senhor está achando dessa manifestação, desse ato público?

- Bom, eu tô achando... inclusive a gente fica sensibilizado de ver o povo se manifestar... Eu acho que... é o povo que colocou ele lá... é o povo que tem que tirar ele de lá.

Na manifestação democrática, a minoria teve espaço. Num único e pequeno cartaz, o office-boy defendia: ruim com ele, pior sem ele.

- Você é contra ou a favor do *impeachment*?

- Eu sou a favor... que ele fique.

- Por que você é a favor que ele fique?

- Porque todo mundo já votou nele. Vai tirar ele agora... Deixa ele terminar o mandato dele.

A empregada doméstica Dagmar improvisou uma bandeira e foi de verde para a praça.

- Eu tenho que ser solidária à manifestação. Eu acho uma grande covardia eu ficar em casa.

A menina de 9 anos, já entende tudo de CPI.

**(close na menina vestida de gata da CPI, para pegar os ratos).**

- Você está fantasiada de que?

- Estou de gata para pegar os ratos. Eu sou a CPI.

À noite, famílias inteiras participavam, os pais trazendo os filhos nos ombros. Hoje, foi uma lição importante para o futuro.

- Por que é importante trazer os filhos numa manifestação como esta?

- Olha, a gente está vivendo um momento histórico, né? muito importante. E eles têm muito que aprender, a gente não teve esta oportunidade quando a gente tinha essa idade.

- Que lição eles estão aprendendo hoje, aqui?

- Lição de patriotismo, de civismo, de saber que o país é nosso, não desses caras aí."

" (...) Mas vai ser impossível reunir tanta gente ao mesmo tempo aqui no Vale do Anhangabaú **(cenas do palanque, de pessoas chegando)**, que tem capacidade para no máximo 400 mil pessoas. O palanque, que está sendo aprontado para o projeto musical *Viva o Vale*, está sendo ampliado: ele agora tem 400 metros quadrados e capacidade para 750 pessoas. Estão sendo esperados

sindicalistas, empresários, seis governadores e seis prefeitos de capital."

"A discussão do *impeachment* começou nos corredores do Congresso, ganhou as páginas dos jornais e recentemente foi parar nas ruas (***ce nas das manifestações, com jovens de caras pintadas***). Manifestações como as dos estudantes na semana passada e a dos artistas ontem estão acontecendo diariamente em várias capitais do país. Esse clima de mobilização tomou conta até de quem nunca participou de nenhum ato público e jamais fez política. Este micro empresário (***cena do rapaz telefonando para amigos***) lançou a campanha *Faça Você Mesmo*. Basta telefonar para amigos convidando para atos públicos e buzinas que vão acontecer nos próximos domingo e segunda-feira. Ele mesmo ensina como manifestar a insatisfação com a crise política de forma caseira. Um saco de lixo preto na frente da casa se transforma na bandeira dos inconformados (***cena do rapaz colocando o saco em seu portão***).

- Acho que o saco de lixo resume tudo, né? A cor é preta, é saco de lixo, é barato, quer dizer, qualquer um tem em casa, é um lugar onde deve colocar bastante coisa: no lixo mesmo.

Já os alunos da Faculdade de Direito do Largo São Francisco resolveram confeccionar as faixas que vão usar na manifestação programada para o dia 25. Uma idéia com significado oriental.

- Ela significa determinação, luta, e o povo oriental quando coloca essa faixa na cabeça não é só para competições, é também quando protesta, porque eles colocam essa faixa na cabeça para eles tem um significado muito forte, e eles continuam à trabalhar."

"Não havia nada muito organizado. Por isso a quantidade de estudantes no dia 25 de agosto surpreendeu. Eram universitários, secundaristas, e até estudantes de 1º Grau. Jovens que nunca haviam se interessado pela política, mas foram à luta, com uma extrema dose de bom humor. Era um mar de jovens **(cenas das passeatas estudantis com os jovens de caras pintadas)**, mas um outro mar ficou de fora da manifestação, e não vão participar da próxima, no dia 18, como Maria Isabel **(cena da estudante em sua casa)**, de 14 anos, estudante da 8ª série. Ela gosta de música, cinema, e até de política, mas não lê jornal, prefere saber das notícias pela TV, onde vê de longe as manifestações.

- Eu tenho um certo medo, de ir, lutar pra caramba, e no final não dar certo.

- Medo da decepção, então?

- Medo da decepção.

Gustavo, 17 anos, também não foi à manifestação do Anhangabaú. Seus amigos do colégio Bandeirantes foram quase todos, mas ele está mais preocupado com o futebol, e com o vestibular. No final deste ano, presta direito na São Francisco.

- Muita gente que eu conheço foi por embalo, assim, vontade de matar aula. Falou... vamos lá....Vai indo, vai passando, sem saber o porque.

- Dia 18 você vai?

- Não.

Para este dirigente da UNE, o importante é participar<sup>1</sup>. Quem foi no embalo, segundo ele, se envolveu e deve voltar no dia 18.0 encontro dos estudantes será no Masp, com passeata até o Vale do Anhangabaú.

- Tem que participar. Tem que manifestar, tem que colocar para a opinião pública o que você está sentindo, aquilo que você percebe, qual é a sua perspectiva de futuro, né? E sair desse individualismo...".

" (...) Duas horas antes do ato pela *Ética na Política*, o Vale do Anhangabaú já estava lotado. Enquanto isso, ,mais pessoas iam chegando. O ponto

---

<sup>1</sup> Ver como o dirigente da UNE é o único que não tem nome.

de encontro preferido era o Teatro Municipal onde artistas aproveitavam a crise política para mostrar seu talento.

**(cena de um homem vestindo preto e narrando um jogo de futebol: passa para Collor e gol!!! Gol contra, minha gente)**

Quem aproveitou também foram os ambulantes.

- Sobrou do 7 de setembro essa bandeira aí?

- Não, essa bandeira foi comprada especialmente para derrubar o Collor.

Três da tarde começaram os discursos. Enquanto os oradores falavam, o Vale ia ficando mais cheio. E manifestações aconteciam. Cinco da tarde chegaram o governador Fleury, a prefeita Luiza Erundina e seus convidados. Mais prefeitos e governadores. Nessa hora, o Vale já estava completamente lotado.

**(entrevista com um militar)**

- Quantas pessoas o senhor avalia que estão aqui no Vale?

- Pelas últimas informações do meu pessoal de observação cerca de 50 mil para mais.

Mas quando os discursos começaram a esquentar, a chuva caiu forte. A maioria não arredou pé. Mas muita gente se protegeu embaixo das marquises, para voltar logo depois que a chuva

parou. Com chuva, sem chuva, com um milhão de pessoas ou não, para todos o ato foi um sucesso.

- Essas manifestações, essa indignação nacional, com maior exemplo são as jovens caras pintadas brasileiras, vão dar a todos os parlamentares a condição suficiente para que esse decreto do *impeachment* vigore.

**(Roberto Freire)**

- O Paraná parou. Hoje pára São Paulo e o Brasil vai parar no dia de votação do *impeachment* exigindo do Congresso Nacional uma definição clara, o voto aberto, o impedimento e posteriormente queremos o julgamento do presidente.

**(Jaime Lerner )**

- O fato novo em relação às forças da sociedade inteira de São Paulo capital, São Paulo Estado, do Brasil, clamando a uma só voz *impeachment* já, retomada do crescimento econômico. Portanto eu acho que a luta pela ética na política, pelo *impeachment* vai se dar em um outro patamar.

**(Luiza Erundina)**

O último a falar foi o governador do Estado, às 7 e meia da noite.

**(cenas de manifestações dos jovens)**

"A Fundação para o Desenvolvimento da Educação ouviu 604 estudantes de 1º e 2º Graus de

31 escolas da Grande São Paulo. 75% dos entrevistados afirmam que nunca participaram de manifestações políticas. Dos 25% que responderam sim, 65% dizem que foram para as ruas pedir o *impeachment* do presidente Collor ou para ajudar a melhorar a situação do país.

**(cenas dos carapintadas, dos atos festivos, de jovens se pintando)**

A maioria dos entrevistados, 44%, também acham que o melhor regime político é o que está em vigor: o presidencialismo. 38% são a favor do parlamentarismo.

- O parlamentarismo ainda é a melhor opção. É a melhor opção do que qualquer outra coisa, ainda tá bem melhor.

**(entrevista com estudante)**

Para 11% dos entrevistados o maior problema do país é a corrupção. Outros 11% acham que é o desemprego.

A pesquisa também revela que a televisão tem uma grande responsabilidade hoje na formação da opinião dos estudantes. 75% dos entrevistados consideram a televisão o veículo mais confiável. O 2<sup>a</sup> veículo mais confiável é o jornal, com 21%. O rádio ficou em 3<sup>o</sup> lugar, com 6%.

- O bom jornalismo, o jornalismo em profundidade que deve ser feito para a formação de consciência de uma população, consciência política,

deve estar preocupado em verificar todos os ângulos de uma questão, e portanto permitir que haja uma democracia também na informação e na notícia

**(entrevista com homem não identificado)"**

"A manifestação começou cedo. Às 8 horas da manhã os estudantes já estavam saindo do colégio em pequenos grupos que se encontraram na R. da Consolação. Dali, a passeata foi engrossando e entrou na Av. Paulista em direção ao MASP. Dessa vez, além do preto também tinha verde-amarelo, numa manifestação que juntou pais e filhos, professores e alunos **(cenas das manifestações)**

- Mas essa foi uma decisão dela. Foi ela que pintou a camiseta, ela que lê jornal e sabe o que está acontecendo.

- O que você espera com essa manifestação?

- Ah, eu espero que seja feita justiça, né?

**(estudante)**

- Eu estou super contente porque eu acho que está na hora mesmo de os jovens se unirem e lutarem por um Brasil melhor. Para fazer desses Brasil um país honesto sem injustiça.

**(moça vestida de preto)**

- O pessoal tem que tomar consciência que o voto é importante, entendeu? Na hora de votar.

**(rapaz não pintado)**

- Democracia tem a ver com a gente. Mas se ninguém sai para fora pra colocar ela prá fora não tem como provar que o país tem democracia.

**(rapaz com o rosto pintado)**

- Como o senhor vê essa manifestação dos jovens hoje?

- Com muita alegria, a juventude conscientizada, lutando pela sua pátria com muita garra. Fico feliz.

**(senhor presente na manifestação).**

A Polícia Militar chegou a calcular 40 mil pessoas na frente do MASP, na primeira manifestação do dia.

(...)

Da Paulista, os manifestantes desceram a Av. Brigadeiro Luiz Antonio a caminho do centro da cidade. Nas escadarias da Catedral da Sé um grupo de estudantes já esperava a chegada das passeatas. Da Praça da Sé os estudantes vieram para o Vale do Anhangabaú, que serviu de palco para a segunda grande manifestação do dia, organizada pelo Movimento Ética na Política

**(cenas das manifestações dos estudantes e das manifestações da tarde. Segundo a repórter, estas últimas lembraram o movimento pelas diretas, que reuniu gente de todas as partes da cidade).**

**CAPÍTULO 4**  
***NA FESTA***

## I.

A ocupação das ruas das ruas pelos estudantes em passeatas e atos a favor do *impeachment* de Fernando Collor pode ser apreendida enquanto *espetáculo*, no sentido que propus logo atrás. O *personagem* foi definido e o cenário montado: o *carapintada* transitou pelo espaço compreendido entre o MASP- onde se iniciou a ação- e o Vale do Anhangabaú, onde os estudantes se diluíram na multidão. O *carapintada* efetivamente aconteceu " em trânsito"- *na passeata*.

Mas o termo mais utilizado pela mídia para caracterizar as manifestações foi o de *feira*, quase aqui comparado a *feira carnavalesca, carnaval. Feira* traz em si algumas características dos atos: o bom humor, a alegria dos *carapintadas*, a espontaneidade de sua ação, e a criação de uma nova estética.

A feira coloca os atos pró- *impeachment* no "tempo" do lazer. Fora do momento da produção<sup>1</sup>, em uma temporalidade distinta do cotidiano<sup>2</sup>. Mas *fora da Política ?*

---

<sup>1</sup> Ver MONTES, M. Lúcia- Lazer e Ideologia: a Representação do Social e do Político na Cultura Popular.

<sup>2</sup> Ver DA MATTA, Roberto- A Casa e a Rua.

## II.

"Passeata na Av. Paulista: protesto político e diversão que devem se repetir terça-feira" (Veja, 26 de agosto de 1992)

"Desfile de bonecos num protesto em Maceió: manifestação em clima de carnaval" (Veja, 19 de agosto de 1992).

"Democracia das cores marca desfile" (O Estado de São Paulo, 26 de agosto de 1992)

"Humor no lugar da guerra" (Veja, 9 de setembro de 1992)

"A manifestação dos estudantes pró-*impeachment* foi uma festa, com alas de diversas cores, que engarrafou toda a área central do Rio" (O Estado de São Paulo, 22 de agosto de 1992)

"Fantasia irreverente para a festa com as cores da nação" (Folha de São Paulo, 26 de agosto de 1992)

"Em Porto Alegre, o palhaço para rir e as mensagens para pensar: 'um Brasil novo' e 'Collor na cadeia' " (Veja, 26 de agosto de 1992)

*Festa* foi categoria constantemente utilizada pela mídia para descrever as manifestações pró-*impeachment*. Porém, é possível descrever analisar esses atos da mesma maneira que se

debate uma quermesse ou talvez um desfile de carnaval?

*A festa está classicamente colocada na esfera do lazer. Como um local para a resistência (do povo) à dominação (das classes dominantes)<sup>3</sup> ou como manifestação da cultura popular<sup>4</sup>, a festa faz parte daquele momento em que não está em jogo a produção, nem as relações sociais dela decorrentes. Como aponta MONTES, em trecho em que define seu objeto de estudo: "Finalmente, ao invés de tomar como foco de análise a esfera da produção, como determinante privilegiado de certos fatores que condicionam as formas de consciência dos grupos sociais, pretendíamos partir de seu oposto e negação, a esfera do lazer (...) Em outras palavras, tratava-se de saber se, por exemplo, as atitudes, valores e orientações de conduta que um operário demonstra na fábrica quanto à maneira de solucionar um problema que afeta de igual modo a todos os seus companheiros, podem ser reencontrados para além dos muros das fábrica, quando trata de resolver um problema que afeta a sua família, sua vizinhança, ou mesmo toda a sociedade".*

Para MONTES e RIBEIRO JR., o político está presente na esfera do lazer: a *festa* é um momento, se não libertador (como pensa RIBEIRO JR., que constrói quase um manual de como deve ser a festa para cumprir essa função), pelo menos propício para as classes populares repensarem, ou representarem, as relações de dominação que sofrem.

*Festa* é, nos dizeres de BRANDÃO(1974)<sup>5</sup>, um "acontecimento social de efeito indentificador", pois reproduz de

---

<sup>3</sup> Ver RIBEIRO JR., Jorge Cláudio Noel- A Festa como Local de Resistência na Cultura do Povo, tese de mestrado também publicada com o título: A Festa do Povo: Pedagogia da Resistência

<sup>4</sup> Ver MAGNANI, José Guilherme Cantor- Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade

<sup>5</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues- Cavalhadas de Pirenópolis.

modo simbólico e simplificado a sociedade que a produziu<sup>6</sup>. A festa altera uma faixa do cotidiano, como um acontecimento que pode ser periódico ou eventual (único). Porém a altera de forma a permitir que pessoas e grupos da sociedade façam uma revisão de sua posição nos dias de rotina<sup>7</sup>.

Para BRANDÃO, *festa é ritual*, ou se realiza como “acontecimento de ritualizações”<sup>8</sup>. E tem por pressupostas as “formas” das pessoas atuarem, participarem<sup>9</sup>. O ritual (ou a *festa*) é, nesse sentido, “comportamento ritualizado”.

Clara dificuldade é encontrada em entender as manifestações dos *carapintadas* como *festa*, definida da maneira exposta acima. Mas o próprio autor abre a possibilidade de não restringir as ações festivas àquelas formalizadas, quando aponta para um “alargamento” no conceito de ritual proposto, segundo ele, por DA MATTA, que incluiria situações pouco formalizadas, ou os comportamentos informais, espontâneos<sup>10</sup>.

---

<sup>6</sup> BRANDÃO explica porque a festa tem esse “efeito identificador”:

“(…)1. É através de festas que a sociedade homenageia, honra ou rememora: personagens, símbolos, ou acontecimentos com os quais ela se identifica e pelos quais se identificam os seus membros nos momentos de rotina. A festa de Santos Padroeiros, geralmente as mais importantes do calendário ritual, são um bom exemplo.

2. Mesmo quando incluem partes ou aspectos comuns a outras festas de outras sociedades (pelo que também se identificam com elas e através delas com um contexto mais amplo de reconhecimento social), as festas de cada sociedades procuram fazer-se através de pelo menos algumas formas e conteúdos simbolicamente exclusivos, logo igualmente contrastivos e identificadores.

3. Os rituais das festas são a forma simplificada e ritualizada de vivência e exposição da própria organização social e dos seus modos de ser (...)” (pag.22)

<sup>7</sup> Por isso BRANDÃO afirma: “Os efeitos da festa são mais dirigidos à reprodução da sociedade que à produção de seus bens de consumo.

<sup>8</sup> “Entendo festa como um acontecimento de ritualizações. Uso esse conceito, acontecimento, para dar uma idéia situacional de alguma coisa incluída dentro de uma continuidade que, por um tempo determinado, modifica e altera. Chamo de acontecimento porque a festa é, em si mesma, um ritual complexo (vide Da Matta, 1973), na mesma medida em que se realiza através de rituais como sistemas de comportamentos de oposição aos sistemas de comportamentos produtivos da rotina (...)” (pag.26).

<sup>9</sup> Claro que essa definição de festa é possível porque o evento estudado por BRANDÃO é bastante ritualizado: as cavalhadas mantém a mesma forma e se repetem periodicamente.

<sup>10</sup> Neste texto, BRANDÃO defende o conceito de festa como ritual, formalizado, criticando a abertura conceitual de DA MATTA. Ainda, este é um debate secundário do autor, deixado para as

E é com essa noção de "informalidade" do comportamento que MAGNANI define *feira*. É momento de alegria, de barulho, de espontaneidade. É uma forma de caracterizar o lazer. Por isso que para o autor (pag 111) os espetáculos circenses são *feiras*- aquelas características acima expostas os definiriam enquanto tal.

Nesse último sentido é possível caracterizar as manifestações dos *carapintadas* como "grandes feiras"- as ações políticas podem estar e embuídas de elementos que comumente são definidos como pertencentes ao âmbito do divertimento<sup>11</sup>.

*Festa* é, pois, a temporalidade distinta do cotidiano. Tempo sagrado, de liberdade, em oposição ao profano e ordeiro dia a dia<sup>12</sup>. Para DA MATTA<sup>13</sup> é o espaço da vivência do coletivo, da totalidade. Diz ele: "Pois a festa é um dos mecanismos mais importantes para relacionar esses domínios (*a casa e a rua*, momentos distintos da vida, de comportamentos diferenciados) afastados uns dos outros. Assim, no carnaval, na semana santa, nas feiras de santos, nos rituais cívicos, nos festivais esportivos e nos eventos políticos de massa, é possível tentar reunir novamente esses domínios, realizando uma experiência fundamental de vivência da totalidade (grifos meus)". Espaço da criação do *coletivo*.

E o *carnaval* foi a *feira* lembrada e utilizada para caracterizar as manifestações estudantis de 1992. As caras pintadas, o abuso das cores (fantasias) e as performances- como o

---

notas; porém aqui me pareceu interessante retomá-lo porque estou defendendo a definição da festa como aquele espaço onde acontecem os comportamentos espontâneos, como será visto logo abaixo.

<sup>11</sup> É nesse sentido que a mídia trata as passeatas.

<sup>12</sup> Definição encontrada em QUEIRÓZ, M. Isaura Pereira- Carnaval Brasileiro: o Vivido e o Mito.

<sup>13</sup> Ver DA MATTA, Roberto- A Casa e a Rua

enterro de Collor e o uso de bonecos em desfiles- trouxeram para agosto e setembro um certo "espírito carnavalesco".

Se o uso do conceito de *festa* na descrição das passeatas dos *carapintadas* trouxe a possibilidade de entender essa experiência como *alegre, espontânea*, sem perder a característica de ser um momento de exacerbação de questões políticas<sup>14</sup>, a restrição dessa festa ao *carnaval*, ainda que este tenha sido constantemente lembrado para descrever as manifestações dos *carapintadas*, implica em assumir uma "formalização" de comportamentos rejeitada. Vejamos.

BAKHTIN(1987) e DA MATTA(1981) percebem o carnaval como "espaço de descobertas de possibilidades", presentes na idéia de *brincar* (aqui está o espontâneo). Mas esse brincar implica, nas descrições propostas pelos autores, na inversão das distinções sociais cotidianas. Durante a festa medieval estudada por BAKHTIN, o bufão se torna rei- mesmo que caricato-, o rei é ridicularizado, a hierarquia se desmorona. No carnaval brasileiro de DA MATTA, a hierarquia social se inverte, e o pobre não se torna rico, mas nobre.

A inversão da ordem social como base da liberdade que o folião tem durante os festejos carnavalescos é criticada por outros autores. QUEIRÓZ(1992), por exemplo, afirma que a desestruturação da ordem e a exacerbação da liberdade e da alegria são constituintes do *mito carnavalesco*, que o *rito* (ou os componentes efetivos) tende a concretizar. Segundo a autora, os festejos durante o período do carnaval se estruturam mantendo as mesmas distinções que ocorrem no cotidiano.

---

<sup>14</sup> Ver como todo o discurso descritivo das manifestações vai nesse sentido.

ORTIZ<sup>15</sup> apresenta uma proposta diferenciada. Para ele, apenas "parte desta ordem (social) é mergulhada em um estado carnavalesco. O espaço da desordem não coincide portanto com o espaço da ordem social, ele está, como demonstramos, contido nela e dominado por ela (pag. 74)". Por isso é possível falar da ritualização da inversão sexual- a ordem sexual é passível de ser ritualizada, ou faz parte do espaço do carnaval-, mas são reduzidas as inversões de caráter político. A contestação política não é uma contestação ritual (carnavalizada), porque na sociedade existem outras instâncias especializadas na mediação desses conflitos (por exemplo, os sindicatos). "Pode-se dizer que o carnaval seria uma alienação dos conflitos políticos (pag. 74)"<sup>16</sup>.

Claro está que a "inversão povo/elite" não é visível nas passeatas dos *carapintadas*. Mas sem dúvida fazem parte do "espírito carnavalesco"- tal como define QUEIRÓZ- a espontaneidade e a alegria. O carnaval é constituído como *espaço do espontâneo e da criação do coletivo*. E também pensando como DA MATTA: o carnaval é o espaço da *experimentação da totalidade*.

Nesse sentido é possível usar o carnaval para descrever as manifestações estudantis, mesmo relativizando a análise realizada por ORTIZ. Cores, rostos pintados, slogans e fantasias não apenas descrevem o visual, como realizado pela mídia. A espontaneidade, a alegria e a estética (o visual)

---

<sup>15</sup> ORTIZ, Renato- "Carnaval, Reflexões II" in Cadernos do Centro de Estudos Rurais e Urbanos, nº 11, setembro de 1978.

<sup>16</sup> Esse texto de ORTIZ é anterior à satirização da política que aconteceu no carnaval de 1984, durante a campanha pelas diretas.

carnavalesco foram constitutivos da experimentação de *coletividade, da experimentação de uma ação política*<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> É nesse sentido, e não em questões como “inversão da hierarquia”, que é possível retomar carnaval para pensar as ações dos *carapintadas*.

### III.

A política como festa aparece de forma definitiva<sup>18</sup>, na mídia, com a descrição das campanhas pelas Diretas- Já, em 1984.

Nas imagens televisivas, os slogans gritados<sup>19</sup>, as chuvas de papel picado e as rodas de samba foram pano de fundo para uma narração que enfatizou a importância da presença de políticos, de partidos e de artistas<sup>20</sup>. Em certo sentido, as campanhas tiveram protagonistas definidos: de um lado, Ulysses Guimarães e Tancredo Neves; de outro, Fafá de Belém e Osmar Santos<sup>21</sup>.

Mas, em textos escritos, a comparação das Diretas com festa e carnaval ganha destaque. Alegria, espontaneidade e bom humor são os elementos constitutivos das descrições.

"(...) Houve de tudo: discursos, música, várias bandas trouxeram seus instrumentos, capoeiristas se exibiram e houve até um enterro simbólico das eleições indiretas (...)"

---

<sup>18</sup> Alguns traços da festa já estavam presentes em manifestações estudantis da época de Getúlio Vargas.

<sup>19</sup> "-Diretas quando? (perguntava Osmar Santos do palco do comício)  
-Já! (respondia em coro a multidão)"

"Um, dois, três, quatro, cinco, mil, queremos eleger o presidente do Brasil!"

<sup>20</sup> O PMDB, com Ulysses Guimarães e Tancredo Neves, lançou a campanha; os partidos comunistas se destacaram com suas bandeiras vermelhas ao lado das amarelas, cor oficial do movimento.

<sup>21</sup> Mas, ainda como nas descrições das manifestações estudantis de 1992, o anônimo ganhou destaque.

"(...)Os discursos que se seguiam tiveram resposta imediata da população, que gritava entusiasmada as palavras de ordem de Fernanda Montenegro, do presidente da UNE e dos outros que subiam no palanque. Mas o clima de festa se espalhava por toda a praça(...)"

"(...) Foram momentos de muita emoção, em que a espontaneidade superou a falta de organização e o desespero de Mauro Montoryn, coordenador de segurança da passeata, que já havia perdido o controle da manifestação antes mesmo de ela sair da Praça da Sé. Aos gritos de 'um, dois, três, quatro, cinco, mil, queremos eleger o presidente do Brasil', milhares de pessoas saíam de todos os lados, com faixas e cartazes, usando os refrões característicos para superar a falta de som oficial e dar ritmo à passeata (...)"

É fácil notar as semelhanças entre as matérias que descreveram as manifestações estudantis pró- e aquelas que *impeachment* narraram as campanhas pelas diretas. Em ambos os casos, a ênfase nos elementos constitutivos da festa<sup>22</sup> e do carnaval (naqueles comportamentos espontâneos).

Existem, porém, diferenças. Se em 84 as matérias focalizaram políticos e artistas, nas descrições das passeatas estudantis o foco foi para o "anônimo"- o *carapintada* (o estudante da década de 90). Lindbergh Farias, ainda que líder estudantil, em muito se distanciou daquele que pintou o rosto. Já Ulysses Guimarães ou Fafá de Belém que, se não foram, cada em sua

---

<sup>22</sup> Em sentido mais próximo de MAGNANI.

posição, a "cara" das manifestações pró- diretas, eram pelo menos seus "porta-voz".

Essa característica de ter políticos como protagonistas confirmou para a campanha pelas diretas, em dizeres da mídia, um caráter "supra-partidário". Enquanto que os atos pelo impeachment foram tratados como "a-partidários".

## IV.

Além de garantir que os atos dos *carapintadas* fossem descritos como espontâneos, alegres, caracterizados pelo bom humor, por música e cores, o uso da noção de  *festa* apontou para uma outra questão. A ênfase na alegria e na irreverência juvenis- os jovens iam para as ruas como quem ia para festas- se contrapôs, no discurso da mídia, à *batalha*, ou à forma como os estudantes ocuparam as ruas contra o regime militar (era a *guerra* travada contra os tanques e cavalaria, contra as bombas de gás lacrimogêneo e as prisões)<sup>23</sup>.

O modelo "1968" de ocupação das ruas foi, em grande medida, difundido a partir da veiculação de *Anos Rebeldes*, pela Rede Globo. Mas as manifestações estudantis de 1968, pensadas em seu conjunto, sempre foram os *parâmetros* para a definição das posteriores .

Assim, se podemos afirmar que os atos estudantis da década de 60, caracterizados como *batalha*, são os constitutivos de um modelo de manifestação política (eficaz), então a definição das passeatas pró- *impeachment* (ou mesmo daquelas pelas diretas) como grandes festas, realizada pela imprensa, tendeu a despolitizar os atos dos *carapintadas*.

Essa foi a crítica dos dirigentes das entidades estudantis com a imprensa. Duas falas atestam que a categoria *batalha* é constitutiva do modelo que os dirigentes têm de movimento estudantil (da ação política dos estudantes)- *batalha* se

---

<sup>23</sup> Todas as cenas de 1968, em TV ou em matérias impressas, são de *guerra*.

contrapondo aqui a *feira*. A primeira delas foi a crítica de Claudionor, diretor da UNE (1994), fez à cobertura jornalística. Ao tratar as passeatas estudantis como algo espontâneo, a imprensa teria deixado de mostrar que a luta dos estudantes era mais ampla que a luta contra a corrupção.

A segunda foi a de Parente. Ele utilizou o conceito batalha para descrever tanto os movimentos de 1968 como as passeatas de 1992- a diferença entre as manifestações estudantis estaria no tipo de batalha realizada, e não na ausência dela na ação dos *carapintadas*.

Dessa forma, *feira* não pôde mesmo ser incorporada em falas e ações dos dirigentes- nenhum pintou o rosto!- dado o modelo de movimento político que possuem. Porém, houve a construção, nas narrativas da mídia, se não de um novo modelo, pelo menos de outra *forma* de se pensar a manifestação estudantil: a *feira* não exclui a *batalha*, a luta, ainda que apareçam nas falas dos *carapintadas* e da imprensa de certa maneira contrapostas. *Mesmo que de forma alegre, o jovem luta por seus ideais.*

Em apenas um caso *batalha* se ligou à *feira* de maneira orgânica. No uso do termo *batalha das cores* para descrever as manifestações do "domingo de luto". A *batalha*, aqui, se tornou *festiva*.

## MATÉRIAS SOBRE AS DIRETAS JÁ- TV

"No Rio Grande do Sul, a campanha do PMDB pelas eleições diretas para presidente da República lançada pouco antes do meio dia na Assembléia Legislativa quando o presidente nacional do partido, deputado Ulysses Guimarães, e o governador de Minas Gerais, Tancredo Neves, concederam entrevista coletiva. Aos repórteres, as lideranças peemedebistas disseram não acreditar em nenhuma ação que desestabilize a luta pelas eleições diretas para presidência da República que, conforme eles, é direito de todos os povos civilizados. Deste direito, informaram que esgotarão todas possibilidades de negociar com todos os políticos e, se necessário, até com o presidente Figueiredo. Essa luta, para os líderes do PMDB, visa também um acordo entre as oposições.

\_\_Se nós nos dividirmos, temos o exemplo das últimas eleições, em alguns casos nós perdemos as eleições, e nós eu digo as oposições, devido à divisão. Eu estou numa terra em que isso aconteceu infelizmente. Com essa divisão havida aqui, e nós fizemos todos os esforços par que isso não acontecesse, isso determinou a vitória de nosso adversário, adversário do povo brasileiro que é o PDS, de maneira que eu tenho sustentado isso de público e sustentado nas conversas que eu tenho tido com o Lula, com as

lideranças, que se nós... quando conseguirmos as eleições diretas nós devemos nos unir mais do que em torno de nomes, em torno de programas. Isso já aconteceu em outros países. Nós fazemos um programa e dentro do programa nós colocamos as candidaturas (ULYSSES GUIMARÃES).

(A IMAGEM É DE UMA CHUVA DE PAPEL PICADO E O GRITO "UM, DOIS, TRÊS, QUATRO, CINCO, MIL, NÓS QUEREMOS VOTAR PARA PRESIDENTE DO BRASIL" PODE SER OUVIDO NA FITA- VOLTA A CENA PARA A PASSEATA, PARA OS POLÍTICOS COM CAMISATAS AMARELAS)

Na rua, a luta do PMDB pelas eleições diretas para a presidência da República foi ganhando um número cada vez maior de adeptos na medida em que a caminhada avançava.

(CENAS DA MANIFESTAÇÃO)

-A presença do PT neste ato promovido pelo PMDB representa que as oposições vão se unir no caso de uma eleição direta para presidência da República?

-Isso não foi discutido por nós estarmos aqui. A Executiva do partido ... Aqui no Rio Grande discutir que as eleições diretas não são uma reivindicação deste ou daquele partido. São uma reivindicação do povo gaúcho, do povo brasileiro. Por isso em todos os atos onde não tiver a indicação de um candidato prévio deste ou daquele partido, o Partido dos Trabalhadores estará presente dando o seu apoio. (ENTREVISTA)

(CENA DE PAPEL PICADO)

Na rua todos andaram lado a lado

empunhando a bandeira das diretas. Os artistas, como Raul Cortez, Ruth Escobar, Martinho da Vila e os gaúchos Kleiton e Kledir dividiram o espaço com a população que não cansou de cantar e gritar, reivindicando condições de eleger o próximo presidente da República.

-Os artistas sempre traduziram as emoções e sentimentos dum povo. Nós fomos sempre acostumados a estar na vanguarda das coisas, e isso nos foi alijado. A censura econômica, a censura cultural nos tirou isso. A gente está agora voltando... Nós temos o direito... Nós exigimos a volta disso. Então chegou o momento de nós, atores, artistas, estarmos aqui junto com vocês na frente dessa caminhada, marcha para as eleições diretas de 84. (RAUL CORTEZ)

-Quando o presidente da República diz que eleições diretas é um fato perturbador eu pergunto pra ele 'perturbador de que, general?' Acho que o poder está enlouquecendo e esses homens estão no poder há vinte anos e a única maneira de sair do abismo do qual esse sistema espúrio, militar nos jogou, realmente a única maneira é conquistar a liberdade. A democracia neste país, é a eleição direta. É isso que o povo quer. (RUTH ESCOBAR)

(CENAS DE COMERCIANTES BAIXANDO PORTAS)

No comércio houve quem receasse o movimento e fechasse as portas ou recolhesse a mercadoria enquanto a caminhada avançava.

Do alto dos edifícios a curiosidade, os

foguetes e uma verdadeira chuva de papel picado. E até quem não fez o percurso não deixou de opinar sobre o ato.

((CENAS DAS MANIFESTAÇÕES; SLOGANS))

-O que o sr. acha de tudo isso?

-Tô achando legal, bom mesmo, tem que fazer isso aí.

-A sua vida vai melhorar se eleger ...

-Vai melhorar, deve melhorar isso aí.

(ENTREVISTA COM UM OPERÁRIO ABANANDO O CAPACETE)

Depois da caminhada, o grande comício no entroncamento da Rua da Praia com a das Flores.

(NOVO REPÓRTER)

Para quem tem um pouco de superstição hoje é um dia próprio para soltar a bruxa. Sexta feira dia 13, e o primeiro dia 13 do ano de 1984. Mas o que aconteceu foi o início da luta pelas diretas que fizeram com que os líderes do PMDB a nível nacional, discursassem enfaticamente conclamando o povo para escolher o sucessor de Figueiredo.

(CENAS DAS PASSEATAS, COM CARTAZES E FAIXAS)

A Brigada Militar acatou, montando um forte e irreparável esquema de segurança, capaz de reprimir até mesmo possíveis bruxarias ou passes de mágica. Mas nada disso aconteceu. Os líderes falaram, exaltaram e conclamaram o povo para o exercício democrático de escolher diretamente o seu presidente.

(CENA DA PRAÇA TOMADA PELA MULTIDÃO)

O deputado Ulysses Guimarães pediu a derrubada da Bastilha do voto indireto. Disse que todos os brasileiros são estrangeiros pois não podem votar para presidente.

(DISCURSO DE ULYSSES GUIMARÃES- APLAUSOS)

Em seu último ponto do discurso disse que devemos recuperar a cidadania brasileira, ou seja, através do voto direto para presidente.

O governador mineiro Tancredo Neves exaltou os irmãos do Rio Grande do Sul. O cantor Martinho da Vila cantou.

(CENA COM ELE CANTANDO)"

"A realidade nacional era o tema do Encontro promovido pelo PMDB na Fundação Joaquim Nabuco, que reuniu Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, Freitas Nobre, Marcos Freire, Cid Sampaio, o ator Gianfrancesco Guarnieri, e dezenas de deputados e prefeitos de oposição. Mas na sala o assunto foi um só: eleições diretas para presidente da República. O arcebispo D. Helder Câmara foi aplaudido de pé quando chegou e recebeu uma homenagem especial de Ulysses Guimarães. O tema das eleições diretas estava na cabeça de muita gente durante o encontro (CENA DE DUAS JOVENS COM FAIXAS NAS CABEÇAS, COM OS DIZERES "DIRETAS-JÁ") do qual participaram representantes de diversas entidades profissionais. E no meio de tantos oposicionistas, dois deputados do PDS, Fernando

Bezerra Coelho e Joel de Holanda, que falou sobre a importância do debate sobre a sucessão presidencial.

-Quem está se opondo às eleições diretas no Brasil é o PDS, que é o partido situacionista, e mesmo assim com uma margem de votos insignificantes. Mas a nossa luta se faz em dois níveis. Faz junto ao povo mobilizando-o para sensibilizar o Congresso, e dentro do Congresso, junto aos congressistas, para que nós possamos alcançar aquele quórum de dois terços absolutamente imprescindível à reforma da constituição e implantação das eleições diretas.

-E o que o comício aqui em Olinda vai significar para essa luta?

-Bem, vai significar mais um elo nessa cadeia de mobilização da opinião pública nacional que o PMDB e os partidos da oposição vem promovendo.

(ENTREVISTA COM TANCREDO NEVES)

-É muito importante o comício de Olinda, como de Recife, e de Pernambuco para a projeção e a participação do Nordeste. Nós sabemos que Olinda, e Pernambuco, e Recife, são realmente a amostragem, possuem um denominador comum. Aquilo que é um êxito no Recife em termos econômicos, até em termos de propaganda e em termos políticos constitui, por contaminação e por amostragem, um êxito em todo o Nordeste.

(ENTREVISTA COM ULYSSES GUIMARÃES) "

"(CENAS DA POPULAÇÃO, VOTAÇÃO)

-A senhora acha que as eleições para a presidência da República devem ser diretas?

-Devem ser diretas e é preciso ser.

-Por que?

-Porque a situação que nós "tamo" não é possível, né?

-A senhora acha que vai mudar alguma coisa?

-Acho sim, e como vai mudar, se Deus quiser.

(ENTREVISTA COM UMA SENHORA)

-O povo que deve eleger...

-O povo é que deve eleger o presidente. Porque só assim nós acabamos com essa situação péssima que o povo tá vivendo e nós temos esperança que vai melhorar se Deus quiser.

(ENTREVISTA COM UM SENHOR)

Placa: "Você acha que a eleição para Presidente da República deve ser direta?- Sim/Não"

(CENAS DA POPULAÇÃO VOTANDO NO VIADUTO DO CHÁ E NA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA) "

"(CENAS DE COMÍCIO- BANDEIRAS VERMELHAS DOS PARTIDOS COMUNISTAS BEM VISÍVEIS AO LADO DAS BANDEIRAS AMARELAS DAS DIRETAS/ UM GRUPO DE PESSOAS EM RODA DE SAMBA/ CENA DE UMA PLACA COM FOTO DE ULYSSES GUIMARÃES: "DIRETAS URGENTE; PMDB; RIO CLARO; ULYSSES GUIMARÃES/ COMÍCIO EM SÃO PAULO/ CENAS DO PALANQUE, SLOGANS E DISCURSOS/ CENAS DA POPULAÇÃO/ POLÍTICOS COM OS

BRAÇOS ERGUIDOS CANTANDO HINO NACIONAL) "

"(CENAS DE COMÍCIO- BANDEIRAS VERMELHAS E AMARELAS)

Começou no finalzinho de 83, e no ano seguinte ninguém segurava mais. As manifestações pipocavam em todo o país. Emoção a flor da pele e uma vontade enorme de decidir o próprio destino.

(CENA DE COMÍCIO)

25 de abril de 1984- o Brasil inteiro acompanha a votação da Emenda Constitucional Dante de Oliveira que estabelecia eleições diretas para presidente em janeiro de 1985.

(CENAS DO CONGRESSO E DA POPULAÇÃO)

A emenda consegue maioria no Congresso, mas não consegue os dois terços necessários para a aprovação.

(CENA DO BONECO TEOTÔNIO VILELA E DE CHORO DA POPULAÇÃO)

...e de revolta.

-Nós temos que estar absolutamente atentos porque as conquistas não são fáceis, as conquistas não vem postas como benesses de nossos políticos. Nós temos que estar sempre vigilantes e sempre atentos.

(ENTREVISTA)

(CENAS DE MANIFESTAÇÃO COM BANDEIRAS DE LULA E COLLOR)

5 anos depois da campanha das diretas-já, o povo finalmente vota para presidente, mas acaba escolhendo (CENA DE COLLOR NO CONGRESSO) um

desconhecido com porte de super homem e pose de estadista.

(DISCURSO DE COLLOR)

Foi uma decepção: choque na economia, confisco na poupança, denúncia de corrupção. Assim era demais. A partir daí, começa uma luta contra a impunidade e, por que não, contra a frustração de tantos anos.

(CENAS DE MANIFESTAÇÕES DOS CARAPINTADAS)

As coisas começaram a acontecer, o presidente teve que sair, o tesoureiro é preso. Na onda do " vamos passar o país a limpo", o Congresso começa a caçar os parlamentares corruptos. Não dá para negar: o Brasil não é mais o mesmo desde a época das *Diretas Já*. Vamos votar pela 2ª vez para presidente, Collor já era, PC está na cadeia, o custo das obras públicas baixou bastante depois das denúncias de propinas, e nem o Jogo do Bicho escapa das investigações. É certo que a inflação ainda é alta, e o salário... mas o país (CENA DO COMÍCIO DO PT) está diferente e com certeza tem luz no fim do túnel, mesmo que demore para chegar lá.

-Todo poder emana do povo e em nome do povo é exercido. É uma lição centenária, multi-centenária, mas sem dúvida nenhuma é uma lição que o Brasil está aprendendo, e aprendendo cada vez melhor.

(CENAS DAS DIRETAS; CENAS DOS CARAPINTADAS)

## TRECHOS DE MATÉRIAS IMPRESSAS FESTA-1984

**Sé: multidão, discurso, chuva e música.**

"(...) Houve de tudo: discursos, música, várias bandas trouxeram seus instrumentos, capoeiristas se exibiram e houve até um enterro simbólico das eleições indiretas (...)"

**Artistas comparecem para cantar e protestar.**

"(...) 'Democrática, uma grande festa democrática', repetia Jardes Macalé (...)"

**Faixas e até bandeiras dos PCs.**

"(...) Sobressaía do colorido da festa apenas o roxo de um caixão com o nome do ministro Delfim Netto (...)"

Os discursos que se seguiam tiveram resposta imediata da população, que gritava entusiasmada as palavras de ordem de Fernanda Montenegro, do presidente da UNE e dos outros que subiam no palanque. Mas o clima de festa se espalhava por toda a praça (VER COMO AQUI A FESTA SE CONTRAPÕE AOS ATOS POLÍTICOS, QUE SÃO RELACIONADOS A PALAVRAS COMO LUTAR, BATALHAR POR IDEAIS, ETC- É NESSE SENTIDO QUE SE DÁ A CONTRAPOSIÇÃO POLÍTICA/FESTA) onde vários grupos musicais davam um espetáculo à parte, destacando-se

a Banda do Pirandello, que trazia a faixa "Não rias de mim, Argentina". Outro grupo muito aplaudido foi o "Conjunto da Liberdade", trio de bandolim saxofone e flauta que despertou a atenção por sua forma original de puxar a música: um dos integrantes gritava o nome de um político e tinha como resposta uma canção (...)

**Quarta-feira de Cinzas** (aparece na matéria como um intertítulo)- Por volta de 20 horas, tudo o que restava do clima festivo era uma massa de papel sendo carregada pela chuva forte (...) Ficou, porém, uma lembrança emocionante para Eleanor Maria Fernades, 58 anos, funcionária pública em Mogi das Cruzes: foi o primeiro comício de que participou na vida(...)" (IMPORTANTE NESSA MATÉRIA É A COMPARAÇÃO COM CARNAVAL E 1º COMÍCIO)

**Montoro, o mais vaiado no comício.**

"(...) e curiosos que somente queriam `ver a festa de perto' (...)"

**(O Estado de São Paulo, 26 de janeiro de 1984, pag. 4)**

**Festa e confusão. Pela Direta Já.**

(...) muita gente foi em blocos,  
"(...) em compensação, havia  
alegria(...) fantasiada(...)"

(O Estado de São Paulo, s/d.)

***Festa e batucada. E a cidade pára.***

"(...) o comício pelas diretas já foi, na verdade, uma grande festa cívica no melhor estilo carioca, onde a irreverência e a alegria se confundiam com o clamor sincero de um ato político. Havia desde palhaços, malabaristas, sambistas, até tipos populares avulsos com fantasias alusivas ao comício. Um grupo de estudantes da Escola Martins Penna deu um colorido especial à manifestação. À palavra de ordem 'desnutrição', o grupo, fantasiado, desfalecia no asfalto, para recobrar a vitalidade quando alguém gritava ' Democracia, eleições diretas' (...)

A partir da 11 horas, milhares de pessoas começaram a chegar ao local da concentração, num clima de grande euforia, trazendo faixas, cartazes e bandeiras, e gritando palavras de ordem relativas à eleições diretas (...)

(...) o barulho das buzinas, somado à exibição de grande quantidades de faixas, cartazes e bandeiras deu à cidade um clima semelhante aos dias de jogos da seleção brasileira de futebol, ou de carnaval (...) nesses locais, havia baterias de escolas de samba (...)

(...) em vários pontos da cidade, grupo de pessoas fantasiadas gritavam e cantavam com

animação, defendendo a volta das diretas já ou fazendo críticas ao governo e a autoridade. Bandeiras amarelas, o símbolo das diretas, se misturavam às bandeiras do Brasil e de times de futebol (...)

**(O Estado de São Paulo, 11 de abril de 1984- pag.7)**

***Figueiredo, Montoro, Maluf. Vaias.***

"(...) Houve de tudo nas passeatas pelas eleições diretas ontem em São Paulo: festa, show, bom humor e muita confusão(...)

(...) Houve poucas detenções e obrou bom humor. Havia gente fantasiada e até um imenso boneco, lembrando o ex- senador Teotônio Vilela (...)"

***Passeata vira alegre confusão.***

"(...) Foram momentos de muita emoção, em que a espontaneidade superou a falta de organização e o desespero de Mauro Montoryn, coordenador de segurança da passeata, que já havia perdido o controle da manifestação antes mesmo de ela sair da Praça da Sé. Aos gritos de 'um, dois, três, quatro, cinco, mil, queremos eleger o presidente do Brasil', milhares de pessoas saiam de todos os lados, com faixas e cartazes, usando os refrões

característicos para superar a falta de som oficial e dar ritmo à passeata (...)

(...) os manifestantes que procuraram chegar ao Vale pela Av. São João encontraram um enorme dragão de pano carregado por um grupo (...)

(...) foi uma festa colorida, em que a criatividade para reivindicar eleições para presidente também foi utilizada para as tradicionais críticas do governo federal (...)"

***Festa, papel picado e bom humor.***

"(...) a massa estava animada(...)

(...) um grupo bastante animado convocava para a 'noite do barulho' (...)

**(O Estado de São Paulo, 17 de abril de 1984, pag. 8)**

***O grito da Candelária.***

"(...) 'É um espetáculo espantoso, impressionante', entusiasmava-se Sobral Pinto no palanque (...)

Das 4h10 da tarde, quando falou o primeiro orador, até às 10 horas da noite, quando as estrelas do ato, de mãos dadas erguidas para o alto e acompanhadas pela multidão, cantavam o Hino Nacional no encerramento do comício, o palanque refletiu o clima de euforia registrado na avenida.(...)

(...) 'esse movimento não tem face', disse o ministro Mário Andreazza. Proferida em tom acusatório, a frase nada mais é do que a constatação. O movimento pelas diretas de fato não tem um rosto, precisamente porque defende uma idéia. Na terça-feira, de novo, ficou evidente que os manifestantes não estavam interessados em ver artistas, nem mesmo em ouvir políticos. Alheios ao som dos alto-falantes, muitos deles distraíam-se junto a barraquinhas de sanduíches e refrigerantes que deram ao ato uma certa aparência de quermesse do interior. Ou então, passeavam pelas ruas do centro do Rio de Janeiro, esvaziadas de automóveis desde o começo da tarde. Ainda, divertiam-se com as cenas de bom humor que co(...)am e suavizaram o grito impressionante lançado pela multidão na Candelária (...)

(...) Em diferentes graus de agressividade, o bom humor carioca produziu numerosos concorrentes para o 'dragão das diretas' (...)

(...) Vestidos como presidiários (...) explicavam que apenas haviam aproveitado as fantasias do carnaval. 'Assim como o carnaval, o samba e a cachaça', comparavam em coro, 'as diretas são uma instituição não só para o carioca mas para todo o povo brasileiro'. E explicavam que o que estava preso era seu direito de eleger o presidente (...)

(...)grupo de estudantes (...) organizou uma peça teatral (...)

(...) encenações desse gênero ajudaram a platéia da Candelária a atravessar um comício em que 51 oradores virtualmente repetiram as mesmas palavras de ordem, com ligeiras pausas para aparições dos artistas. E contribuíram para sugerir aos noviços que a militância política não é necessariamente aborrecida.

'Eu agora gosto de comício', dizia na Presidente Vargas Rita de Cássia Silva, 24 anos, empregada doméstica há oito, que estreou em campanhas políticas com o movimento pelas diretas (...)

(...) Já por volta de meio dia, enquanto grupos filiados a partidos políticos clandestinos ou legais disputavam o espaço imediatamente fronteiriço ao palanque, blocos de manifestantes convergiam para a Candelária (...) (grifos meus)

(...) os jovens alunos do São Vicente juntavam-se a outros manifestantes que, com mais idade, só agora acordaram para a política(...)

(...) Encerrada a celebração na Candelária, a festa continuou nos bares (...) e com algo do clima carnavalesco que marcou sua preparação (...)"

**(Veja, 18 de abril de 1984)**

### **O Carnaval da Política.**

"(...) Depois de 20 anos de separação, o Carnaval e a sátira política foram novamente vistos de mãos dadas nos salões e avenidas do Brasil- e, como nos velhos tempos, ficou provado que os dois nasceram um para o outro (...)

(...) Na quarta- feira de cinzas, estava evidente que milhões de brasileiros haviam decidido que, com o carnaval de 1984, chegara a hora de, sempre com bom humor, voltar a falar de política e, eventualmente, fazer reivindicações nos quatro dias de festa (...)

(...) se constatou que a melhor maneira de arrancar risos e aplausos da multidão era pedir eleição e brincar com temas políticos. Foi o que fizeram, em blocos ou desgarrados, milhares de foliões (...)"

**(Veja, 14 de março de 1984)**

## **TRECHOS DE MATÉRIAS IMPRESSAS ALEGRIA E LUTA/BATALHA- 1992**

***Só não pinta quem é cara pálida.***

"(...) lembrar que os anos continuam rebeldes (...)

(...) marcar o rosto em sinal de guerra (...)

(...) para protestar tem que pintar (...)"

***Dia de protesto veste São Paulo de preto.***

"(...) só uma das tropas saiu às ruas para a 'batalha das cores'. (...)

(...) lembraram o clima da campanha pelas eleições diretas em 1984 (...)

(...) a passeata seguiu em ritmo de festa (...)

(...) a festa parou o trânsito (...)"

***Fantasia, alegria, alegria: os teens encheram as ruas com a passeata mais alegre da cidade .***

***Guerra dos Meninos.***

**Filhos arrastam mães e memórias para as ruas.**

"(...) 'minha filha luta porque sabe que é possível mudar as coisas (...)"

**Benito e Daniela trocam telefones.**

"(...) 'se for para ir à luta armada, peço duas armas: uma para mim, outra para ela (...)"

**Alegria foi a prova dos nove na passeata.**

"(...) o protesto dos descontentes com o Brasil virou uma guerra alegre (...)"

**(FURACÃO TEEN- CADERNO ESPECIAL, Folha de São )**

**Os rebeldes com causa estão nas ruas.**

"(...) gritos de guerra contra a corrupção e a favor da saída de Collor (...) política não precisa ser uma coisa chata (...)

(...) tomaram a cidade (...)

(...) na próxima luta (...)

(...) uma diferença marcante entre os que estão indo às ruas hoje e os que ocuparam o mesmo espaço no passado (...)

(...) organizar o movimento estudantil (...)"

**(Isto É)**

***Programa legal.***

"(...) novo programa, mistura de movimento político e diversão (...)

(...) 'É melhor a gente se unir e batalhar junto por uma causa do que fazer isso sozinho' (...)"

***Fantasia foram destaque no vale.***

"(...) algumas pessoas passaram muito tempo se preparando para a manifestação (...)

(...) vestidos com túnicas negras (...)

(...) o pedreiro desempregado (...) foi à manifestação vestindo apenas um shorts e coberto por uma imitação de barril (...)"

***Jovens pintam o rosto para protestar contra o governo Collor, resgatando em passeatas a favor do impeachment do presidente uma prática antiga.***

"(...) 'Fora Collor' foi o nome do enredo e também da maquiagem (...)

(...) um ritual de guerra? (...)

(...) para chamar a atenção durante a passeata, os militantes abusaram da vocação carnavalesca do brasileiro: tinha ala de fantasmas, de metralhas, ala das ratazanas (...)"

***Domingo foi dia de preto.***

"(...) muita gente se produziu para sair de casa, escolhendo a dedo a roupa preta para usar ou confeccionando bandeiras (...)"

### ***São Paulo vive 12 horas de manifestações.***

"(...) foi uma manifestação multicolorida (...)

(...) ensaiando palavras de ordem e gritos de guerra(...) (...) .'festa da dignidade' (...)

(...) 'estamos fazendo a 2 versão dos Anos Rebeldes'

(...) o Anhangabaú virou uma discoteca ao ar livre (...)

(...) a 'festa da dignidade' mudou o ritmo da cidade e a alegria lembrava os dias de show (...)"

### ***Democracia das cores marca desfile.***

#### ***Alegria, alegria.***

"(...) rebeldia adolescente toma as ruas (...)

(...) rebeldia juvenil está de volta (...)

(...) palavras duras, tem seriedade radical, mas as passeatas foram mais festas gigantescas que desfiles de sisudez marcial (...)

(...) humor típico das gerações novos rebeldes (...)

(...) em dias de tumulto, a opinião pública se manifesta de todas as maneiras: nas camisetas, nas vitrines, na praia, nos outdoors, nos broches, nos monumentos públicos e até nas cores (...)

(...)ao vivo e em cores (...)"

***Jovens pregam o fim do individualismo.***

"(...) nova geração de rebeldes (...)

(...) os novos rebeldes não hesitariam em seguir o exemplo dos heróis da série *Anos Rebeldes*, da Rede Globo (...)"

***É possível mudar.***

"(...) gente jovem com convicções e vontade de mudar o país (...)

(...) eu prezo muito minha liberdade de falar, gritar, reivindicar (...)

(...) é só a gente querer, lutar para fazer o que gosta e fazer bem (...)

(...) eu confio nessa nossa capacidade para modificar esse estado de coisas

(...) temos de fazer a nossa parte, lutar pelo que queremos (...)

(...) da mesma maneira, temos que lutar para melhorar o país (...)"

### **A voz das ruas.**

"(...) nunca as ruas foram tomadas com tanta naturalidade por uma multidão de cidadãos indignados com as mazelas do governo, mas capazes de batalhar por seus direitos com excelente estado de humor (...)

(...) nas manifestações seguintes, as cores da bandeira reapareceram com mais vigor, numa prova de que, quando se torna necessário, as ruas se encarregam de resgatar o orgulho e o símbolo da nação (...)

(...) num comportamento que o jargão dos povólogos classifica como mobilização espontânea, o povo assumiu todos os riscos e foi às ruas por vontade própria (...)

**Protesto e carnaval- intertítulo.(...)"**

### **A força da galera.**

"A geração coca-cola deixa os shoppings, vai às ruas e lidera *com bom humor* o movimento a favor do impeachment de Collor (...)

(...) por trás das caras pintadas dos jovens que tomaram avenidas e praças contra Collor na semana passada, há, no entanto, pouca semelhança com os sisudos líderes que lutaram contra a ditadura, nas ruas ou na clandestinidade. Os militantes de hoje preferem ser chamados de galera,

recusam-se a empunhar bandeiras de partidos políticos e fazem questão de misturar sua indignação a uma surpreendente capacidade de estar alegre (...)

(...) o que se viu nas dezenas de passeatas realizadas nos últimos dias em todo país poderia ser confundido com uma imensa festa ao ar livre (...)

(...) a festa pró- *impeachment* reuniu uma perfeita amostra da juventude brasileira (...)

(...) a maioria dos estudantes que pela primeira vez foram a uma passeata mas já admitem que chegou a hora de pensar politicamente (...)

(...) 'hoje descobri que, sem mudar muito, também posso participar da política' (...)"

#### ***Abismo separa 68 do carapintada de 92.***

"(...) a mudança mais visível está no ritual, na liturgia das manifestações (...)"

#### ***Estudantes voltam às ruas com novas idéias.***

"(...) acha que a juventude de hoje é mais livre, mais feliz e menos reprimida (...)

(...) vão transformar o Brasil com muito mais alegria (...)"

#### ***Herança da ditadura leva jovens de volta às ruas.***

"(...) hoje, eles lutam por mensalidades mais dignas em seus colégios e até por uma moralização do país (...)"

**CAPÍTULO 5**  
***NA POLÍTICA***

## I.

Uma maneira de estabelecer diferenças entre os atos de 1992 a favor do *impeachment* de Fernando Collor e qualquer outra manifestação popular é definir aqueles *como retomada das lutas políticas* de uma parcela específica da população: os estudantes.

Ainda que fora do âmbito da produção propriamente dita, o estudante é a perspectiva da produção futura, legitimada por requisitos educacionais- é o futuro produtor cuja ascensão é garantida pelo sistema educacional<sup>1</sup>.

E é principalmente (mas não exclusivamente) como estudante que se dá a participação política do jovem, mesmo que existam uma série de outras organizações juvenis, que não o Movimento Estudantil<sup>2</sup>.

Mas afirmar que as manifestações dos *carapintadas* desembocaram na re- construção do Movimento Estudantil é, no mínimo, discutível. MARTINS FILHO(1987), ao demonstrar que a radicalidade, característica dos jovens, não seria algo espontâneo, mas estaria de acordo com projetos de construção de consciência de classe, propõe um modelo de ação política estudantil onde não há espaço para a espontaneidade no agir. Então, como definir as manifestações dos *carapintadas* como Movimento Estudantil e, ainda assim, introduzir a alegria e o deboche, que foram fundamentais para

---

<sup>1</sup> Ver FORACHI, Marialice- A Participação dos Excluídos

<sup>2</sup> Ver EINSEINSTAD, S.N.- De Geração a Geração-- pag. 144 e ss.

determinar uma distinção entre as experiências dos jovens em 1992  
daqueles de 1968?

## II.

Diferente do movimento *Diretas- Já*, de 1984, quando a cobertura jornalística (impressa ou televisiva) se pautou por: ou apontar a importância de partidos políticos e de seus líderes nas realizações dos eventos, ou não especificar “categorias” de participantes (falou-se no “povo”, na participação popular no geral); as reivindicações pelo impeachment de Collor se caracterizaram por ter seus protagonistas facilmente determinados e por estarem desvinculadas das questões partidárias. Os estudantes de 92, se por um lado incluíam desde “simpatizantes e atuantes do PCdoB, até eleitores de Maluf”, por outro suas falas -aquelas reproduzidas na mídia- indicavam um afastamento dos discursos dos partidos.

“(...) Por trás das caras pintadas dos jovens que tomaram avenidas e praças contra Collor na semana passada há no entanto pouca semelhança com os sisudos líderes que lutaram contra a ditadura, nas ruas e na clandestinidade. Os militantes de hoje preferem ser chamados de galera, recusam-se a empenhar bandeiras de partidos políticos (...)” (grifo meu)

Isto É, 26/08/92.

"(...) Aos jovens de hoje a UNE prefere não falar em socialismo, como fazia em 1968 (...)"

("Estudantes voltam às ruas com novas idéias")

"(...) 'Quem foi gostou', diz presidente de Grêmio; movimento estudantil ressurgiu sem as bandeiras partidárias(...)"

("Estudantes prometem mais gente nas ruas")

Mas, apesar das manifestações estudantis pró-impeachment terem sido definidas em uma contraposição com as manifestações de 68 (diferente dos movimentos contra a ditadura, as reivindicações de 92 se caracterizaram pela alegria, pelo bom humor e pelo deboche), foi como uma retomada do Movimento Estudantil que elas foram descritas.

"(...) os estudantes parecem respirar novo ar. Acreditam poder reerguer das cinzas um movimento que, na última década, foi inexpressivo em termos nacionais (...)"

(Folha de São Paulo, 16 de agosto de 1992)

"(...)As entidades estudantis tentam mudar seus discursos para falar a nova linguagem das ruas (...)"

(O Estado de São Paulo, Cola, pág.5, 30 de setembro de 1992)

"(...)Lindbergh Farias preside a UNE e comanda a nova legião de estudantes que, como a mineira Marlete, debutou em passeatas a semana passada: 'Sá sairemos das praças quando Collor sair do governo' (...)"

(Isto É, pag.32, 2 de setembro de 1992)

"(...) 'Voltamos para ficar': é o que garante Lindbergh Farias, presidente da UNE (...)"

(Isto É, pag.47, 2 de setembro de 1992)

**1968 foi, então, o modelo. Mas quem eram, como foram descritos os estudantes cujas ações os *carapintadas*, em certa medida, recuperaram?**

"Conjugando a revolução cultural de proporções mundiais ao combate político à ditadura brasileira, nos anos 60 e 70, (os estudantes) tornaram-se personagens quase míticos"<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> RODRIGUES, Alberto Tosi- Estudantes na Política, em tempos de Mobilização e Crise.

A primeira passeata estudantil, do dia 11 de agosto, coincidiu com o capítulo final da minissérie *Anos Rebeldes*, uma narração<sup>4</sup>romanceada da vida juvenil da década de 60, que tinha como pano de fundo a luta estudantil contra a ditadura militar. O namoro da garota “individualista” (que sonha com um quarto só para si) com o militante do movimento estudantil; a estória da menina de “classe alta” que vai participar da guerrilha; romances entre jovens guerrilheiros, foram alguns dos focos da narração na minissérie. As trajetórias desenvolvidas pelos personagens colocavam para um debate com o telespectador questões que, de acordo com o texto da TV, foram cruciais na época<sup>5</sup>. Como conjugar a luta por uma sociedade mais igualitária com necessidades individuais, às vezes de consumo? Por que uma música deve ganhar o festival: por sua poesia ou por ser um chamado à consciência das desigualdades sociais? É possível satisfazer desejos pessoais “sem tirar espaço” do idealismo?

Esses dilemas vividos por personagens dos *Anos Rebeldes* foram (alguns dos) traços que permitiram a elaboração do modelo 68.

Justifico aqui o uso do termo modelo. A imagem de 68, construída em grande medida pela minissérie<sup>6</sup>, se tornou molde, parâmetro, tipo exemplar das atitudes definidas como características do militante estudantil da década<sup>7</sup>.

---

<sup>4</sup> Estilizada, claro, como qualquer minissérie- caricaturada.

<sup>5</sup> E uma das críticas favoráveis à minissérie foi exatamente a recuperação dessas questões.

<sup>6</sup> Mas que de certa forma já fazia parte da idéia que se tinha de 68.

<sup>7</sup> Modelo: 1. Imagem que se quer reproduzir. 2. Tipo; exemplar. 3. Molde. 4. O que serve de exemplo ou norma. 5. Indivíduo exemplar. 6. Indivíduo que posa para estudo prático de pintores ou escultores. 7. Manequim (de moda).

Essa idéia de que a partir da veiculação de *Anos Rebeldes* se construiu um modelo de militante estudantil, que serviu não apenas para definir o movimento estudantil da década de 90, mas também para os próprios estudantes de 68 se repensarem enquanto agentes, aflora nitidamente em matéria apresentada em jornal.

"(...)Os últimos capítulos da minissérie *Anos Rebeldes*, da *TV Globo*, foram marcados por manifestações em São Paulo e no Rio de Janeiro que colocaram o País na máquina do tempo: 1992 OU 1968? Nas ruas de São Paulo milhares de estudantes cantaram *Alegria, Alegria*, música de Caetano Veloso, tema da série<sup>8</sup>. No rio, os jovens saíram em passeata, pedindo o fim do governo Collor, repetindo o ideal de seus pais em 1968 pelo fim da ditadura militar (...)

(...)Para discutir *Anos Rebeldes* e sua ressonância no momento atual do Brasil, a *Agência Estado* reuniu Sirkis, que aparece como um dos inspiradores do personagem João Alfredo, interpretado pelo ator Cássio Gabus Mendes; Sérgio Marques, co-autor da minissérie e ex-militante estudantil; Álvaro Caldas, ex-militante do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário e ex- preso político (...); Jorge Eduardo Saavedra Durão, ex-presno político e ex-dirigente da Var-Palmares (...); Flora Abreu, que atou na Ação Popular (...), e Lúcia Murat, ex- militante de uma das dissidências do PCB (...)"

(O Estado de São Paulo, 16 de agosto de 1992)

<sup>8</sup> A música *Alegria, Alegria* teve um destino interessante. Pr ser exatamente a canção-tema da série, ela foi deslocada de seu contexto- perdeu o caráter de "alienada", que tinha na época, para se tornar o hino das manifestações estudantis- significando, neste caso, o oposto: a luta.

Destaco abaixo alguns trechos dos depoimentos dos participantes do debate, onde o re-pensar de suas ações e de seu tempo e o contraste com o "tempo atual", foram destaque:

"(...) O tom da gente nunca foi tão exaltado, dramático e patético como o dos personagens. Pelo contrário, uma das virtudes que mais se cultivava na época era a frieza (...)"

"(...) Nós fomos das últimas gerações que tiveram utopia. A geração de hoje está preocupada com emprego; lhes falta a oportunidade de embarcar numa idéia coletiva, generosa (...)"

"(...) Nossa geração tinha uma generosidade e uma proposta bem autoritária de um modelo. A geração de hoje não tem nenhum sonho, nem perspectiva profissional. Importante é saber que por meio da política pode-se abrir perspectivas de aglutinação de pessoas, de solidariedade (...)"

"(...) Acho importante a minissérie transmitir à população a idéia de que havia a crença de que a política poderia ter como parâmetro a ética (...)"

Vale ver, na construção do modelo 68, como a minissérie foi o tema de diversas reportagens, e como essas reportagens se “alteraram” na medida em que o texto televisivo transcorria.

“(...) ‘Anos Rebeldes’ leva dramas da ditadura à TV (...) A minissérie Anos Rebeldes, que estréia hoje às 22h30 na Globo, traz para a teledramaturgia alguns dos dramas mais marcantes da vida brasileira: aqueles provocados pela ditadura militar. (...) Histórias reais, como a morte do estudante Edson Luiz, também foram usadas, segundo Sérgio Marques, sem a pretensão de fazer jornalismo e sim uma história comovente. ‘Nossa intenção foi captar a essência dos conflitos com imparcialidade’, explica o escritor (...)”  
(O Estado de São Paulo)

“(...) Algo de novo vai marcar a história da televisão brasileira a partir desta terça-feira, quando estréia a minissérie *Anos Rebeldes*, de Gilberto Braga. Pela primeira vez a TV irá mostrar aos telespectadores o Brasil do regime militar de 1964 (...) Como em qualquer folhetim, os personagens são ricos e pobres, se apaixonam e se detestam, vivem momentos de humor e de tragédias e têm direito à clássica cota de amores impossíveis. A diferença é que, neste caso, o epicentro das tramas principais e paralelas são os acontecimentos políticos. Os personagens não se definem a partir de seu padrão de consumo, como os automóveis que dirigem ou as roupas que usam, mas pelas opiniões que possuem e pelas atitudes que assumem (...)”

### III.

A grande inspiração para os jovens saírem às ruas foi, então, os “anos rebeldes”. E João Alfredo e Heloísa, personagens do texto televisivo<sup>9</sup>, as principais referências- nas quais se reconheciam líderes da década de 60, como Vladimir Palmeira, José Dirceu ou José Serra.

“(...) A panfletagem eletrônica, patrocinada involuntariamente pela Rede Globo com a minissérie *Anos Rebeldes*, ajudou a engrossar as manifestações. A onda jovem que ganhou as ruas era em boa parte inspirada nas personagens João Alfredo, um militante que abdica da vida pessoal em favor da luta contra a ditadura, e Heloísa, uma adolescente de classe média alta que se transforma numa guerrilheira (...)”

(Isto É, 2 de setembro de 1992)

“(...) ‘Mas é inegável que *Anos Rebeldes* influenciou em parte ao mostrar a juventude dos anos 60 indo para as ruas para desafiar a ditadura militar. O jovem de hoje pensou: “Pô, e eu? O que vou fazer diante dessa crise toda?” Então a minissérie serviu para resgatar esse papel de agente histórico, de

---

<sup>9</sup> O militante estudantil e a jovem que vai para a guerrilha, respectivamente.

querer romper com esse individualismo e querer meter o dedo na ferida (...)

(reprodução da entrevista com Lindbergh Farias, Isto É, 2 de setembro de 1992)

"(...) tanto no Rio como em São Paulo as marchas da juventude refletiram os Anos *Rebeldes* (...)"

(Veja, 19 de agosto de 1992)

A retomada da minissérie (e com ela a retomada do movimento estudantil de 68) na narração das manifestações estudantis *pró-impeachment* permitiu a elaboração das descrições dos atores envolvidos tanto nos atos de 92 como naqueles contra a ditadura militar. Em outras palavras, a aparição do militante estudantil na tela da TV trouxe para a "cena pública" a preocupação em:

1. repensar o militante de 68. Nesse sentido, foram reproduzidas inúmeras falas dos próprios estudantes da década de 60 (e aqui destaque para Vladimir Palmeira, José Dirceu e Alfredo Sirkis) onde eles se colocavam frente ao modelo construído pela minissérie, se repensaram e se compararam aos jovens que participavam (em 92) das manifestações<sup>10</sup>.

2. definir as lideranças dos atos *pró-impeachment*. Aqueles que foram considerados líderes das manifestações eram já militantes do Movimento Estudantil: Lindbergh Farias, presidente da UNE; Antônio

---

<sup>10</sup> Ver matéria de O Estado de São Paulo mais acima.

Parente, coordenador da UBES; Mauro Panzerra, coordenador geral da UBES; e no Rio de Janeiro Ricardo Pereira, presidente da Associação Municipal dos Estudantes Secundaristas (AMES). Esses foram os estudantes identificados, na mídia, aos líderes estudantis da década de 60<sup>11</sup>. Quase o mesmo discurso<sup>12</sup>, quase os mesmos problemas<sup>13</sup>.

3. e, em contraposição, ou na comparação, ou ainda, na relação com as duas descrições citadas acima, definir o *carapintada*.

O *carapintada* não é o jovem militante da década de 60 nem o jovem líder estudantil- mas tenta se aproximar e se distanciar de ambos. Retoma como forma de luta a passeata e os “ideais de coletividade”, mas nega o discurso “ideológico- partidário”.

“(...) Com suas caras pintadas e debochados gritos de guerra contra a corrupção e favor da saída de Collor, a geração dos shoppings protesta na cidade, revela suas novas lideranças, organiza grêmios nas escolas, faz renascer a mobilização estudantil e descobre que política não precisa ser uma coisa chata”,

porque não necessariamente envolve mudanças de perspectivas, mas apenas mudanças de atitudes.

---

<sup>11</sup> com o modelo produzido, é claro.

<sup>12</sup> “O discurso dos integrantes dessas entidades- que renasceram na primeira passeata estudantil contra Collor no dia 11- mudou em relação aos 60 e 70. Mas não muito. Apesar de mais debochados, os líderes de hoje ainda tentam impor refrões do tipo: “Brasil, Cuba, um só coração”. Fracassaram ontem (...)”  
(Folha de São Paulo, 26 de agosto de 1992)

<sup>13</sup> Ver aqui, como já foi discutido, o “problema das namoradas”. Assim como os militantes da década de 60, os líderes de 92 também tinham dificuldade em estabelecer um equilíbrio entre o tempo “gasto” no Movimento Estudantil e as necessidades particulares. Mas ainda esses jovens se diferenciavam de seus antecessores exatamente por quererem ter garantidas essas necessidades.

## IV.

É possível pensar a alegria, a irreverência e o deboche, e também os rostos pintados e o luto, como elementos constitutivos de um *estilo*. Se entendido como em **CLARKE**<sup>14</sup> este seria a cristalização de sentidos (pré- existentes) em formas expressivas, através de um processo de *bricolage* como proposto por Lévi-Strauss, e se constituiria na marca distintiva da identidade do grupo. Já **EWEN**(1988) devolve ao sujeito (ou grupo) a possibilidade de *escolha* na criação de seu estilo. Segundo ele, as imagens apropriadas nessa criação são "sem fundamento", referências desenraizadas. Daí o estilo ser pensado enquanto *estratégia*: o sentido do "visual" é dado no seu uso.

Seria possível considerar os *carapintadas* como *grupo de estilo jovem* no sentido de **KEMP**(1993)- coletividades marcadamente juvenis que tomam como referência de pertencimento ao grupo um estilo? Acredito que sim, desde que a distinção entre estudantes e outros *grupos de estilo*, proposta pela autora, perca intensidade. Segundo ela, os estudantes se distinguiriam dos jovens de algum grupo de estilo por serem categoria especial, com direitos legitimados frente ao Estado e à população. Assim sendo, tratar os primeiros como marcados por "um estilo" poderia implicar (teoricamente) em deslegitimá-los. Não aconteceu isso no caso dos *carapintadas*:

---

<sup>14</sup>Clarke, J.- "Style" in Resistance Through Rituals

houve a construção ou talvez a exacerbação de um estilo de se mostrar em passeatas, o que não levou à perda do caráter político da ação<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> Claro está que a participação em um desses dois “grupos” não implica em negar, excluir a participação em outro. A questão é aqui teórica.

## V.

As reivindicações do *impeachment* do presidente Fernando Collor, em 1992, se caracterizaram, como vimos, por terem seus protagonistas facilmente determinados: os estudantes. Diferente do movimento *Diretas- Já*, de 1984, quando essa delimitação dos participantes não foi passível de ser realizada. Como característica em comum dos dois momentos da vida política brasileira podemos apontar, além da construção de toda uma estética de festa, um propalado pluri- partidarismo visível nas matérias jornalísticas impressas e televisionadas, coletadas durante os períodos<sup>16</sup>. No caso das manifestações dos estudantes de 1992, um suposto desligamento das questões partidárias<sup>17</sup> pode ser pensado como uma possível explicação para a participação massiva dos estudantes<sup>18</sup>.

As manifestações estudantis podem ser definidas como passeatas, ainda que seus pontos finais tenham sido comícios no Vale do Anhangabaú. Passeatas que foram organizadas, em um primeiro momento, pelas entidades UNE e UBES, e que contaram

---

<sup>16</sup> Ver o caso das bandeiras dos Partidos Comunistas, em 84, ao lado das bandeiras amarelas pelas Diretas.

<sup>17</sup> Pois como os jornais afirmavam e a fala de Parente, dirigente da UBES, pode servir como confirmação, estavam presentes desde simpatizantes e atuantes do PCdoB até eleitores do Maluf.

<sup>18</sup> Como disse Parente: a entidade conseguiu expressar esse sentimento de união, de unidade do povo, representado pela juventude.

Ainda segundo informações obtidas com membros das UNE e UCES (União Campineira dos Estudantes Secundaristas) a saída de Collor da presidência já vinha aparecendo nas pautas de reivindicações dessas entidades desde 1991, mesmo que de maneira “descompromissada”. O que vai ao encontro da afirmação de Willian, um dos diretores da UNE em 1992 e membro do DCE da Unicamp, de que a entidade foi a primeira a instituir o “Fora Collor”.

com um número bastante expressivo de participantes- fala- se em 500 mil estudantes nas ruas na maior delas, a do dia 25 de agosto.

A imensa participação estudantil no início das passeatas pró- *impeachment* parece não ter sido esperada. Ainda Parente: "E uma alegria no dia a manifestação teve mais de 20 mil. Teve um impacto muito grande. Teve um impacto que nem nós, para ser sincero, esperávamos (...)". Por isso, talvez aqui esteja uma primeira possibilidade de se definir as manifestações como espontâneas- no sentido de não esperadas.

Mas é exatamente contra essa idéia de espontaneidade, presente nas matérias divulgadas pela imprensa escrita, que dirigentes das entidades estudantis se posicionaram, descrevendo a forma como as passeatas foram organizadas.

"(...) Por mais que seja evidente a vontade de estudantes e não - estudantes de protestar contra a corrupção e pedir o impeachment de Collor, é certo que nenhuma passeata ou manifestação teria funcionado sem um grande esforço de organização. 'Tudo bem que a coisa parecia uma festa, mas até para uma festa é preciso distribuir convites e preparar distração para os convidados', afirma o mato-grossense Antônio Parente, 23 anos, também coordenador da UBES em São Paulo. 'Nós fomos de escola em escola, distribuimos panfletos, chamamos todo mundo', relata ele (...)" .  
(Isto É, 2 de setembro de 1992) <sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Aponto aqui trechos da fala de Parente, porém Claudionor, dirigente da UNE em 1992, também apresentou proposição no mesmo sentido.

"(...) A primeira daquela série que nós tivemos em agosto e setembro de 92 foi dia 11 de agosto e foi uma passeata que foi planejada com um prazo de quatro meses de antecedência. Nós montamos uma comissão da UBES, da UMES, da UNE (...) e começou cartazes, panfletos (...)"

Fica claro que, ao enfatizar a organização necessária à eclosão dos eventos, negando sua espontaneidade, Parente está tentando conferir às ações de 1992 uma certa "tradição"- a de *movimento estudantil* conscientemente organizado. Esse é o modelo desenvolvido por autores que trabalham com manifestações estudantis<sup>20</sup>. **MARTINS FILHO**(1987), por exemplo, critica autores que caracterizam a ação do jovem estudante como inerentemente radical. Ao contrário, a radicalidade estaria de acordo com projetos de construção de consciência de classe. No mesmo sentido, **ALBUQUERQUE**(1977) demonstra, em seu trabalho com estudantes estrangeiros na Bélgica, como o movimento estudantil é espaço para, a partir de um projeto pessoal, construir um projeto coletivo (em suas palavras, societal). É, portanto, a valorização de um modelo de manifestação estudantil, cuja base é o conceito de *organização*, que está nas entrelinhas das críticas dos dirigentes das entidades à cobertura jornalística realizada pelos meios de comunicação: estes *despolitizaram* os eventos, ao torná-los  *festa*. Posso ainda ir mais além ao afirmar a organização, neste caso, está na base da própria noção do que é o *político*.

A espontaneidade da ação aparece como problema teórico a ser resolvido nos estudos de saques e quebras- quebras. Eventos aparentemente espontâneos, que se manifestam por formas e canais inteiramente inesperados e que não seguem um padrão de

---

"(...)Nós tínhamos aprovado num congresso que se realizou nos dias 14, 15, 16 de novembro de 91, no congresso tínhamos aprovado *Fora Collor: Impeachment Nele Foi* o símbolo (?) da entidade; então desde novembro nós já estávamos trabalhando a questão do impeachment, com trabalhos nos grêmios, nas escolas e em agosto nós preparamos para o Dia do estudante uma grande mobilização.

comportamento político definido como explicitamente organizado<sup>21</sup>, nem assim podem ser excluídos daqueles eventos definidos como políticos, já que o interlocutor dos movimentos, reconhecido como responsável pela situação que desencadeia a ação é o Estado. Saques e quebras- quebras são formas da população, de baixa renda em geral, expressar suas necessidades- pois para ela são barradas outras formas de comunicação.

**MOISÉS(1982)** resolve o paradoxo apontado acima (apesar de espontâneos, saques e quebras- quebras são políticos) afirmando que tais eventos apontavam para a necessidade, que a própria população sentia, de sua própria organização e direção. Ao invés de negar formas organizadas de luta, a população reafirma, com atos "espontâneos", a necessidade de organizar suas demandas de sua própria maneira.

**MUNHOZ(1987)**, em seus estudos sobre os distúrbios ocorridos em 1983 na cidade de São Paulo, também tenta introduzir saques e quebras- quebras no modelo do político discutido acima, primeiro ao resgatar uma prévia organização dos atos, ainda que incipiente, e segundo, ao demonstrar que tais atos foram transgressões à norma, à ordem, mas cujo objetivo era tornar visível essa ordem<sup>22</sup>.

A discussão realizada acima traz um problema ao meu trabalho. Como definir as manifestações dos *carapintadas* como

---

<sup>20</sup>Os movimentos estudantis merecem aqui um estudo mais aprofundado. Mas a impressão que tenho é que o modelo ainda é válido.

<sup>21</sup>Definição de *espontâneo* encontrado em Moisés, J.A.-"protesto Urbano e Política: o Quebra-quebra de 1947" in Cidade, Povo e Poder

políticas se adotar o *espontâneo*, entendido na sua contraposição à organizado, para descrevê-las?

É o ponto crucial da crítica de **BAZARRA**<sup>23</sup> à definição tradicional do *político*. Segundo a autora, essa definição, compartilhada pela esquerda e pela direita, tem como base a oposição organizações/massa. As organizações seriam aquelas capazes de imputar conteúdos às massas inconscientes, estas tomadas ou como base de apoio (pela esquerda) ou como criação (pela direita)<sup>24</sup>. Portanto, seriam as organizações as portadoras de racionalidade política. É esse o modelo presente tanto na definição de movimento estudantil como nas de saques e quebras-quebras.

A saída, para a autora, é ampliar o conceito de *político*. ações de cunho subjetivo, espontâneas, que saíssem da racionalidade organizativa, também fariam parte da ação política. Por isso ela afirma: "A luta pela democracia nos nossos países é uma luta pela *subjetivação* da sociedade, que passa pela recuperação e ampliação dos espaços políticos". E não foram essas as ações dos *carapintadas*?

---

<sup>22</sup>As análises de saques e quebras-quebras propostas pelos autores citados não invalidam, como pode ser percebido, o modelo do *político como organizado*.

<sup>23</sup>Bazarrá, Ximena- "Por uma Subjetivação da Sociedade" in Alternativas Populares de Democracia: Brasil Anos 80

<sup>24</sup>É essa a idéia que está presente no Movimento Estudantil- a direção seria a vanguarda das ações de massa; por isso essas ações não podem ser tomadas como espontâneas: não seriam políticas.

## VI.

As manifestações juvenis pró- *impeachment* apareceram na imprensa como o *ressurgimento do movimento estudantil*. E, de fato, havia fortes indícios para tal identificação: (a) . a escola foi o local de partida para as manifestações; (b). depois de quase desaparecerem na década passada, UNE (União Nacional dos Estudantes) e UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas) reapareceram como as entidades aglutinadoras; (c). Lindberg Farias, presidente da UNE, se tornou porta- voz da massa de jovens. Além disso, as manifestações contra Collor serviram como estopim para uma série de lutas localizadas, principalmente contra aumentos abusivos em mensalidades escolares e para a tentativa de reconstrução das entidades estudantis ("Bolso ressuscita movimento estudantil" e "Estudantes prometem mais gente nas ruas"- Folha de São Paulo- 15 e 16 de agosto de 1992).

Mas essa identificação realizada pela imprensa entre as ações pró-*impeachment* e o ressurgimento do ME organizado recebeu críticas. Já em setembro, Edmundo Vieira analisou como positivo o engajamento dos estudantes brasileiros, mas colocou o seu temor de que o processo fosse apenas um "grande desafogo emocional" ("Sociólogo vê contradição no movimento"- Diário do Povo- 29 de setembro de 1992). Marcelo R. Paiva, escritor, foi enfático ao afirmar em entrevista que nos eventos não estava presente a representatividade da UNE. "Eu passei uma tarde na sede da UNE e

UBES e era um entre e sai muito grande de estudantes querendo se filiar. Antigamente era o contrário- os estudantes fizeram a UNE. Agora existia uma tal de UNE que os estudantes iam lá para se filiar". Os próprios dirigentes da entidade tinham dúvidas sobre a representatividade da UNE. Segundo Willian, um dos seus diretores, "qualquer organização que puxasse conseguiria a manifestação"; a UNE se tornou o porta- voz da juventude por ter sido a primeira entidade a apoiar o "Fora Collor". A ação dos jovens parece ter surgido de forma bastante espontânea- não é possível determinar com clareza quem, ou qual entidade, "chamou" a juventude para as primeiras manifestações- e foi definido (por Edmundo Vieira) como "cartase política" ou (por Marcelo Paiva) como "movimento emocional característico da juventude, pois esta se exprime pelo emocional".

Ainda, como coloca RODRIGUES:

"(...) O papel inegavelmente central que os estudantes ocuparam na campanha do "Fora Collor" deve ser, também, qualificado pelas facilidades em alocar recursos, materiais e simbólicos, que a presente conjuntura lhes proporcionou: imprensa livre a oferecer ampla cobertura; apoios importantes por parte de autoridades públicas ou entidades civis, etc. Não há dúvidas, portanto, de que o custo de participação para os estudantes de 1992 foi substancialmente menor do que nos anos 60 e 70, o que de resto, é claro, não minimiza sua importância intrínseca.

(...) Diante dessas constatações, fica patente que atribuir as mobilizações de agosto último a um "ressurgimento" do movimento estudantil não passaria de um erro grosseiro,

ao menos por duas razões: em primeiro lugar, porque o movimento estudantil, como o que ocupou a cena pública outrora, simplesmente não existe mais (o país no qual ele foi possível já é outro); e em segundo lugar porque essas mobilizações encontraram uma explicação sociologicamente consistente na dinâmica de conjuntura fluida então observada (...)"  
(Pag.144)

O fato das manifestações não poderem ser compreendidas como um ressurgimento do movimento estudantil, tal como aquele definido neste capítulo, não implica em qualquer diminuição na importância dos eventos dos *carapintadas*, como afirmou o autor. E mais, não implica em que percam sua importância enquanto eventos políticos. Com uma "estética de festa", sim, mas eminentemente políticos.

**CONCLUSÃO**

## I.

"Naquela quarta- feira, Vladimir foi dormir de madrugada e acordou pouco depois. Ele não suspeitava que dali a pouco iria officiar um dos três ou quatro espetáculos de rua mais impressionantes a que o Rio de Janeiro jamais assistiu. (...)

Duas horas antes, entretanto, nada fazia prever aquela enchente (...)

De cima- das escadarias da Assembléia Legislativa, da Biblioteca Nacional ou do Teatro Municipal- a visão era de um espetáculo inédito. As pessoas iam chegando como nos últimos tempos só chegavam ao Maracanã ou aos desfiles de escola de samba: em grupos alegres, aos poucos, carregando cartazes com palavras de ordem que identificavam os setores- professores, bancários, estudantes secundaristas e universitários, mães, garis, engenheiros, arquitetos, médicos, padres(...)

As colunas de estudantes desembocavam de todos os lados. Era uma alegria (...)"

(grifos meus)

Dessa maneira VENTURA(1988) descreve, não as manifestações estudantis de 92, mas a Passeata dos Cem Mil que, apesar de 20 anos depois parecer modesta, foi o "marco simbólico da força estudantil, dos seus sonhos e de suas limitações".

E esta poderia ser uma descrição das manifestações dos *carapintadas*! Pois...

... a Passeata, descrita como marco de 68 pelo autor, foi *pacífica, alegre* mesmo, ao contrário do que estou chamando como modelo para as manifestações “carapintadas” (as manifestações dos estudantes contra a ditadura). Nada da *guerra* contra os tanques, com a cavalaria e com as bombas de gás lacrimogêneo.

... foi um *espetáculo*. Um espetáculo no sentido que discuti logo atrás: foi um evento dotado de uma visibilidade própria, portanto de uma estética própria.

... a alegria foi utilizada para caracterizar a inexistência de repressão: a tônica das manifestações conjugava festa e alegria.

... a participação no evento foi espontânea, pois não foi esperada, apesar de toda a organização da passeata.

Mas não foi essa Passeata do Cem Mil, tal como lembrada e descrita por VENTURA, o evento recuperado enquanto (aquilo que chamei de) *modelo 68*<sup>1</sup>. Ao contrário, a imagem que foi construída pela mídia tinha ênfase na *luta*, na *batalha* dos

---

<sup>1</sup> Coloco aqui a descrição realizada por VENTURA para mostrar como é possível outras descrições que não a batalha. Porém, a alegria só se ajusta na Passeata dos Cem Mil.

estudantes contra o regime militar. E luta que tinha por objeto um Brasil livre- a derrubada da repressão- e por pressupostos generosidade e paixão por liberdade, igualdade e justiça.

Eram *heróis* os personagens de *Anos Rebeldes*. E heróis, aprendemos, foram os líderes estudantis que abdicaram de sua vida pessoal para partir para a guerrilha, que "foram para a clandestinidade" e que (alguns) retornaram quando a *anistia ampla, geral e irrestrita* finalmente se concretizou.

Essa maneira de "contar a história", exercida pela mídia, está muito próxima daquela estava sendo debatida- e criticada- já na mesa "Memória Social e Memória do Movimento Estudantil"<sup>2</sup>.

De acordo com aqueles debatedores, o resgate da história do Movimento Estudantil estaria sendo caracterizado por uma perda do sentido de continuidade histórica, e isso porque estariam sendo privilegiados, neste resgate, determinados momentos históricos, principalmente a década de 60.

Aqueles momentos estariam sendo tratados como tempos heróicos, como momentos ideais, e aqueles que deles participaram, como *heróis*, como *mitos*.

Dessa maneira, em 1992, a mídia recuperou a década de 60, principalmente 1968, como os *verdadeiros anos rebeldes*. Época sem liberdade; "anos de chumbo"; período de repressão policial; tempo do cuba libre, da bossa nova e da discussão entre "engajados" e "alienados". Eram os anos da luta estudantil, das

---

<sup>2</sup> Parte integrante do Seminário Nacional do Movimento Estudantil, promovido pelo Arquivo Edgard Leuenroth/UNICAMP em outubro de 1989.

batalhas nas ruas contra os tanques e as bombas de gás lacrimogêneo, mas também dos agitos na contracultura<sup>3</sup>.

Esse foi o modelo. Não distante, podemos afirmar, daquela imagem produzida pelas narrativas de jornais de 1968. A *batalha* é o elemento definidor dos textos, como é possível perceber em algumas matérias do O Estado de São Paulo<sup>4</sup>:

I Exército ocupa o Rio

(2 de abril de 1968, capa)

Um morto e vários feridos no Rio- “  
(...)Ocupação dos principais pontos da cidade, por forças do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, um escriturário da Costeira morto, 30 policiais feridos e um número ainda não calculado de estudantes e populares presos e feridos, foram o resultado das manifestações promovidas ontem pelos estudantes da Guanabara(...)”

(2 de abril de 1968, pag.14)

---

<sup>3</sup> Seguem algumas definições ou características que apareceram em jornais e revistas de 1992 dos *anos rebeldes* e dos *rebeldes*:

- lutavam contra o regime de repressão;
- lutavam por um Brasil livre;
- (na época)imperava o medo e a paranóia;
- namoro separado da militância;
- manifestações coordenadas pelos partidos de esquerda;
- valores diferenciados: generosidade, paixão, igualdade e justiça;
- indignação política e amor à luta- beleza de uma vida não só voltada para interesses pessoais;
- tragédia que não apareceu nos telejornais;
- período cultural e politicamente valioso- destrocamento do sonho revolucionário;
- luta estudantil;
- jovens agitavam na contracultura;
- grande imprensa comprometida com o regime;
- jovens tiveram disposição e iniciativa para mudar as coisas;
- os estudantes dos anos rebeldes se preocupavam em propor soluções para o país;
- juventude como vanguarda das lutas políticas.

<sup>4</sup> A enunciação completa das matérias produzidas sobre o Movimento Estudantil no ano de 1968 está em anexo.

Água dissolveu a passeata- "(...) Fortes jatos de água impediram ontem, no Rio, a manifestação estudantil programada para o pátio do Ministério da Educação (...)"

(11 de junho de 1968, pag.13)

Policiais e estudantes enfrentam-se no Rio

(20 de junho de 1968, pag.20)

Governo disposto a liquidar a agitação- "(...) enquanto círculos ligados à Presidência da República revelavam ontem que as agitações de rua poderão levar o governo a suspender o diálogo com os estudantes e que a palavra de ordem do presidente Costa e Silva é não permitir novas desordens no país (...)"

(20 de junho de 1968, pag.20)

Tumultos do Rio duram 9 horas- foto: As ruas do Rio foram transformadas em praça de guerra.

(22 de junho de 1968, contra-capas)

Exército aceita desafio- "(...) o comandante (do II Exército, Gen. Manoel Rodrigues de Carvalho Lisboa) advertiu aqueles que pretendem conturbar a ordem, afirmando que o desafio das vanguardas comunistas infiltradas nas massas estudantis, operárias e intelectuais já foi aceito pelo II Exército (...)"

(23 de junho de 1968, capa)

A cidade vive um dia de muito medo- "(...) a espera da passeata, no centro da cidade, transcorreu num dia de muita tensão e medo: os estudantes temendo uma possível repressão, e o povo temendo a própria passeata (...)"

(25 de junho de 1968, pag.16)

Estudantes prometem violência organizada- "(...) o novo tema das manifestações

estudantis agora é 'violência organizada', mesmo que não haja repressão (...)"

(26 de junho de 1968, pag.15)

Guanabara sob tensão- "(...)o Rio viverá hoje um de seus dias de maior tensão, com 30 mil policiais formando o mesmo esquema da última sexta-feira e com ordem de reprimir qualquer excesso dos estudantes- praticamente de todas as faculdades e de numerosas escolas secundaristas- que promoverão nova passeata na Candelária (...)" (26 de junho de 1968, pag.13)

Polícia reprime passeata no sul- foto: os líderes fazem discursos, de cima da cabine telefônica, na Praça Clóvis.

(29 de junho de 1968, pag.12)

E na Folha de São Paulo:

Estudante morto em choque no Rio

(Sexta-feira, 29 de março de 1968)

Polícia na Guanabara mata estudantes

(Sexta-feira, 29 de março de 1968)

Violento conflito entre polícia e estudantes em Brasília; Edson sepultado

(Sábado, 30 de março)

Centenas de presos depois dos conflitos em Brasília

(Domingo, 31 de março)

Alastra-se em São Paulo a insatisfação dos estudantes

(Terça-feira, 11 de abril)

Preso cúpula da ex-UNE

(Sexta-feira, 11 de outubro)

Libertação de 202 estudantes  
(Quarta-feira, 4 de dezembro)

Líderes estudantis que não foram soltos  
comparecem  
à inquirição  
(Quinta-feira, 12 de dezembro)

Líderes presos na reunião da UNE em Ibiúna  
obtem  
'habeas corpus' no STF  
(Sexta-feira, 13 de dezembro)

Governo baixa novo ato  
(Sábado, 14 de dezembro)

Exército exhibe o material que apreendeu na  
ocupação do CRUSP  
(Domingo, 22 de dezembro)

A "memória"- descrição, narração- de **VENTURA** recupera algo que não estava presente nas descrições dos eventos de 68<sup>5</sup> realizadas pelos dois jornais citados: a *alegria*.

Mesmo considerando que algumas manifestações estudantis em 68 foram pacíficas- e matérias de jornais recuperam essa característica<sup>6</sup>- a *alegria* não esteve presente. E outros textos sobre o período- como a minissérie, textos acadêmicos, etc- não a utilizavam.

Apesar da descrição de **VENTURA**, a *alegria* foi elemento para a definição de 92 (e antes, de 84), mas não para a de 68; e isso porque:

---

<sup>5</sup> Em especial, a Passeata dos Cem Mil.

<sup>6</sup> "Calma no país é total"- O Estado de São Paulo, 7 de abril de 1968

"Mil protestaram sem repressão"- O Estado de São Paulo, 24 de abril de 1968

"Passeata transcorre em ordem"- O Estado de São Paulo, 27 de junho de 1968

A. a inclusão de alegria para se pensar os movimentos populares é recente- ainda que o uso da estética perpassse todas as manifestações.

B. a noção de Movimento Estudantil (recuperada) é baseada na organização, e não na alegria.

## II.

*O Movimento Estudantil tem que ter por base uma "organização", uma liderança estruturada.*

Esse era o pressuposto das matérias- escritas e televisionadas- sobre as manifestações estudantis pró-*impeachment* do presidente Collor. Esta aí uma possível explicação para a necessidade, visível nos textos produzidos<sup>7</sup>, de justificar o *caráter festivo* das passeatas em 1992. Ficamos sabendo, assim, que as manifestações, "mesmo sendo festas tinham objetivos sérios" e ainda que, "mesmo sendo festas, foram organizadas". Uma fala de Parente, em Isto É do dia 2 de setembro de 1992, aponta para o fato de que esta também era a visão dos líderes do movimento.

"(...) Por mais que seja evidente a vontade de estudantes e não - estudantes de protestar contra a corrupção e pedir o impeachment de Collor, é certo que nenhuma passeata ou manifestação teria funcionado sem um grande esforço de organização. 'Tudo bem que a coisa parecia uma festa, mas até para uma festa é preciso distribuir convites e preparar distração para os convidados', afirma o mato-grossense Antônio Parente, 23 anos, também coordenador da UBES em São Paulo. 'Nós fomos de escola em escola,

---

<sup>7</sup> Aqui nestes textos se incluem as falas reproduzidas de líderes da década de 60 (ligados sempre à UNE), sobre eles mesmos e sobre as manifestações de 92.

distribuimos panfletos, chamamos todo mundo',  
relata ele(...)"

*Ser festa* não foi colocada nessas narrativas<sup>8</sup>, portanto, como característica "natural" do Movimento Estudantil (até aquela data, claro está).

*Ser festa* foi característica, isso sim, das manifestações dos *carapintadas*- mas não do *modelo 68*, construído pela mídia. Naquelas, a festa foi "natural". Como já tinha acontecido em 1984, com a campanha pelas Diretas- quando a "população" (o "anônimo") assumiu a brincadeira, o bom humor e a irreverência como parte do ato político de reivindicação. Em 1992, foi a vez dos *carapintadas* perceberem- como nos mostraram os textos já discutidos- que "a política não precisa ser uma coisa chata", e que "sem mudar muito, é possível participar também de manifestações".

E os líderes das manifestações estudantis em 1992 *não pintam o rosto*, pois não assumem a festa como constitutiva dos eventos políticos. Posso levantar a idéia de que eles mantêm, como definidoras do que é considerado Movimento Estudantil, as noções de organização e de liderança<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Da mídia e dos líderes.

<sup>9</sup> Quando falo em liderança, penso aqui na idéia dos líderes enquanto vanguarda do movimento; liderança pressupõe grupo instituído.

### III.

Os textos produzidos pela mídia tendem, em sua maior parte, a narrar o evento com o foco em *peessoas* determinadas. Mesmo nas descrições das passeatas e comícios pelas Diretas-Já- definidas como grandes festas, com chuvas constantes de papel picado e com o "povo" aparecendo, quem tinha voz eram as *personalidades* já públicas- principalmente os líderes do PMDB Ulysses Guimarães e Tancredo Neves, e artistas consagrados<sup>10</sup>, ainda que o "povo" fosse chamado a falar.

Com os eventos de 1992, as narrativas da mídia se modificaram. As falas dos líderes, das *personalidades*- Lindbergh Farias, Antônio Parente e de Vladimir Palmeira, José Dirceu e todos os outros já citados- foram fundamentais na constituição do modelo de ação política adotado pelos *carapintadas*- o *modelo 68*.

Mas as descrições realizadas sobre as manifestações transferiram o foco narrativo dos líderes- determinados- para o "anônimo". As descrições passam a ser realizadas do ponto de vista do *carapintada*.

*E o carapintada não é Lindbergh Farias, Antônio Parente ou qualquer outra pessoa determinada. Carapintada é o estudante (generalizado), o personagem criado pela mídia.*

---

<sup>10</sup> Ver as entrevistas, já colocadas neste texto, realizadas nas matérias televisivas.

*Carapintada é a máscara, também, no sentido proposto por Zaluar*<sup>11</sup>.

Mas o aponte, durante todo o meu texto, e gostaria de reforçar aqui, como conclusão proposta para debate, foi que a mídia, mais do que criar um personagem ou uma máscara (restritos portanto ao evento) ao narrar as manifestações dando voz ao "anônimo", produziu um conceito que teve a pretensão de definir não apenas um certo "agrupamento" de estudantes- aqueles que participaram das passetas- mas de definir toda uma geração- a *geração carapintada* se igualou à *geração anos 90*.

O "processo de criação" da categoria *carapintada* aconteceu na contraposição<sup>12</sup>- desenvolvida nas narrativas da mídia- das manifestações estudantis de 1992 ao modelo de Movimento Estudantil- que era o da década de 60.

Os movimentos políticos populares, desde pelo menos o das Diretas, já tinham a festa como parâmetro para serem descritos. O carnaval e toda uma estética, que incluía as cores e também- por que não?- as chuvas de papel picado<sup>13</sup> já determinavam a dimensão de *coletividade* do evento político<sup>14</sup>.

O Movimento Estudantil, comparado ao (ou tendo como parâmetro o) modelo da década de 60, não era pensado enquanto festa. A introdução de qualidades como festivo ou bem humorado nas descrições (realizadas pela mídia) aconteceu com as narrativas sobre 1992.

---

<sup>11</sup> Ver capítulo

<sup>12</sup> Estou pensando em contraposição tanto no afastamento como na aproximação do modelo.

<sup>13</sup> Nas matérias da TV sobre as Diretas fica claro como a chuva de papel picado fez parte da visibilidade do movimento.

<sup>14</sup> Ver a discussão realizada com o texto de DA MATTA.

A mídia recuperou o "anônimo" em dois processos:

1. Contrapondo<sup>15</sup> as manifestações dos *carapintadas* ao modelo de Movimento Estudantil da década de 60, que foi dado pela minissérie *Anos Rebeldes* .

O Movimento Estudantil definido como sério, que tinha a batalha e a qualidade de organizado como idéias para pensá-lo, e que pressupunha que seus participantes deviam "se dar ao coletivo" em detrimento do "pessoal", do "individual", foi retomado pela minissérie.

Os líderes da década de 60- "os filhos da ditadura"- se definiram, segundo o publicado na mídia, em uma efetiva aproximação com esse modelo proposto.

Os "filhos dos filhos da ditadura", aqueles que "arrastaram mães e memórias para a rua", se aproximaram do modelo quando, adotando Collor como "inimigo" (como a ditadura), assumiram certas idéias de coletividade, de possibilidade de mudança, e de "deixar de lado a apatia" como constitutivas das manifestações.

Por outro lado, os jovens *carapintadas* negam o *modelo 68* quando assumem a festa como parte integrante das manifestações políticas e "condenam" a sisudez dos militantes contra a ditadura<sup>16</sup>; quando não deixam de lado suas questões particulares, mesmo assumindo valores coletivos, e quando mantêm o consumo<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> Aproximando ou afastando.

<sup>16</sup> Estavam protestando de uma forma mais leve.

<sup>17</sup> Ver capítulo sobre a definição do *carapintada*.

Já os líderes das manifestações de 1992 se identificaram com o modelo. Novamente, a "questão das namoradas" ilustra: os *carapintadas* não tiveram problemas com o namoro que concorria com a militância.

2. Retomando uma marca estética- o *pintar o rosto*<sup>18</sup>- na criação de um personagem- o *carapintada* - para se referir àquele que participou do movimento. A exacerbação do visual foi um dado para a mídia narrar o evento.

É na recuperação do "anônimo"- o jovem manifestante de 92 se contrapondo ao *modelo 68* e definido por uma marca estética- que o *carapintada* se transforma em categoria, determinante em uma *identidade*. Não apenas entre aqueles que, efetivamente, participaram das manifestações, mas entre toda uma *geração*.

Essa é a noção de *carapintada* que vemos quando a apresentadora Hebe Camargo pinta seu rosto para protestar contra políticos em um de seus programas; no uso do jargão "*Sou estudante carapintada, a minha escola não vai ser sucateada*", ou ainda na Campanha da Fraternidade de 1996, que mostrou jovens de rostos pintados.

É quando é possível perguntar: *Você se sente carapintada?* e não mais: *Você foi à passeata?*, querendo dizer: *O que significa ser carapintada?*

O "ser" *carapintada* não está mais diretamente vinculado à participação efetiva no evento, mas sim a uma identificação com aquele *carapintada* construído.

---

<sup>18</sup> E também o uso do preto.

## IV.

O processo de construção do que estou chamando *categoria carapintada* foi objeto de estudo do presente texto. A partir das narrativas<sup>19</sup>, procurei demonstrar a forma como é recuperado o evento pela mídia. E como, no embricamento dos textos, incluindo o ue eu realizei, se deu a construção do que eu posso chamar de *identidade carapintada*.

Em passeatas realizadas por ocasião do Dia do Estudante- 11 de agosto- de 1993, a palavra de ordem mais ouvida foi: *Sou estudante carapintada, a minha escola não vai ser sucateada*. O que é, no meu entender, uma comprovação de como as manifestações pró- *impeachment* se tornaram marco para ao Movimento Estudantil.

Posso reivindicar a construção, pela mídia, de um *novo modelo* de Movimento Estudantil. Sua base foi, como vimos, o *modelo 68*, mas não se restringiu apenas a ele.

Por que o grande destaque dado ao Movimento Estudantil? Por que exacerbar o *carapintada*, se é discutível a eficácia de suas manifestações para a efetiva retirada de Collor do poder?<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> Ou da construção das narrativas.

<sup>20</sup> Mesmo que os líderes estudantis apontem para si mesmos e para seus liderados como decisivamente influentes na saída de Collor do Palácio do Planalto, essa influência direta dos estudantes é bastante discutível.

O diálogo produzido no embricamento das narrativas<sup>21</sup> foi estabelecido *entre mídia e seus consumidores*. Ao valorizar a *geração carapintada* que descreviam, as TVs, revistas e rádios, e os jornais, estavam “construindo” um *público*<sup>22</sup>- específico, porque uma parcela da população: os estudantes; geral, porque *ideal-homogêneo*, não definido (ou distinguido) por conceitos sociológicos.

E foi também um diálogo entre *gerações*<sup>23</sup>. *Carapintada* define não apenas a geração da década de 90. *Carapintada* permitiu que participantes da geração 68- os “pais”- se identificassem (ou não) com os “filhos” que se manifestavam, “interferissem” em suas ações, e se repensassem enquanto atores de um Movimento Estudantil passado<sup>24</sup>.

E no diálogo entre gerações os estudantes e as suas organizações se tornaram mais visíveis. Entidades como UNE e UBES se tornaram, nas manifestações, importantes interlocutores do governo e da sociedade civil<sup>25</sup>. Houve a legitimação dos discursos, atitudes e gostos- os *carapintadas* roubaram a cena.

A construção do *carapintada* permitiu que narrativas, que antes tratavam como esferas distintas o “mundo objetivo, histórico”, e o “mundo do lazer”, agora descrevessem os eventos exatamente na “junção” dessas duas noções. Pois o *carapintada*

---

<sup>21</sup> Narrativas construídas na recuperação de um modelo de ação política dado na minissérie, e na exacerbação do visual pela mídia.

<sup>22</sup> Um público que, ao mesmo tempo em que “consome” o que é produzido pela mídia, determina o que esta produz.

<sup>23</sup> Essa idéia está presente em todo o texto, em especial no Capítulo 2.

<sup>24</sup> Esse diálogo aparece em diversas matérias, que mostram a ida dos pais e professores às manifestações, acompanhando filhos e alunos (e sempre apontavam para a importância do momento histórico e para o fato de que foi o adolescente que resolveu participar).

<sup>25</sup> E os líderes estudantis de 92 souberam aproveitar o fato de estarem em evidência: participaram de programas (como do Xou da Xuxa), discussões e atos fora do âmbito estudantil. Lindbergh Farias foi, inclusive, eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro.

foi aquele que, efetivando uma ação política, pôde exercê-la em atitudes festivas.

E se a ligação ação política/festa já estava presente em narrativas, descrições e discursos sobre o movimento popular, ela estava ausente na descrição do Movimento Estudantil (exceção para a descrição de **VENTURA**, como vimos). O *carapintada* a efetivou.

## MATÉRIAS- 1968

### O ESTADO DE SÃO PAULO :

- 01/03/68- "Excedentes cobram pedágio pela cidade"  
14/03/68- "Ex- UNE consegue dirigir a passeata"  
22/03/68- "Alunos param reunião"  
24/03/68- "Decisão só quando estudantes saírem"  
26/03/68- "Bispos apoiam alunos"  
28/03/68- "Ainda sob suspeita os três estudantes"  
29/03/68- "Morreu um estudante em conflito com a PM de Guanabara"  
"Área federal condena a ação da repressão"  
30/03/68- "Persiste a tensão depois do enterro"  
"Conflitos repetem-se em Brasília"  
31/03/68- "Escolas gaúchas fecham de 1 a 6"  
"Negrão proíbe concentração"  
"Haverá passeata em São Paulo"  
02/04/68- "I Exército ocupa o Rio"  
"Permanece clima de tensão"  
"Ação policial evitou passeata no Distrito Federal"  
"A desistência alivia tensão"  
"A ordem era para agir com energia"  
"Polícia paulista mantém a ordem"  
"DOPS sabia de tudo"  
"Um morto e vários feridos no Rio"  
"Começa a luta campal"  
03/04/68- "O Exército controla Goiânia"  
04/04/68- passeatas  
USP/Mackenzie  
missa de 7º dia de Edson Luiz  
04/04/68- "Hoje vai ser o dia decisivo"  
"Exército alerta inimigos do Brasil"  
05/04/68- "Passeata radicaliza-se; novo ato hoje"  
06/04/68- "Estados voltam à normalidade"  
"Persiste a cisão estudantil"  
07/04/68- "Calma no país é total"  
"Pacífica a manifestação"  
16/04/68- "Os terroristas são três alunos"  
17/04/68- "Calabouço não mais será foco de agitação"  
24/04/68- "Mil protestaram sem repressões"  
01/06/68- "Sodré denuncia agitações"  
05/06/68- "Estudantes apontam duas causas para crise"  
07/06/68- crise na educação; portaria 31; manifestações  
08/06/68- "UnB apura incidentes"

09/06/68	"Estudante viveu semana agitada"
11/06/68-	"Passeata alerta polícia carioca"
12/06/68-	"Água dissolveu a passeata"
13/06/68-	"Todos têm culpa pelos incidentes" "Alunos invadem reitoria"
14/06/68-	"Há divisão estudantil"
19/06/68-	"Alunos protestam e ocupam escolas"
20/06/68-	"Universitários recuam ante a ofensiva policial, um vai ao solo"- legenda de foto "Estudantes cariocas lançam pedras contra os policiais"- legenda de foto "Polícia e estudantes enfrentam-se no Rio" "Calma era o prenúncio" "Governo disposto a liquidar a agitação"
21/06/68-	"6ª feira sangrenta"
22/06/68-	"Dois mortos no Rio, União promete rigor" "Tumultos no Rio duram nove horas" "Agitação perdura por toda a tarde" "Disparos ferem duas"
23/06/68-	"Exército aceita desafio" "Polícia procura líderes" "Contraditório o número de presos" "Estudantes acampam no congresso" "Barricada incomoda"
25/06/68-	"Tiros, pedras, e fogo contra o 'Estado'" "A passeata só destrói" "São quatro as faculdades ocupadas" "A cidade vive um dia de muito medo" "Esquema era total, mas não agiu" "Manifestações voltam ao Rio"
26/06/68-	"Estudantes prometem violência organizada"
27/06/68-	"O Rio sai em calma" "Passeata transcorre em ordem"
28/06/68-	"Passeatas não saem"
29/06/68-	"Movimento Estudantil começa a esvaziar-se (férias)" "A subversão vem de fora" "Polícia reprime passeata no sul" "Estudantes pretendem voltar às ruas"
30/06/68-	"Foi das mais violentas a ação desencadeada pela Brigada Gaúcha para reprimir as manifestações estudantis"- legenda de foto
11/10/68-	"Rosa evita choque policial - estudantil"
12/10/68-	congresso da ex-UNE em Ibiúna
13/10/68-	"Preso cúpula da ex- UNE"
05/12/68-	"Costa garante a ordem legal"

12/12/68- "Estudantes poderão ser soltos"  
 13/12/68- "Supremo nega 'habeas corpus' a quatro estudantes"  
 AI 5  
 14/12/68- "Alunos preocupam-se com a crise na UnB"  
 15/12/68- "Continuam as prisões"  
 "Gama: a situação é de calma no país"  
 "General prega a defesa da democracia"  
 17/12/68- "Encerrou-se o boicote na UnB"  
 19/12/68- "Costa faz dura advertência"

### FOLHA DE SÃO PAULO:

16/03/68- "Excedentes da Fac. de Filosofia esperam solução há um mês e sete dias"  
 "USP em 68 terá verbas maiores para não paralisar pesquisas"  
 18/03/68- "Excedentes da USP fazem reunião hoje"  
 19/03/68- "UnB será federalizada em junho"  
 "Excedentes da Universidade Católica assistem aula mesmo sem matrícula"  
 "Estudantes, jatos e "hippies" povoam o domingo cinzento"  
 20/03/68- "Alunos do Visconde de Itaúna poderão entrar em greve hoje"  
 21/03/68- "Bomba: pavio pode acusar estudantes"  
 "Laudo dirá se os três estudantes são autores do atentado ao consulado"  
 "Alunos da Filosofia entram em greve e aguardam a (resposta)da Congregação"  
 22/03/68- "Estudantes invadem a Congregação e provocam tumulto na Filosofia-USP"  
 24/03/68- "UnB faz passeata com crítica ao governo"  
 25/03/68- "Quatro problemas perturbam universitários"  
 26/03/68- "Universidade na Lei de Segurança"  
 27/03/68- "Filosofia da USP ainda está fechada; excedentes prosseguem seu movimento"  
 29/03/68- "Estudante morto em choque no Rio"  
 "Na Assembléia o corpo do estudante morto em choque com a polícia carioca"  
 "Polícia da Guanabara mata estudantes"  
 30/03/68- "Violento conflito entre polícia e estudantes em Brasília;

Edson sepultado"

31/03/68- "Brasília: soldado espancado estudante baleado"  
 "Há calma no país mas protestos prosseguem"  
 "Centenas de presos depois dos conflitos em Brasília"

01/04/68- "Estudantes planejam uma passeata amanhã"  
 "Exército vai manter ordem a todo custo"  
 "Em São Paulo, prosseguem os preparativos"  
 "Passeata sai às 18 horas; São Paulo em calma"

02/04/68- "Rio: tropas nas ruas"

03/04/68- "Passeata em São Paulo foi pacífica"  
 "São Paulo tranquilo; conflitos no Rio"

"Estudantes: polícia prepara plano para evitar manifestações"  
 "Estudantes acompanham enterro de operário"  
 "Montado novo esquema policial para evitar movimentos em São Paulo"

04/04/68- "Tudo agora depende das missas"

05/04/68- "Gama diz que ainda não é hora do sítio"  
 "São Paulo pode ter hoje concentração de estudantes, à tarde, na Praça da Sé"

"Rio vive momentos de tumulto"

06/04/68- "Passeata transcorreu calma em São Paulo"

07/04/68- "Os 7 dias que abalaram o Rio"

08/04/68- "Estudantes: manifestação hoje"

11/04/68- "Padre vai denunciar violência policial contra estudantes"

01/06/68- "Estudantes preocupam Sodré e Costa"

04/06/68- "Rio: greve geral dos estudantes"

09/06/68- "Novo protesto no Rio adiará volta às aulas"  
 "Novo protesto no Rio mobiliza os dispositivos da repressão"

11/06/68- "Crise estudantil começa a alastrar-se"

12/06/68- "Choque no Rio"  
 "Governo: dureza contra a agitação"

13/06/68- "Invadida a Reitoria da USP"

14/06/68- "Política estudantil do governo deverá endurecer"

20/06/68- choques no Rio

23/06/68- congresso/passeata

04/12/68- "Libertação de 202 estudantes"

05/12/68- "Rio: estudantes iniciam campanha pró- libertação dos colegas presos em São Paulo"

06/12/68- "Costa afirma que não há conflito com a juventude"

07/12/68- "Novo congresso dos estudantes até o dia 20"

09/12/68- "Dirceu ganha na segunda fase do congresso da UNE"

10/12/68- "Revolução na Universidade em 1969"

11/12/68- "STF manda soltar estudantes e vê hoje mais 36"

- 12/12/68- "STF concede "habeas corpus" para os estudantes presos na reunião da UNE"  
"STF concede mais 33 "habeas corpus" a estudantes, mas exclui os líderes"  
"Em São Paulo, segunda auditoria solta 29 estudantes presos em Ibiúna"  
"Líderes estudantis que não foram soltos comparecem à inquirição"
- 13/12/68- "STF concede "habeas corpus" aos quatro estudantes"  
"Líderes presos na reunião da UNE em Ibiúna obtém "habeas corpus" no STF"
- 14/12/68- "Governo baixa novo ato"  
20/12/68- "Ato nº 39 regula as cassações"  
22/12/68- "II Exército exhibe o material que apreendeu na ocupação do CRUSP"
- 28/12/68- "Costa: AI-5 foi uma resposta ao impatriotismo"

## MATÉRIAS DA TV- 1992

**11/08/92-** Dia nacional dos estudantes comemorado com uma grande passeata pelas ruas de São Paulo; concentração de estudantes no vão livre do MASP na Av. Paulista; estudantes gritando "*impeachment* de Collor"

**20/08/92-** O clima de mobilização a favor do *impeachment* do presidente Collor toma conta dos brasileiros; internas do Congresso cheio; reportagens nos jornais; manifestações de estudantes; artistas, passeatas, entrevistas.

**25/08/92-** Manifestação es populares pró-*impeachment* nas ruas do centro da capital paulista; manifestação de estudantes na Av. Paulista; vestidos de preto, verde e amarelo; pista da Av. Paulista interditada; cenas da Praça da Sé. Ato público no Vale do Anhangabaú, pela ética na política; jovens enrolados em bandeiras; caras pintadas de verde- amarelo; estudantes pintando o rosto; população falando sobre; estudante de bicicleta falando sobre.

**13/09/92-** Estudantes de São Paulo abriram as manifestações pelo *impeachment* de Collor. Mas muitos ainda preferem ficar longe das passeatas;

manifestação em frente ao MASP em 25/08/92;  
entrevistas com estudantes.

**18/09/92-** Concentração na Av. Paulista para  
passeata em direção ao Vale do Anhangabaú;  
manifestantes com bandeiras e faixas no vão livre  
do MASP; jovens com rostos  
pintados; jovens gritando; sócia do Collor  
discursando. Personagens da manifestação no Vale do  
Anhangabaú "os jovens cara-pintadas" rapaz pintando  
o rosto do amigo; jovens se pintando de verde-  
amarelo frente ao espelho, jovem colocando barba  
postiça.

**28/12/92-** Uma pesquisa da Secretaria de Educação  
do Estado de São Paulo revela que a geração "cara-  
pintada" ainda acredita no presidencialismo;  
estudantes em Praça da Sé.

## **MATÉRIAS DA TV- 1968 (sem datas)**

- Movimento Estudantil de 1968- José Dirceu, Eugênio Paqueli,
- estudantes no prédio da Filosofia; velório do Edson Luiz; Filosofia x Mackenzie.
- Movimento Estudantil de 68- fotos sobre a Maria Antônia.

## **BIBLIOGRAFIA**

\*ADORNO, T e Outros- **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

\*ALBUQUERQUE, Afonso de- O Espetáculo da Crise: os Media e o Processo de *Impeachment* contra Collor. IN **Comunicação e Cultura Contemporâneas**. Rio de Janeiro: Compós/ Notrya, 1993.

\_\_\_\_\_ **Querem Roubar as Cores da Bandeira do Brasil: Collor e o Uso Político dos Símbolos Nacionais**. Texto apresentado no XVII Encontro Anual da ANPOCS, 1993.

\*ALBUQUERQUE, José Guilhaon- **Movimento Estudantil e Consciência Social na América Latina: Teoria e Método Sociológico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

\*BAKTIN, Mikhail- **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: Hucitec, 1987.

\*BAUDRILLARD, Jean- **Critica de la Economia del Signo**. Mexico: Siglo Veintiuno, 1977.

\_\_\_\_\_ **El Espejo de la Produccion, o la Ilusion Critica de Materialismo Historico**. Barcelona: Gedisa, 1983.

\_\_\_\_\_ **O Sistema dos Objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

\*BRANDÃO, Carlos Rodrigues- **Cavalcadas de Pirenópolis: um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás**. Goiânia: Oriente, 1974.

\*BUCCI, Eugênio- **O Peixe Morre pela Boca: Oito Artigos sobre Cultura e Poder**. São Paulo: Scritta Editorial, 1993.

\*CANEVACCI, Massimo- **Antropologia da Comunicação Visual**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

\*CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly- **A Recente Estetização da Política Brasileira:** o Voto como Equivalente Geral no Consumo de Bens. Texto apresentado no XVII Encontro Anual da ANPOCS, 1993.

\*CASTRO, Maria Ceres Spinola- Deveras, uma Fabulação do Real? IN **Comunicação e Cultura Contemporâneas.** Rio de Janeiro: Compós/ Notrya, 1993.

\*COHN, Gabriel- **Comunicação e Indústria Cultural.** São Paulo: Nacional/Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

\*COHN- BENDIT, D.- **O Grande Bazar.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

\*COHN- BENDIT, D., SAUVAGEOT, J., DUTEUIL, JP, GEISMAN, A.- **A Revolta Estudantil.** Rio de Janeiro: Laudes, 1968.

\*CONNOR, Steven- **Cultura Pós- Moderna:** Introdução às Teorias do Contemporâneo. São Paulo: Loyola, 1992.

\*CURRAN, J., SMITH, A. & WINGATE, P. (org.)- **Impacts and Influences:** Essays on Media Power in Twentieth Century. London/New York: Methwen, 1987.

\*DA MATTA, Roberto- **Carnavais, Malandros e Heróis.** Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

\*DUMONT, Louis- **O Individualismo:** uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

\*ECO, Umberto- **Viagem na Irrealidade Cotidiana.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

\_\_\_\_\_ **Apocalípticos e Integrados.** São Paulo: Perspectiva, 1970.

\*EISENSTAD, S.N.- **De Geração a Geração**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

\*EWEN, Stuart- **All Consuming Images: The Politics of Style in Contemporary Culture**. New York: Basic Books, 1988.

\*FORACCHI, Marialice M.- **O Estudante e a Transformação da Sociedade Brasileira**. São Paulo: Nacional, 1965.

\_\_\_\_\_**A Juventude na Sociedade Moderna**. São Paulo: Pioneira, 1972.

\*FREI BETO- **Das Catacumbas: cartas da prisão 1969-1971**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

\*GABEIRA, Fernando- **Nós que Amávamos Tanto a Revolução**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

\*GEERTZ, Clifford- **Local Knowledge: Further Essays in Interpretative Anthropology**. New York: Basic Books, 1983.

\_\_\_\_\_**Negara: o Estado Teatro no Século XIX**. Lisboa: Difel, 1991.

\*GIDDENS, Anthony- **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

\_\_\_\_\_**Modernity and Self- Identity: Self and Society in the Late Modern Age**. Cambridge: Polity Press, 1992.

\*GLUCKMAN, Max- **Politics Law and Ritual in Tribal Society**. Oxford: Basil Blackwell, 1967.

\*HALL, Stuart, & JEFFERSON, Tony (edit.)- **Resistance Through Rituals: Youth Subcultures in Post- War Britain**. London: Hutchinson & Co, 1976.

\*HARVEY, David- **Condição Pós- Moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

\*HEBDGE, Dick- **Hiding in the Light**. London and New York: Routledge, 1988.

\*HOLANDA, Heloisa Buarque de- **Cultura e Participação nos Anos 60**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\*JAMESON, Fredric- Postmodernism, or the Cultural Logic of Late Capitalism. IN **New Left Review**, n.146

El Posmodernismo o la Logica del Capitalismo Avanzado. Barcelona: Ediciones Paidós, 1991.

\*KEMP, Kênia- **Grupos de Estilo Jovens: O 'Rock Underground' e as Práticas (contra) Culturais dos Grupos 'Punk' e 'Trash' de São Paulo**. Tese de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1993.

\*LYOTARD, Jean François- **O Pós- Moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

\*MAGNANI, José Roberto Cantor- **Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\*MARCONDES Filho, Ciro- **Quem Manipula Quem? Poder e Massas na Indústria da Cultura e da Comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1986.

Política e Imaginário nos Meios de Comunicação de Massa no Brasil. São Paulo: Summers, 1985.

\*MARTINS Filho, João Roberto- **Movimento Estudantil e Ditadura Militar (1964/1968)**. Campinas: Papirus, 1987.

\*Matos, Heloisa (org.)- **Mídia, Eleições e Democracia**. São Paulo: Scritta, 1994.

- \*MAUSS, Marcel- **Uma Categoria do Espírito Humano: a Noção de Pessoa.** Mimeo
- \*MCLUHAN, Marshal- **A Galáxia de Guttemberg: a Formação do Homem Tipográfico.** São Paulo: Nacional/Ed. da Universidade de São Paulo, 1972.
- \*MELO, Hygina Bruzzi de- **A Cultura do Simulacro: Filosofia e Modernidade na Obra de Jean Baudrillard.** São Paulo: Loyola, 1988.
- \*MENDES Júnior, Antonio- **Movimento Estudantil no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1981.
- \*MEYEROWITZ, Joshua- **No sense of Place: The Impact of Eletronic Media on Social Behaviour.** Oxford: Oxford University Press, 1986.
- \*MONTES, Maria Lúcia A.- **Lazer e Ideologia: a Representação do Social e do Político na Cultura Popular.** Tese de Doutoramento. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1983.
- \*NOVAES, Adauto (org.)- **Rede Imaginária: Televisão e Democracia.** São Paulo: Companhia das Letras/ Sec. Mun. da Cultura, 1991.
- \*OLALQUIAGA, Celeste- **Megalopolis: Contemporary Cultural Sensibilities.** Minneapolis: Minnesota University Press, 1992.
- \*OLIVEIRA, Roberto Cardoso de- **Pós- Modernidade.** Campinas: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1987.
- \*PAVIS, Patrice- **Diccionario del Teatro: Dramaturgia, Estetica, Semiologia.** Barcelona: Ediciones Paidós, 1983.
- \*PEREIRA, Carlos Alberto M. e MIRANDA, Ricardo- **Televisão** (col. O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira). São Paulo: Brasiliense, 1983.

\*POERNER, Arthur Jose- **O Poder Jovem: História da Participação Política dos Estudantes Brasileiros.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

\*RAMOS, José Mário Ortiz- **Cultura de Massa, Novas Tecnologias e Pós- Modernidade.** Texto apresentado no XVII Encontro Anual da ANPOCS, 1993.

\*RIBEIRO Júnior, Jorge C. N.- **A Festa do Povo: Pedagogia de Resistência.** Petrópolis: Vozes, 1982.

\*RODRIGUES, Alberto Tosi- Estudantes na Política, em Tempos de Mobilização e Crise. IN **São Paulo em Perspectiva.** janeiro/ março, 1993.

\*RUBIM, Antonio Albino Canelas- Política em Tempos de Media: impressões de Crise. IN **Comunicação e Cultura Contemporâneas.** Rio de Janeiro: Compós/Notrya, 1993.

\*SANFELICE, José Luiz- **Movimento Estudantil: a UNE na Resistência ao Golpe de 64.** São Paulo: Cortez, 1986.

\*SOMERS, Margaret R.- **The narrative constitution of identity: a relational and network approach.** IN Theory and Society- n°23/5 outubro de 94

\*TURNER, Victor- **The Ritual Process: Structure and Anti- Structure.** London: Routledge, 1969.

\_\_\_\_\_ **Dramas, Fields and Methafors: Symbolic Action in Human Society.** London: Cornell University Press, 1974.

\*VÁRIOS- **Revista de Critica Cultural n. 6 .** Santiago de Chile, 1993.

\*VENTURA, Zuenir- **1968: O Ano que não Terminou.** Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1988.

\*VELHO, Gilberto- **Individualismo e Cultura**: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

\*WEBER, Maria Helena- A Cara Pintada da Política. IN **Comunicação e Cultura Contemporâneas**. Rio de Janeiro: Compós/Notrya, 1993.

\*WOLTON, Dominique- **Elogio do Grande Público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Editora Ática, 1996.

## **OBRAS DE REFERÊNCIA**

\*Dicionário Crítico de Sociologia  
BOUDON, Raymond e BAURRICAUD, François (ed)  
São Paulo: Editora Ática, 1993.

\*Dicionário de Ciências Sociais  
Rio de Janeiro: Ed, Fundação Getúlio Vargas, 1986.

\*Diccionario de Ciencias Sociales  
Madrid: Instituto de Estudios Politicos, 1975.

\*International Encyclopedia of the Social Sciences  
NY: The Macmillan Company & the Free Press, 1968.

\*Polis: Enciclopedia Verbo da Sociedade e do Estado  
Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1985.